

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

TIAGO SUCHECKI

A TRAJETÓRIA DE JEAN MAURICE FAIVRE (1795 – 1858) E AS
REPRESENTAÇÕES DA COLÔNIA AGRÍCOLA THEREZA CHRISTINA, SERTÕES
DO PARANÁ

PONTA GROSSA
2022

TIAGO SUCHECKI

A TRAJETÓRIA DE JEAN MAURICE FAIVRE (1795 – 1858) E AS
REPRESENTAÇÕES DA COLÔNIA AGRÍCOLA THEREZA CHRISTINA, SERTÕES
DO PARANÁ

Programa de Pós-graduação em História da
Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Área de concentração: História, Cultura e
Identidades. Linha de pesquisa em Discurso,
representações: produções de sentidos.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Luiz DeNipoti

PONTA GROSSA

2022

S942 Suchecki, Tiago
 A trajetória de Jean Maurice Faivre (1795-1858) e as representações da colônia agrícola Thereza Christina, sertões do Paraná / Tiago Suchecki. Ponta Grossa, 2022.

160 f.

Dissertação (Mestrado em História - Área de Concentração: História, cultura e identidades), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Cláudio Denipoti.

1. Jean Maurice Faivre. 2. Colônia Thereza Christina. 3. Representações paranistas. I. Denipoti, Luiz Cláudio. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. História, cultura e identidades. III.T.

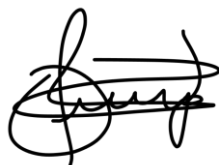
CDD: 981.62

TERMO DE APROVAÇÃO

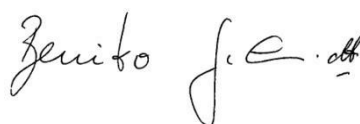
Tiago Suchecki

A trajetória de Jean Maurice Faivre (1795 -1858) e as representações da colônia agrícola Thereza Christina, sertões do Paraná.

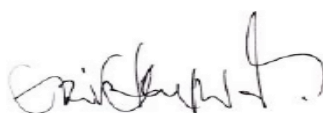
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História- Mestrado em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 05 de dezembro de 2022, pela seguinte banca examinadora:



Prof. Dr. Cláudio DeNipoti (Orientador)



Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt (UFRGS)



Prof. Dr. Erivan Cassiano Karvat (UEPG)

Dedico este trabalho a minha mamusca Rita Aparecida de Souza Paes (in memoriam), que se foi cedo, mas continua sendo minha maior força e inspiração de vida.

AGRADECIMENTOS

A filosofia africana *Ubuntu* ressalta que nossa existência está conectada com a do outro, “eu sou porque nós somos”, reconhecendo que nossas ações não são isoladas. Neste sentido, se faz jus agradecer aos que participaram direta e indiretamente da trajetória desta pesquisa.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a Deus, pelo dom da vida e por ter me dado força para superar todas as adversidades que surgiram nesta trajetória, entre perdas familiares, problemas de saúde e outras limitações desencadeadas pela pandemia do Covid-19.

Ao meu orientador, Cláudio Luiz DeNipoti, que além de excelente professor e intelectual, é um grande ser humano. Agradeço por acreditar em meu projeto e apoiar para que esse sonho fosse possível. Obrigado pelos puxões de orelha que me fizeram amadurecer muito, pelas orientações, pelas conversas e toda a compreensão. Ter sido orientado por você foi um privilégio.

Aos professores Erivan Cassiano Karvat e Cláudia Marques Martinez, que durante a qualificação fizeram importantes apontamentos, críticas construtivas e indicações de leituras, que foram fundamentais para o desenrolar desta pesquisa.

A minha família, por todo seu apoio. Em especial a minha mãe, Rita da Aparecida de Souza Paes (in-memorian), ex-empregada doméstica que conseguiu terminar seus estudos apenas na vida adulta e se especializou ainda em massoterapia, mesmo em meio a diversas dificuldades, sua trajetória sempre foi uma inspiração de vida. E também minha irmã, Tatiana Suchecki Guazina, que sempre me incentivou a estudar e acreditou no meu potencial em momentos que nem eu acreditava. Elas foram fundamentais nesta caminhada.

Aos meus amigos, pelas conversas e apoio. Em especial aos que fiz trabalhando no IFPR de Telêmaco Borba, Andréa Mazurok Schactae, Danilo Henrique Divardin, Ronaldo Bressan Pes e Roseilda Maria da Silva, que me incentivaram a continuar na docência em um momento de desânimo. As trajetórias destes profissionais foram grande inspiração para não desistir.

A Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG e ao Programa de Pós Graduação em História – PPGH, pela oportunidade de estar realizando o mestrado gratuitamente. Aos professores, Robson Laverdi, Alessandra Izabel de Carvalho, Erivan Cassiano Karvat, Evelyn Roberta Nimmo e Maria Paula Costa, que ministraram disciplinas e compartilharam seus conhecimentos que levarei para o resto da vida. E ainda aos colegas de mestrado e integrantes do Núcleo de Pesquisa em História Intelectual, cujas discussões frutíferas, contribuíram para refletir a trajetória desta pesquisa.

RESUMO

Tendo em vista a categorização criada por romances históricos de socialista utópico, para o médico francês Jean Maurice Faivre (1795 – 1858) no que tange à fundação da colônia agrícola Thereza Christina em 1847, na quinta comarca da província de São Paulo, hoje estado do Paraná, o presente trabalho de dissertação tem por objetivo compreender os aspectos sociais, políticos, e culturais da trajetória de Faivre. Todavia, a análise não se restringe apenas a sua face de colonizador, como as biografias tradicionais, mas incorpora a esta a face de filho, médico, pai e intelectual. Para o alcance do almejado, é realizado um resgate documental, mais especificamente manuscritos de Faivre sobre a idealização da colônia, cartas de comunicação e relatórios dos presidentes da província regional do Paraná entre 1847 e 1858, abordando uma crítica interna e externa destas fontes. Metodologicamente é utilizado o viés da vida cotidiana, proposto pelo historiador Benito Bisso Schmidt em um diálogo com a sociologia. Qual resulta em um estudo de trajetória multifacetado, em que a compreensão das instituições sociais e os círculos de sociabilidades que perpassam o processo de socialização do indivíduo nos ajudam a compreender suas respectivas ações na sociedade. Tendo em vista que a colônia agrícola não foi um fato isolado na província paranaense, mas sim aliada à política de imigração do governo Imperial e Provincial. Deste modo é problematizada a categorização socialista dada à colônia por narradores do século XXI, analisando as representações criadas para Faivre e a colônia agrícola, percebemos que tais produções de sentidos estão interligadas ao movimento paranista e uma compreensão da história oficial.

Palavras-chaves: Jean Maurice Faivre. Colônia Thereza Christina. Representações paranistas.

ABSTRACT

Considering the categorization created by historical novels of utopian socialist, for the French physician Jean Maurice Faivre (1795 – 1858) regarding the foundation of the agricultural colony Thereza Christina in 1847, in the fifth district of the province of São Paulo, today state of Paraná, this dissertation aims to understand the social, political, and cultural aspects of Faivre's trajectory. However, the analysis is not restricted to his face as a colonizer, as in traditional biographies, but incorporates the face of a son, doctor, father and intellectual. In order to achieve the aim, a documentary rescue is carried out, more specifically Faivre's manuscripts on the idealization of the colony, letters of communication and reports from the presidents of the regional province of Paraná between 1847 and 1858, addressing an internal and external criticism of these sources. Methodologically, the bias of everyday life is used, proposed by historian Benito Bisso Schmidt in a dialogue with sociology. Which results in a multifaceted trajectory study, in which the understanding of social institutions and the circles of sociability that permeate the individual's socialization process help us to understand their respective actions in society. Bearing in mind that the agricultural colony was not an isolated fact in the province of Paraná, but allied to the immigration policy of the Imperial and Provincial government. In this way, the socialist categorization given to the colony by narrators of the 21st century is problematized, analyzing the representations created for Faivre and the agricultural colony, we realize that such productions of meanings are interconnected to the paranista movement and an understanding of the official history.

Keywords: Jean Maurice Faivre. Thereza Christina Colony. Paranist representations.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Os cinco fundadores.....	28
Imagem 2 – Herma de Faivre.....	28
Imagem 3 – Retrato dos fundadores	29
Imagem 4 – Registro do nascimento de Jean Maurice Faivre.....	37
Imagem 5 – Registro do nascimento de Jean Maurice Faivre.....	38
Imagem 6 – Mapa de Saint Maurice.....	39
Imagem 7 – Túmulo de Anne e Marie Faivre	43
Imagem 8 – Lápide de Anne e Marie Faivre.....	44
Imagem 9 – Dissertação de Jean Maurice Faivre	49
Imagem 10 – O estudo de águas termais de Caldas Novas	52
Imagem 11 – Manuscrito de Faivre	61
Imagem 12 – Mapa da bacia hidrográfica do Rio Ivaí	70
Imagem 13 – Iconografia colônia Thereza (1844 – 1846).....	74
Imagem 14 – Mapa da Província de São Paulo	95
Imagem 15 – Mapa da Quinta Comarca da Província de São Paulo	96
Imagem 16 – Planta da Colônia Thereza Christina	111
Imagem 17 – Aquarela do Salto Ubá (1850)	112
Imagem 18 – Retrato do Dr. Faivre. Óleo sobre Tela.....	114
Imagem 19 – Vista do Alto da colônia Thereza Christina.....	117
Imagem 20 – Vista da Colônia Thereza	120
Imagem 21 – Cena do Ivaizinho: Índio pescando com arco e flecha	125
Imagem 22 – Travessia do Salto Ubá	126
Imagem 23 – Livro Saga da Esperança	132
Imagem 24 – Livro Saga da Esperança	135
Imagem 25 – Livro A Utópica Teresevile.....	138
Imagem 26 – Livro Retrato no Entardecer de Agosto	141

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 - MULTIFACES DE JEAN MAURICE FAIVRE	20
1.1 O TRABALHO: missão e virtude	21
1.2 A FAMÍLIA: de filho a pai.....	32
1.3 O ESTUDO: de médico a colonizador.....	44
2 - A COLÔNIA THEREZA CHRISTINA E SUAS REPRESENTAÇÕES	59
2.1 A IDEALIZAÇÃO DE UM PROJETO.....	59
2.2 DO PLANO À PRÁTICA.....	75
2.3 A COLÔNIA AGRÍCOLA ENTRE 1847 À 1858.....	88
2.3.1 Os primeiros anos	89
2.3.2 A jovem colônia na jovem província.....	93
2.4 REPRESENTAÇÕES.....	106
2.4.1 Pioneiros Viajantes.....	107
2.4.1.1 O sucessor Gustavo Rumbelsperger	108
2.4.2 Romances históricos	127
CONCLUSÃO	144
REFERÊNCIAS.....	150
APÊNDICE A: FONTES CONSULTADAS	159

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de dissertação tem por objetivo compreender os aspectos sociais, políticos, e culturais da trajetória do médico francês Jean Maurice Faivre (1795 – 1858), que fundou a colônia agrícola Thereza Christina¹ em 1847, na quinta comarca da província de São Paulo.² A análise não se restringe apenas a sua face de colonizador, mas incorpora a esta a face de filho, médico, pai e intelectual.

O francês estudou medicina na venerada *École de Médecine* de Paris, posteriormente mudou-se para o Brasil, onde exerceu seu ofício no hospital imperial da corte, no Rio de Janeiro, conquistou grande prestígio no Brasil, foi médico particular do Imperador Dom Pedro II e da Imperatriz Thereza Christina, também foi fundador da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro,³ que anos depois se tornou a Academia Nacional de Medicina, ativa até hoje. Mesmo com o sucesso no campo médico Faivre trocou as benesses da corte pela vida nos sertões brasileiro, visto que realizou a idealização e a fundação da colônia agrícola Thereza Christina, com apoio do governo Imperial.

Ao analisar a bibliografia que contempla a temática, desenvolvida predominantemente por escritores paranaenses, de diversas regiões do estado, inclusive localmente, por historiadores do município de Cândido de Abreu, é possível notar um ponto em comum entre os escritos, a categorização da colônia agrícola como uma experiência socialista utópica. Dentre estes estudos estão: *“Colônia Thereza Christina: uma experiência socialista de Jean-Maurice Faivre no centro do Paraná”* (2009); *“O cooperativismo em suas raízes: A formação da Colônia Agrícola Tereza Cristina no Paraná do século XIX”* (2011); *“Dr. Faivre e o berço do cooperativismo”* (2012); *“Jean Maurice Faivre e a Colônia Tereza Cristina”* (2015); *“Colônia Tereza Cristina: um sonho socialista a beira do Ivaí”* (2016); *“Retrato no Entardecer de Agosto”* (2016); e *“A Utópica Tereseville”* (2016). Tal atribuição advém

¹ Com apoio do Governo Imperial, Jean-Maurice Faivre fundou a Colônia Agrícola Thereza Christina, abreviada em Colônia Thereza, depois passou a se chamar Therezina, e, hoje distrito do município de Cândido de Abreu – PR, é conhecido como Tereza Cristina.

² Quando a Colônia foi fundada, pertencia à Quinta Comarca da Província de São Paulo. Em 1853, houve a emancipação da Província de São Paulo com o Paraná, com isso a Colônia passou a pertencer ao território paranaense.

³ A Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro foi organizada com o fim de reunir médicos para debater assuntos específicos sobre saúde e doenças humanas, e também para definir o papel desse grupo frente a questões de saúde pública e do exercício da medicina. O objetivo principal que norteou sua criação, em 30 de junho de 1829, foi o de viabilizar o crescimento das diversas áreas da medicina e ampliar a participação desses profissionais junto ao Governo Imperial em questões referentes à higiene e políticas de saúde pública.

do romance histórico *“Saga da esperança: socialismo utópico à beira do Ivaí”* (2006), escrito pelo advogado Josué Corrêa Fernandes, que antecede as outras e serviu de referência teórica para os poucos trabalhos que existem sobre Jean Maurice Faivre e a Colônia Thereza Christina, percebendo esse ponto analisamos de forma crítica os pressupostos que envolvem a literatura e a história, as biografias escritas por historiadores e as escritas por juristas e jornalistas, com intuito de realizar um estudo da trajetória do médico francês afastado de estereótipos e anacronismos.

De acordo com Dosse (2009, p. 359), a “variação do enfoque analítico, pela mudança constante da escala, que permitem chegar a significados diferentes com respeito às figuras biografadas”. Nesse sentido a análise de Dosse expõem o estudo biográfico enquanto um desafio, visto que o universo biográfico sobrevive à escrita biográfica, possibilitando revisitações e análises a partir de novas questões, estando a “porta” da biografia sempre aberta.

Os estudos biográficos aumentam expressivamente na década de 1980, prova disso são os grandes estudos que se consagraram neste período com foco na trajetória individual. Entretanto, o historiador brasileiro Benito Bisso Schmidt, ressalta em seu artigo *“Construindo biografias... Historiadores e Jornalistas: aproximações e afastamentos”* que em um paradoxo deste crescente número, os historiadores de ofício foram os menos contemplados nesse retorno, a alegria se deu por parte dos jornalistas que, com sua escrita envolvente conquistaram o público e a crítica. Apesar de algumas aproximações entre os historiadores e jornalistas no que diz respeito à abordagem, Schmidt elenca algumas diferenças significativas entre estes estudos:

apesar de tal semelhança, é possível destacar igualmente algumas diferenças importantes entre as biografias produzidas por historiadores e aquelas construídas por jornalistas. Em primeiro lugar, há um tratamento diferenciado das fontes de pesquisa. A historiografia, apesar de suas significativas transformações teóricas e metodológicas recentes, manteve-se fiel à tradição da crítica (interna e externa) aos documentos (SCHMIDT, 1997, p. 8).

Conforme ressalta Schmidt (1997), a biografia realizada pelo historiador, tem um processo diferenciado no manuseio das fontes, questionando e criticando esses documentos, quem os produziu? Em que tempo? Com quais interesses? Sua posição permitia dispor de informações fidedignas? Segundo o historiador Antoine

Prost, só o historiador de ofício consegue desenvolver essa metodologia crítica das fontes,

é necessário ser historiador para criticar um documento porque, no essencial, trata-se de confrontá-lo com tudo o que já se sabe a respeito do assunto abordado, do lugar e do momento em questão; em determinado sentido a crítica é a própria história e ela se afina a medida que a história se aprofunda e se amplia (PROST, 2008, p.57).

Tendo em vista que o que sobrevive do passado não é o conjunto do que existiu, mas por escolhas de forças que operam o desenvolvimento temporal da humanidade, Jacques Le Goff traz importantes análises acerca da história e memória, diferenciando os monumentos (heranças do passado) dos documentos (escolhas dos historiadores), deste modo uma única crítica dos documentos é insuficiente, devendo explorar todas as possibilidades e intencionalidades, sejam elas conscientes ou inconscientes.

A principal fonte deste trabalho é o manuscrito em francês, intitulado *Princípios usando a base de um modo de colonização para o Brasil*, escrito por Maurice Faivre, que começou a ser elaborado no Rio de Janeiro, em 4 de novembro de 1844, e foi concluído em Paris, em 1846. Esta fonte permite analisar a idealização, as influências e os contextos históricos na fundação da colônia agrícola Thereza Christina. Tal documento está disponível na Biblioteca Nacional da França, ou também através da biblioteca digital gratuita *Gallica*.

Entre as fontes também estão documentos de época, mais especificamente relatórios dos presidentes de província⁴ e cartas escritas por lideranças políticas, que permitem compreender os desdobramentos da colônia agrícola Thereza Christina, entre os anos de 1847 e 1858. Tais documentos permitem analisar o estado, as regras de convivência, a produção, características físicas do local e solicitações das demandas da colônia, elementos que nos dão um panorama aprofundado do objeto de estudo, uma vez que são documentos que contemplam informações sobre a colônia e escritos por Faivre, que nos ajudaram a compreender

⁴No ano de 1823 foi instituído no Brasil o cargo de presidente de província, cada presidente nomeado pelo imperador teria o dever de: administrar os órgãos e serviços da província, as obras públicas, tesouraria provincial e secretaria de governo; sancionar, vetar e executar leis na província; e nomear, suspender e demitir os empregados da província. A constituição imperial de 1824, expõe mais claramente esse aspecto no artigo 165, "Haverá em cada Província um Presidente, nomeado pelo Imperador, que o poderá remover, quando entender, que assim convém ao bom serviço do Estado".

seus respectivos pensamentos e ações. Estas fontes estão digitalizadas e disponíveis no acervo de documentos do site virtual do Arquivo Público do Paraná, catalogadas no acervo do Centro de Bibliotecas e Pesquisas de Chicago e também se encontram físicas no prédio institucional, localizado na cidade de Curitiba.

Para corroborar na compreensão, foram utilizadas fontes complementares, como as publicações dos jornais: *Dezenove de Dezembro*, *Diário do Rio de Janeiro* e *Jornal do Commercio*, esses materiais noticiaram informações pertinentes acerca de Jean Maurice Faivre no Brasil e a colônia Thereza. Essas fontes podem ser acessadas virtualmente na Biblioteca Nacional Virtual.

Tais fontes são tratadas com a metodologia crítica externa e interna. Sendo compreendida como crítica externa o papel físico, observando a originalidade ou não dos documentos, a escrita em que a paleografia e a filologia são fundamentais, principalmente no mapeamento de conceitos utilizados que não existiam na época, fato que se torna de extrema importância já que os escritores definem a experiência do médico francês como socialista utópica, observando então a alteridade da linguagem nas fontes, em linhas gerais essa primeira análise atenta-se à parte física do documento.

Sob a ótica da crítica interna, buscamos observar os conteúdos dos documentos, as datas, a coerência dos fatos apresentados, haja vista que estes estão entrelaçados a um contexto e uma estrutura. Também se buscou indagar a fonte, se há um interesse em ocultar a verdade, no que diz respeito ao jogo político, principalmente pelo fato das fontes analisadas nesta pesquisa serem relatórios enviados à província, em comunicação oficial. Pensar se a pessoa que produziu aquele relato, mesmo que com intenções de produzir a verdade, será capaz de produzi-la? Essas questões movem a necessidade de contextualização e re-contextualização das fontes. Todo testemunho possui falha, seja por falta de atenção em determinadas questões, pela falta de interesse, ou pela memória, o que se esqueceu, ou lembra-se vagamente. Em síntese cada documento deve ser visto como único e específico.

Além dos objetivos de analisar a fundo o conceito de socialismo utópico empregado para a colônia agrícola e realizar uma problematização entre história e literatura, este trabalho busca compreender as influências das instituições sociais e do processo de socialização na vida de Jean Maurice Faivre, para que por

consequente compreendamos suas respectivas ações e pensamentos, e ainda como elas dialogam com os intelectuais do século XIX.

As biografias até o final do século XVIII e início do século XIX, seguiam aquele espectro de *história maestra vida*, ou seja, a partir de exemplos positivos e negativos a história ensina e ilumina o futuro. Tal prática remonta aos gregos na antiguidade clássica, com Tucídides e depois Cícero, em que a história narrava figuras heroicas, um arquétipo humano que poderia vencer os próprios Deuses. A obra de Plutarco, *Vidas Paralelas* é um bom exemplo de verificar esse modelo de escrita, qual a história de grandes homens é um espelho para os outros indivíduos. Segundo Françoise Frazier (1996), em Plutarco percebemos um civismo moral, pois ele busca, no passado, ensinamentos para o presente com os exemplos de seus personagens:

Plutarco desenvolve uma lição de civismo e desenha um ideal de homem da cidade nutrido pelo passado e, no entanto, profundamente atual. A escolha que ele fez de contar as “Vidas” de grandes homens do Estado do passado não deve ser confundida, de maneira alguma, com um *laudatio temporis acti* nostálgico [...] suas biografias tentam recuperar a herança grega para nutrir a vida da cidade moderna (FRAZIER, 1996 apud SCHMIDT, 2003, p. 58 – 59).

No período medieval essa prática foi retomada pelo cristianismo e pelos historiadores, nas hagiografias, que narravam as vidas de santos com objetivo pedagógico, modelos de conduta, fé, virtude, caridade, castidade, etc. Segundo Saúl Antônio Gomes (2014, p.30), a hagiografia “corresponde a uma narrativa devidamente planejada e ordenada, com o objetivo de elevar a mente do crente para as imaterialidades metafísicas ou divinas”.

Todavia, essa característica de exemplos de vidas santas entraram em declínio com o século das luzes, no qual os filósofos iluministas propagavam ideais de que todos os homens nascem livres e iguais, dando espaço assim para as biografias e autobiografias de “pessoas menos exemplares”, podemos citar como exemplo a autobiografia *Confissões* de Jean Jacques Rousseau, em que o autor narrou sua vida de forma sincera, expondo seus momentos vergonhosos, suas mentiras desde tão jovem, enfim demonstrando o obscurantismo da sociedade e a verdadeira natureza do homem. Rousseau (1964, p.15) ressaltou seu interesse com a obra: “quero mostrar aos meus semelhantes um homem em toda a verdade da natureza, e esse homem serei eu”, muito diferente da autobiografia *Confissões* de

Santo Agostinho, que narrava sua vida de vícios e o caminho traçado para sua conversão, caracterizando a sua santidade como virtude entre os homens.

No século XIX o positivismo comteano ganhou força, e os princípios do empirismo influenciaram os historiadores que começaram a ter por base os documentos públicos e oficiais, produzindo assim no campo biográfico a história dos “grandes homens”. Segundo Schmidt (1996, p.11) “os biógrafos de inspiração positivista celebram os heróis da sociedade, dignos de servirem de exemplo para os seus contemporâneos”. Tal perspectiva foi extremamente contestada pelo marxismo, pois Karl Marx condicionava a ação do indivíduo a uma determinação mais ampla, a produção das condições materiais de existência, nessa nova perspectiva as biografias pensavam sobretudo nas estruturas sociais, principalmente na infraestrutura econômica e nas classes sociais. Schmidt (1996, p.15) ressalta que “na historiografia marxista, a biografia foi considerada um gênero menor”, já que as estruturas sociais tinham um peso maior do que as trajetórias de vida.

Adentrando mais no campo da teoria da história, a escola dos *Annales* surgiu como uma reação a perspectiva positivista dos grandes homens, propuseram um diálogo entre as ciências humanas, tais como a geografia, a sociologia e a economia, entretanto mesmo com essas diversas mudanças no campo da história, as biografias consideradas científicas que chegavam às livrarias, continuavam sendo de homens “célebres”.

Como já mencionado o gênero biográfico ganhou grande espaço na década de 1980. O “boom biográfico” evidenciou a crise do presentismo e a onda dos novos interesses pela história-memória. Segundo Schmidt a biografia incorporou as críticas que foram feitas a ela, deste modo mostrando que esse gênero tão velho pode ainda renovar-se e desenvolver novas possibilidades de se compreender, escrever e construir a história (SCHMIDT, 2003). Nas palavras de Antoine Prost:

Neste novo contexto, a biografia mudava de status e encontrou uma legitimidade. Mas esta não é mais exatamente a mesma biografia, e não é mais apenas aquela dos “grandes” homens: ela busca menos determinar a influência do indivíduo sobre os eventos do que compreender, através dele, a interferência de lógicas e a articulação de redes complementares (PROST, 1996, p. 86).

Um dos autores que se mostraram contra a biografia factual, cronológica e retilínea é o sociólogo francês Pierre Bourdieu, considerando que a vida não é um

conjunto coerente orientado por uma objetividade lógica, tendo categorizado esses escritos como *Ilusão Biográfica* (2011), visto que tais escritos não conseguiam exprimir a totalidade de uma existência humana.

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metro sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações (BOURDIEU, 2011, p. 189 – 190).

Muitas das críticas que o gênero biográfico sofreu, resultam da escolha dos indivíduos a serem biografados, “figuras ilustres”, “grandes homens”, talvez pela ausência de documentos para se escrever sobre a vida de pessoas comuns. Tal abordagem é tida como história dos vencedores, ou também história oficial, que exclui diversas minorias e soterra agentes motores da história, entretanto os historiadores vêm conseguindo escrever obras biográficas de indivíduos que se incluem em grupos antes não contemplados, tais como, mulheres, negros, indígenas, operários, etc.

A exemplo disto podemos citar a obra *“O Queijos e os Vermes: o cotidiano e a história de um moleiro perseguido pela inquisição (1976)”* do historiador Carlo Ginzburg, na perspectiva metodológica da micro história o autor apresenta as relações entre estado e religião, envolvendo a Inquisição no século XVI, com a figura do moleiro Domenico Scandella, conhecido como Menocchio. A micro história e a “história vista de baixo” vem sendo inspiração para análise de trajetórias biográficas (SCHMIDT, 2003).

Assim como Schmidt, a historiadora Sandra Jatahy Pesavento ressalta através da metáfora do homem que se divide em dois mundos, do corpo e da alma, a importância da abordagem metodológica da micro história.

A micro-história ousaria ser capaz de produzir, duas formas de conhecimento da realidade: uma que produz um saber sobre as coisas que podem ser medidas e mesmo comprovadas, e que pertence ao reino do corpo do mundo, da observação direta do real; outra que constrói um saber sensível, através de indícios, de sensibilidades, emoções e valores, por vezes imperceptíveis, que têm na imaginação o seu potencial criador e que fazem parte daquilo que pode ser definido como a alma do mundo (PESAVENTO, 2004, p. 188).

Esse desafio da microanálise, propicia ao pesquisador atingir as sensibilidades dos homens do passado, revelar como eles representavam a si próprios e o mundo. Deste modo podemos compreender esse mundo simbólico em que o indivíduo se apresenta como um ser multifacetado.

Segundo Born (2001, p.243) “a trajetória de vida pode ser descrita como um conjunto de eventos que fundamentam a vida de uma pessoa”. Deste modo para compreender os desenrolares de uma trajetória de vida é preciso compreender as colocações e os descolamentos no espaço social, nesse sentido a partir dessa superfície social se apresentaria a pluralidade de uma trajetória de vida em suas múltiplas faces.

Tendo em vista esses aspectos desafiadores que o campo biográfico contém, o viés metodológico que se apresentou como mais pertinente para este trabalho é o de Schmidt, que ressalta a vida cotidiana como uma possibilidade de compreensão de uma existência. O autor colocou essa metodologia em prática em sua dissertação de mestrado intitulada “*Uma reflexão sobre o gênero biográfico: a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868-1945)*” defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O que era para ser uma conversa entre um vivo e um morto transformou-se em uma ensurdecadora miscelânea de sons. A maneira de transformar essa barulheira em melodia foi definir uma perspectiva de análise: aquela que me pareceu mais adequada foi a da vida cotidiana (SCHMIDT, 1996. P.5)

Cabe-se mencionar que a vida cotidiana para Schmidt (1996), extrapola o automatismo da vida social, uma vez que ela está presente em qualquer esfera da vida do homem, do consciente ao inconsciente, isso por que através da análise de uma trajetória individual pautada no cotidiano, é potencialmente possível resgatar o personagem de estudo em suas múltiplas faces, aquele que exerce vários papéis sociais, ou como Agnes Heller (1989) descreve na obra *O Cotidiano e a História*: “a vida cotidiana é a vida do homem inteiro”. Desta forma Schmidt acaba fugindo da cronologia que predomina nos estudos biográficos, e sua metodologia de análise biográfica propicia atingir um dos objetivos deste trabalho, o resgate de uma trajetória multifacetada de Jean Maurice Faivre.

Devemos lembrar que este estudo de trajetória é uma conversa entre um vivo e um morto. Deste modo é necessário compreender a trajetória desta pesquisa e a

ligação existente entre o pesquisador (o vivo), o objeto de investigação (o morto) e as lacunas da história, acompanhadas por acontecimentos e silêncios que motivaram questões norteadoras neste trabalho.

Nasci em um município do estado do Paraná chamado de Cândido de Abreu, na minha formação educacional dentro do município aprendi sobre a história da cidade, sempre enaltecendo a visão dos imigrantes poloneses e ucranianos dos quais descendem boa parte dos munícipes candidoabreuenses. Entretanto em 2016 ainda acadêmico de sociologia, comecei a ser professor regente no distrito de Cândido de Abreu denominado de Tereza Cristina, neste lugar tive o conhecimento de que o distrito em questão antecedia a formação do próprio município, um distrito que outrora tinha sido a colônia agrícola Thereza Christina, fundada pelo médico francês Jean Maurice Faivre em 1847.

Esse fato me despertou inúmeras curiosidades e dúvidas, por que só naquele momento eu fui conhecer aquele pedaço da história que por conseguinte é o pedaço da minha história? Por que os estudos sobre a colônia eram tão escassos? Seria falta de informação ou seria uma história soterrada?

Concomitante a isso no ano de 2017 entrei no curso de graduação em História da Universidade Estadual de Maringá – UEM, Campus Regional do Vale do Ivaí – CRV, no qual desenvolvi um Projeto de Iniciação Científica – PIC, com a orientação da professora Doutora Neilaine Ramos Rocha de Lima, com o objetivo de sanar as dúvidas acumuladas sobre a história do município de Cândido de Abreu e compreender melhor a formação da colônia agrícola Thereza Christina. Produzi um trabalho intitulado “O ideário de Jean Maurice Faivre”, entretanto esse projeto de pesquisa tomou rumos lentos e, ao findá-lo, enormes lacunas ainda persistiam ao passo que me debruçava em estudar o assunto, daí surgiu meu interesse em levar essas dúvidas para uma pesquisa e dissertação de mestrado.

Durante as primeiras pesquisas me deparei com uma escassez de estudos que envolviam a colônia agrícola Thereza Christina, entretanto como já citado acima, havia algo em comum em todos estes trabalhos, todos citavam como referencial teórico o livro *Saga da Esperança: Socialismo Utópico à Beira do Ivaí*, escrito pelo advogado Josué Corrêa Fernandes, que ressalta a vida e obra do médico francês Jean Maurice Faivre. Ao me deparar com o romance histórico surgiram inúmeras indagações acerca das afirmações contidas na obra. Como o próprio nome da obra

já denota existe uma categorização de que a colônia foi socialista utópica, nessa mesma linha de raciocínio outras obras foram cunhadas com essa categorização.

Tendo em vista as considerações expostas até aqui, esta dissertação foi estruturada em dois capítulos. O primeiro capítulo busca reconstruir a trajetória de vida do médico francês Jean Maurice Faivre. Busca-se a partir da metodologia da vida cotidiana compreender o biografado como um ser multifacetado repleto de subjetividade e ainda estabelecendo um diálogo com a sociologia, investigar como suas ideias dialogam com as instituições e redes de sociabilidade que cercam seu processo de socialização.

No segundo capítulo a ênfase do estudo da trajetória de Jean Maurice Faivre se dá na idealização e fundação da colônia agrícola Thereza Christina em 1847, compreendendo como a experiência está interligada com a conjuntura brasileira do século XIX, com as demandas, os problemas e as ocorrências da colônia entre os anos de 1847 e 1858, por meio de relatórios dos diretores da colônia e dos presidentes da província regional do paraná. Para complementar a dissertação, neste capítulo é apresentada uma revisão bibliográfica e discussão que envolve o espaço de representaes, buscando compreender a caracterizao de socialismo utópico empregada em romances históricos, para a colônia Thereza.

1 - MULTIFACES DE JEAN MAURICE FAIVRE

Neste capítulo será feito um estudo sobre a trajetória de Jean Maurice Faivre que conforme vimos, fundou, em 1847, a colônia agrícola Thereza Christina. Contudo, antes de pensarmos a realidade vista pelos intelectuais, devemos pensar em compreender essa realidade, tal como é vista pelo senso comum, uma alternativa para a compreensão do processo de sociabilidade é a vida cotidiana. De acordo com a filósofa Ágnes Heller,

A vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade. E, ao contrário, não há nenhum homem, por mais “insubstancial” que seja, que viva tão somente na cotidianidade, embora essa o absorva preponderantemente (HELLER, 2016, p. 16).

Ou seja, o homem participa da vida cotidiana em todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela o indivíduo “executa” todas as suas capacidades intelectuais, sentimentos, paixões, ideologias, percepções e ideias.

Segundo Berger e Luckmann (2004, p. 35), “a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentidos para eles na medida que forma um mundo coerente”. Conforme apontou os sociólogos, é neste campo cotidiano que o homem percebe as ações humanas, interage com as pessoas e forma o mundo social.

O homem é biologicamente predestinado a construir e habitar um mundo com os outros. Este mundo torna-se para ele a realidade dominante e definitiva. Seus limites são estabelecidos pela natureza, mas, uma vez construído, este mundo atua de retorno sobre a natureza. Na dialética entre a natureza e o mundo socialmente construído, o organismo humano se transforma. Nesta mesma dialética o homem produz a realidade e com isso produz a si mesmo (BERGER E LUCKMANN, 2004, p. 241).

Nesse sentido a socialização liga o microcosmo ao macrocosmo. As instituições sociais, os agentes socializadores, as redes de sociabilidade e tudo o que compõe esse processo de socialização possibilita compreender as influências econômicas, políticas, sociais e culturais que o indivíduo teve ao decorrer de sua vida, assim, por conseguinte compreendamos suas respectivas ações na sociedade.

Tendo em vista estes aspectos apresentados, o indivíduo Faivre neste trabalho será visto como um ser histórico construído socialmente, em suas múltiplas faces, o filho Faivre, o marido Faivre, o pai Faivre, o médico Faivre e também o Intelectual Faivre, já que suas ideias são cruciais para a compreensão da fundação da colônia agrícola.

1.1 O TRABALHO: missão e virtude

A vida no trabalho, é um espaço que nos permite compreender não só os indivíduos, mas também as estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais que os cercam.

Schmidt em sua obra *“Um Socialista no Rio Grande do Sul: Antônio Guedes Coutinho (1868 – 1945)”*, que é um desdobramento de sua dissertação de mestrado, utiliza do viés metodológico da vida cotidiana para analisar a personalidade do socialista Coutinho. No capítulo dois, intitulado *“O Trabalho: necessidade e valor”*, o autor demonstra que o cotidiano não pode ser estudado isoladamente, sem referências. O historiador narra a trajetória diversa que envolveu as experiências de trabalho de Coutinho. A alternância do trabalho de alfaiate para o de operário têxtil, fruto das transformações da sociedade industrial capitalista. E também o trabalho como professor e jornalista, descrevendo este como um valor, próprio da influência do disciplinamento da sociedade urbano-industrial (SCHMIDT, 2000).

A valorização do bom trabalhador é uma das facetas do processo de disciplinamento da sociedade que acompanha a constituição da ordem urbano-industrial. Coutinho vivenciou essa realidade no Brasil, mas também bebeu de outra fonte para construir sua construção positiva do trabalho: a teoria socialista, que conferia a centralidade valorativa ao produtor direto. Tal pressuposto embasou a identidade de classe por ele formulada e serviu de luta contra a burguesia, representada como classe ociosa. (SCHMIDT, 2000. P.44)

Deste modo Schmidt (2000) elenca a importância da corrente filosófica e política socialista na construção identitária de Coutinho, salientando ainda que o espaço cotidiano é controlado pelo sistema capitalista, já que esse automatismo que o define possui enorme ligação com alienação. Um exemplo dessa construção trabalhista na vida de Coutinho é pensar a própria jornada de trabalho fabril. Com o

inverno chegando o trabalhador precisa sair em meio a condições inóspitas para seu ambiente de trabalho, sem poder dormir um pouco mais, já o dono da fábrica pode desfrutar de mais tempo de repouso no aconchego de sua casa. Em contraponto a essa rotina capitalista, Coutinho tem sua própria consciência histórica para fazer esta análise, na medida que antes de adentrar no trabalho fabril era alfaiate, por conseguinte acostumado a controlar seu tempo de trabalho, ou seja, mais livre, menos desgastante e alienante.

Ao passo que Coutinho adentra na atividade empregatícia de professor, arraiga sua bagagem social e trata essa atividade não apenas como um emprego, mas como uma missão político-social,

A instrução dos operários e de seus filhos não era vista por Coutinho apenas como um emprego, mas como uma missão de carácter político, uma arma de luta contra o capitalismo (SCHIMIDT, 2000. P.55)

Neste capítulo citado Schmidt (2000) demonstra como a identidade é definida a partir de experiências comuns, dentre elas o trabalho, num primeiro momento tratado como um viés de sobrevivência, como necessidade, principalmente pelas consequências causadas pelas transformações da sociedade urbano-industrial e posteriormente como um valor, todavia não como um valor alienado como a frase “o trabalho dignifica o homem”, mas sim na consciência deste trabalho, próximo a corrente socialista, ou como já elencado mais livre, menos alienante e desgastante.

Partindo desta possibilidade de análise, este subtítulo apresenta a face de trabalhador de Jean Maurice Faivre em duas esferas: missão e virtude. Missão no sentido de vir para o Brasil atuar como médico, mesmo sabendo que o país tinha muitas defasagens no campo da medicina, diferente da França que era espelho para muitas práticas médicas no início do século XIX. E a virtude, visto que abandonou as benesses da corte para idealizar e dirigir um empreendimento de colonização nos sertões paranaense. Deste modo através de seus feitos no mundo do trabalho, poderemos refletir não só sobre a trajetória de Faivre, mas também o contexto brasileiro e algumas transformações históricas ocorridas entre o século XVIII e o século XIX.

O Brasil nas primeiras décadas do século XIX tinha uma conjuntura turbulenta. Do grito de independência em 1822 até a primeira constituição brasileira, outorgada em 1824, problemas econômicos e a falta de uma identidade nacional

contribuíram para uma onda de movimentos separatistas que desestabilizaram o governo de Dom Pedro I, esse cenário se agrava ainda mais com Guerra da Cisplatina.

Neste contexto conturbado de problemas econômicos, políticos e sociais, em que se tentava construir um novo Estado, foi que em 1826, um ano depois de graduar-se em medicina na *Faculté de Médecine* de Paris, Jean Maurice Faivre com trinta anos de idade, desembarcou no Rio de Janeiro. Com o desejo de exercer a medicina em nosso país, foi à Físicatura-mór⁵ para validar seu diploma.

De acordo com o artigo *Jean Maurice Faivre*, escrito por Lourival Ribeiro (1990), o Físico-mor Francisco Manoel de Paula analisou os documentos de Faivre e designou o local e os membros da comissão para examiná-lo. Esse exame ocorreu em 15 de fevereiro de 1827, no Hospital da Santa Casa da Misericórdia, logo após o teste foi lavrado o seguinte auto:

Ano do nascimento do nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e vinte sete aos quinze dias de fevereiro nesta muito Heróica e Leal cidade do Rio de Janeiro no consistório da Santa Casa da Misericórdia onde foi vindo o Conselheiro Francisco Manoel de Paula que serve de físico-mor do império comigo Escrivão do seu cargo e médicos da Imperial Câmara abaixo assinados e tendo ai examinado João Maurice Faivre,⁶ e sendo por ele apresentado os diários aos deantes juntos, resultado e relatório de suas observações feitas a cabeceiras de três doentes que lhe foram designados nas enfermarias do mesmo Hospital acerca do que foi bem assim perguntado teoricamente sendo primeiramente examinado e reconhecido o diploma da Universidade na qual obteve o grau de Doutor em medicina; a tudo respondeu com acerto e inteligência e procedendo a AA e RR achavam-se no escrutínio , AA dando-o assim por aprovado Nemine, Nemine discrepante.
E para constar fiz esse auto em que assinam o dito conselheiro e Examinadores e eu José Veríssimo dos Santos que escrevi e assinei.
José Veríssimo dos Santos.
Mariano José do Amaral.
Barão do Inhomirim (RIBEIRO, 1990, p. 168).

Após ser habilitado a clinicar no Brasil, foi trabalhar no Hospital Militar da Corte, ficando sob sua responsabilidade a 7ª enfermaria de clínica médica. Faivre ganhou destaque pelo seu trabalho, vindo a chefiar a enfermaria que clinicava.

⁵ No Brasil, entre 1808 e 1828, todas as atividades médicas – ou 'artes de curar', como se dizia – eram regulamentadas por uma instituição chamada Físicatura-mor, órgão responsável por conceder autorizações e licenças para a atuação dos terapeutas. Assim, tanto os curandeiros como os terapeutas acadêmicos- médicos e cirurgiões - e práticos - sangradores ou barbeiros, boticários e parteiras - precisavam ter autorização para atuarem. (TORRES, 2008, p.10).

⁶ Em muitos documentos brasileiros percebemos que Jean Maurice Faivre também é tratado pelos nomes João Maurice Faivre e João Maurício Faivre.

Neste período estabeleceu no Hospital um círculo de sociabilidade com grande influência francesa. Tal rede contava com os médicos: Joaquim Cândido Soares de Meirelles (1797 – 1868), formado em medicina no Rio de Janeiro em 1822 e que foi mandado a Paris em 1825 para aperfeiçoar seus conhecimentos médicos; José Martins da Cruz Jobim (1802 – 1878), nascido na província do Rio Grande do Sul, viajou para a França em 1821, onde ingressou na *Faculté de Médecine de Montpellier* tendo sido transferido, posteriormente para a *Faculté de Médecine de Paris*, a mesma instituição em que Jean Maurice Faivre estudou, formando-se em 1828, três anos depois de Faivre; Luiz Vicente de Simoni (1792 – 1881), de origem Italiana, formou-se em medicina na *Università di Genova*, aperfeiçoou seus estudos em 1817 na *Università de Pavia*, neste mesmo ano veio ao Brasil clinicar no Hospital Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro; e José Francisco Xavier Sigaud (1796 – 1856), nascido em Marselha na França, doutorou-se em Medicina pela *Faculté de Médecine de Strasbourg*, em 1818, veio para o Rio de Janeiro em 1825, sendo reconhecido por sua intensa atividade editorial.

Como percebemos esse grupo que se formava no Rio de Janeiro, tinha grande influência francesa. Isso acontecia pois no Brasil o ensino médico era desarticulado e enfraquecido. Havia no país duas escolas de medicina e cirurgia, uma no Rio de Janeiro e outra na Bahia. Devido a esta realidade, a alternativa era buscar uma formação complementar no exterior, como afirma Lorelai Brilhante Kury (1990, p.108) em sua tese de mestrado intitulada “*O Império dos Miasmas (A Academia Imperial de Medicina, 1830 – 1850)*”,

até fins do século XVIII, esses estudos eram realizados em Coimbra. No início do século XIX, as escolas mais procuradas passaram a ser as de Montpellier, Edimburgo e Paris, ganhando esta última mais prestígio no decorrer do século até tornar-se a referência mais importante para vários países.

Os médicos com base de formação francesa discutiam no Rio de Janeiro a formação de uma sociedade médica, para trocas de conhecimentos, experiências, informações e principalmente criarem um círculo institucional com grandes médicos que pudessem auxiliar as autoridades governamentais nas questões anômicas que envolviam a saúde pública brasileira, tais como controle de epidemias, propagação de vacinas e descobertas científicas. Cabe mencionar que a medicina no Brasil, nas primeiras décadas do século XIX se mostrava com um grande espaço de

interrogação, misturando o misticismo com os conhecimentos de cura indígenas e africanos.

Todavia, a formação deste grupo não ocorreu apenas pela carência de uma rede de sociedade médica com cunho científico, mas também por influências da formação desses médicos na própria França. Os espaços de sociabilidades são importantes mecanismos na formação de sujeitos sociais, este grupo formado é mais um exemplo, já que foi fundada na França em 1820 a Real Academia de Medicina, espaço institucional que influenciou diretamente este círculo de médicos.

A Portaria Real de 20 de dezembro de 1820 define suas missões:

Esta Academia será especialmente instituída para responder aos pedidos do governo sobre tudo o que diz respeito à saúde pública, e principalmente sobre epidemias, doenças, específicas de determinados países, epizootias, vários casos de medicina legal, a propagação da vacina., exame de novos remédios e remédios secretos, tanto internos como externos, águas minerais naturais ou artificiais. Ela lidará com todos os assuntos de estudo ou pesquisa que possam contribuir para o progresso dos vários ramos da arte de curar (ACADÉMIE NATIONALE DE MÉDECINE, 2021, tradução nossa).⁷

Imbuídos dessas experiências francesas, os médicos brasileiros Meirelles e Jobim, o médico italiano De-Simoni, e os médicos franceses Sigaud e Faivre, fundaram em 1929 a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro.

De acordo com Silva (2017, p. 2421) “a primeira reunião para levar adiante o ambicioso projeto ocorreu no dia 28 de maio de 1829 na casa do senhor Dr. Sigaud, outras seis reuniões foram feitas até a criação oficialmente da entidade”. Conforme cita também a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro em 03, de janeiro de 1831:

Aos 28 dias do mês de Maio do ano de Nosso Senhor, 1829. Cidade do Rio de Janeiro, na casa do Sr. Dr. José Francisco Sigaud, sita a rua do Rosario n 185, acharam-se presentes, e reunidos, as 7 horas da noite, os Srs Drs. José Francisco Sigaud – Joaquim Candido Soares de Meirelles – João Mauricio Faivre – José Martins da Cruz Jobim – e Luiz Vicente de Simoni, redigente a presente act.(...) todos de comum acordo resolverão de empregar suas luzes e esforços para efetuar n’ esta muito leal e heroica Cidade do Rio de Janeiro, a instituição de huma Sociedade de Medicina, destinada a promover a

⁷ Traduzido de: *Cette Académie sera spécialement instituée pour répondre aux demandes du gouvernement sur tout ce qui intéresse la santé publique, et principalement sur les épidémies, les maladies, particulières à certains pays, les épizooties, les différents cas de médecine légale, la propagation de la vaccine, l’examen des remèdes nouveaux et des remèdes secrets, tant internes qu’externes, les eaux minérales naturelles ou factices. Elle s’occupera de tous les objets d’étude ou de recherche qui peuvent contribuer au progrès des différentes branches de l’art de guérir.*

ilustração, progresso e propagação das Ciências Medicas, a socorrer grátis com seus conhecimentos e conselhos os pobres nas suas enfermidades, e a beneficiar geralmente a humanidade, favorecendo e velando a conservação e melhorando da Saude Publica (...) (RIO DE JANEIRO, 1831).

Os principais objetivos da Sociedade fundada eram:

Ocupar-se de todos os objetos que podem contribuir para os progressos dos diferentes ramos de curar; comunicar às autoridades competentes pareceres sobre higiene pública; responder às questões do governo sobre tudo o que respeita à saúde pública; melhorar o exercício da medicina; estabelecer meio de união entre os homens da arte; contribuir para exercitar e entreter entre eles a emulação, o amor das ciências e uma amizade fraternal (RIO DE JANEIRO, 1833).

A imagem 1 abaixo é a foto de um quadro a óleo sobre tela, que retrata a 1ª sessão da reunião preparatória para a instalação da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, no dia 28 de maio de 1829. Tal obra tem a medida de 2,80 x 4,20 metros e está exposta no salão nobre do museu Inaldo de Lyra Neves-Manta, da Academia Nacional de Medicina, localizado no Rio de Janeiro, ou também pelo meio que acessei estas fontes, o “tour virtual” disponível no site da Academia Nacional de Medicina. A obra abaixo foi pintada em 1976 por Arlindo Cartellani de Carli,⁸ também conhecido como Castellane. Na imagem Faivre é o segundo da esquerda para a direita.

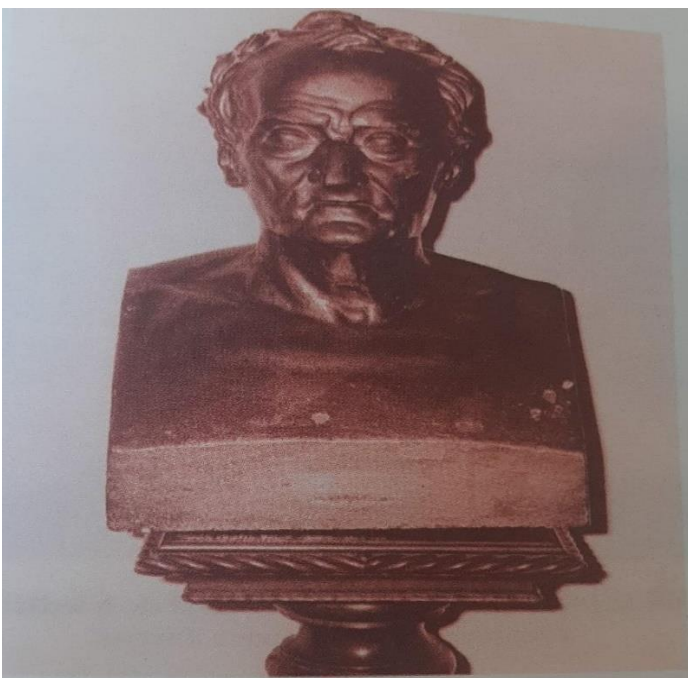
⁸ “Descendente de italianos, nasceu em São Paulo em 6 de setembro de 1910, vindo a falecer na mesma cidade, em 6 de julho de 1985. Castellane tem quadros expostos em várias partes do mundo, ornamentando as paredes de museus, instituições culturais e científicas e coleções particulares. No decorrer de sua carreira artística, Castellane voltou-se para a pintura antiga, mas criando seu próprio estilo que denominou como Axiomismo, que Geraldo Dutra de Moraes define como ‘baseado fundamentalmente na matemática, na filosofia e na psicologia, que consiste em reunir, intencionalmente, numa mesma composição, diversas normas, tendências e técnicas, as quais se mesclam e se confundem graciosamente, enriquecendo a temática, tornando-a um todo indivisível, de grande beleza plástica e cromática’. Pretendendo ser uma fusão de vários estilos, como classicismo, impressionismo, expressionismo etc., o axiomismo perdeu sua identidade e acabou por desaparecer com a morte do pintor. Castellane dedicou-se a vários gêneros, como pintura histórica, pintura de retratos, imagens religiosas, nus etc., mas foi nos retratos que mostrou o melhor de sua sensibilidade e expressividade” (SAMPAIO, 2016, p.176).

Imagem 1 – Os cinco fundadores



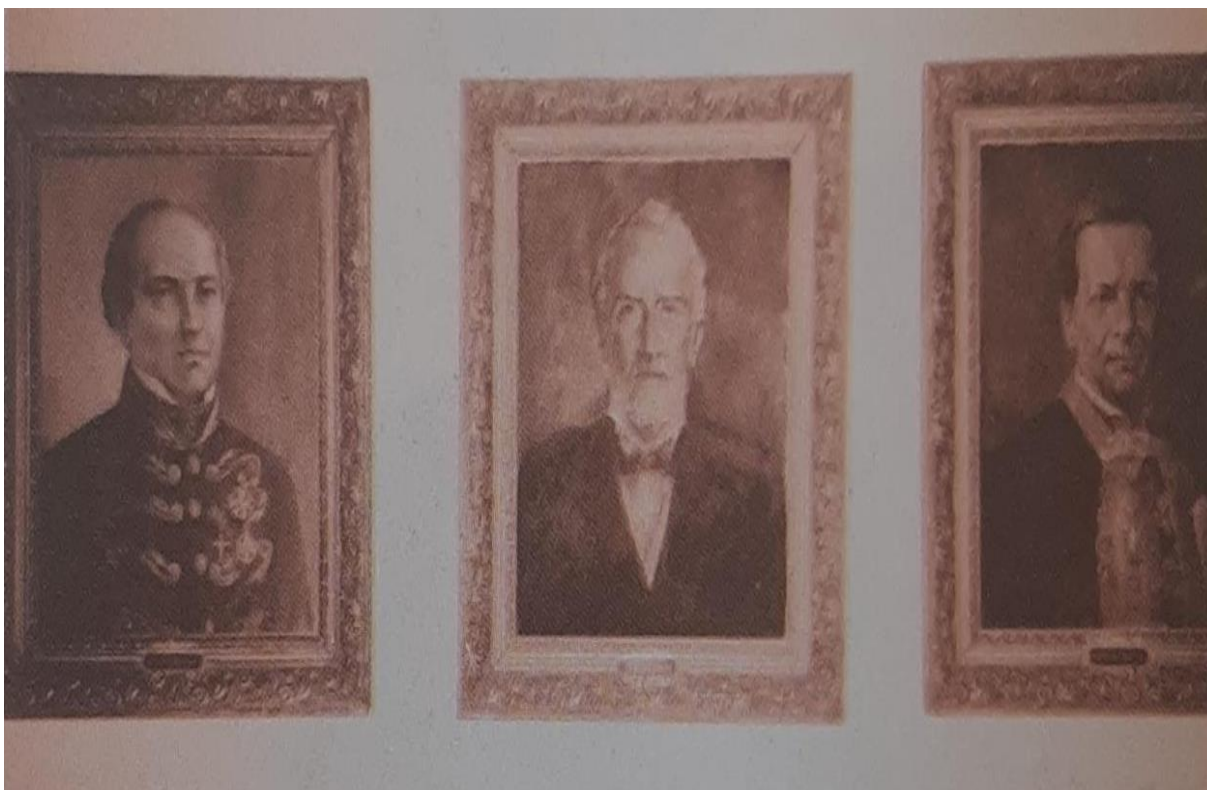
Fonte: Registro da fundação da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, pelos doutores De-Simoni, Faivre, Meirelles, Sigaud e Jobim em 1829. Disponível em: <https://www.anm.org.br/tour-virtual/>. Acesso em 09 de jul de 2022.

Imagem 2 – Herma de Faivre



Fonte: Herma de Faivre, 1835. Disponível em: <https://www.anm.org.br/tour-virtual/>. Acesso em 09 de jul de 2022.

Imagem 3 – Retrato dos fundadores



Fonte: Fundadores da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro: ao centro, Jean Maurice Faivre. Disponível em: <https://www.anm.org.br/tour-virtual/>. Acesso em 09 de jul de 2022.

Acima é possível visualizar mais duas imagens de Jean Maurice Faivre. A imagem 2 é uma fotografia da herma de Faivre, feita de gesso dourado, medindo 54 centímetros e datada em 1835, podendo ser encontrada no Museu da Academia Nacional de Medicina. E a imagem 3 mostra ao centro um retrato de Faivre, ao lado esquerdo o retrato de Sigaud e ao lado direito o retrato de Jobim, tais retratos são parte de um mural que apresenta o retrato dos fundadores da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro.

São obras que estão expostas no museu Nacional de Medicina Inaldo de Lyra Neves-Manta, da Academia Nacional de Medicina, localizado no Rio de Janeiro, ou como já mencionado visualizadas de maneira online pelo site da Academia Nacional de Medicina. As três imagens demonstram uma ilustração de Faivre enquanto um grande personagem da história brasileira, com grandes feitos no campo médico, sendo mantidas em um espaço de memorialização pública.

Logo o projeto desses cinco médicos ganhou força, incorporando membros e atividades. Entre as estratégias de atuação da Sociedade, além das reuniões rotineiras, constava a edição de um jornal médico, sendo sua primeira publicação o

Semanário de Saúde Pública,⁹ com início em 1830 e que teve sua denominação e seu formato modificados ao longo do século (FERNANDES, 2004).

Em 1835 a partir de decreto Imperial a instituição passou a ser conhecida como Academia Imperial de Medicina.¹⁰ De acordo com a pesquisadora Tânia Maria Fernandes, não foi só o nome que mudou, mas também houve uma reorganização com sob novos estatutos, dividindo-a em seções de medicina, cirurgia e farmácia e incluiu o recebimento de subvenção pública. Em 1889 com a nascente República, a instituição passou ter o nome que carrega até os dias atuais, Academia Nacional de Medicina¹¹ (FERNANDES, 2004).

Outro local de sociabilidade em que Jean Maurice fazia parte foi o movimento maçônico, o mesmo já integrava o movimento em Paris. No Brasil o movimento se fixou em 1801 na cidade do Rio de Janeiro, a primeira loja se chamava “Reunião”, filiada ao Oriente da Ilha de França, antigo nome da Ilha Maurício, à época possessão francesa e hoje britânica. Foi no seio desta sociedade que Faivre conheceu o Imperador Dom Pedro I, o Guatimozim,¹² Grão Mestre do Grande Oriente do Brasil.

O laço estabelecido com a corte através da Maçonaria se estreitou mais ainda, levando Faivre a ser médico oficial de diversos membros da corte, como José Bonifácio de Andrada e Silva e a própria imperatriz Thereza Christina de Bourbon.¹³ Segundo Josué Corrêa Fernandes, Faivre teria conquistado rapidamente a atenção

⁹ O *Semanário*, publicado até 1833, teve seu nome alterado para *Revista Médica Fluminense* em 1835, permanecendo com este título até 1841, quando tornou-se *Revista Médica Brasileira*. De 1845 a 1849 intitulou-se *Annaes de Medicina Brasiliense*; de 1849 a 1885, *Annaes Brasilienses de Medicina*; em 1885, sua denominação foi novamente alterada para *Annaes da Academia de Medicina*. Neste mesmo ano foi criado o *Boletim da Academia Imperial de Medicina*, que publicava atas de reuniões, observações, comentários e pareceres, enquanto que nos *Annaes* eram divulgados as Memórias e os trabalhos de maiores dimensões (Nascimento, 1929, p. 103)

¹⁰ Em 30 de junho de 1835, em consequência de proposta de Soares de Meirelles, o Governo Imperial converte a Sociedade em Academia Imperial de Medicina, com objetivos e finalidades semelhantes, realizando-se sessão solene, com a presença do Imperador menino, D. Pedro II, acompanhado do Regente, Francisco de Lima e Silva.

¹¹ Desde a sua fundação, seus membros se reúnem toda quinta-feira, às 18 horas, para discutir assuntos médicos da atualidade, numa sessão aberta ao público. Esta reunião faz da Academia Nacional de Medicina a mais antiga e única entidade científica dedicada à saúde a reunir-se regular e ininterruptamente por tanto tempo. A Academia também promove congressos nacionais e internacionais, cursos de extensão e atualização e, anualmente, durante a sessão de aniversário, distribui prêmios para médicos e pesquisadores não pertencentes aos seus quadros.

¹² José Bonifácio aprovou a iniciação de D. Pedro na maçonaria em 13 de julho de 1822, tendo este adotado o nome simbólico de Guatimozim (SOUSA, 2006).

¹³ *Thereza Christina Maria Giuseppa Gaspare Baldassarre Melchiorre Gennara Francesca da Paola Donata Bonosa Andrea d'Avellino Rita Luitgarda Geltruda Venanzia Taddea Spiridione Rocca Matilde di Borbone-Due Sicilie*, também conhecida como mãe dos brasileiros, nasceu em Nápoles em 14 de março de 1822, casou-se com Dom Pedro II em 1842, sendo imperatriz do Brasil de 1842 até a proclamação da república em 1889.

da Imperatriz Thereza Christina Maria, admitindo-o não somente como médico, mas também como professor de francês e confidente que trocava impressões sobre assuntos variados. (FERNANDES, 1996).

De acordo com o artigo de Lourival Ribeiro, em 1831 Faivre mudou-se para a província do Mato Grosso a fim de realizar trabalhos científicos. Mesmo com a mudança o médico francês vinha frequentemente para o Rio de Janeiro, nestas estadas via seus amigos, atendia clientes e participava das sessões da Sociedade de Medicina que, então, se reunia na casa do consistório da Igreja do Rosário, nos fundos da Igreja, além de vislumbrar a gama de terras agricultáveis na região.

Numa dessas visitas foi um dos médicos do patriarca José Bonifácio, vítima de acidente vascular cerebral em 25 de março de 1938, falecendo no dia 06 de abril. Faivre junto a outros médicos participou do embalsamento do cadáver (RIBEIRO, 1990).

No ano de 1841, Faivre teve duas grandes perdas, sendo sua filha que morreu logo após o nascimento e sua esposa Anne que faleceu 44 dias depois de sua primogênita. Muitos escritores atribuem a essas perdas o motivo que desencadeou Jean Maurice Faivre largar das benesses da corte imperial, para pôr em prática os sonhos de fundar uma colônia agrícola. Segundo Fernandes (2006, p. 41), “com o coração sangrando, Faivre, então, reavivou os velhos sofrimentos e decidiu abandonar tudo, para perseguir a idéia de que a verdadeira felicidade consistia em fazer os outros felizes”. Segundo Almeida (1934, p. 201), “data desta vividez o desaparecimento daqui da figura do dr. Faivre, que, no ano seguinte, partiu a estudar as Caldas Novas de Goiaz, e, internando-se pelo sertão, foi parar às margens do rio Ivaí, na comarca de Guarapuava”.

Em Goiás, ele realizou uma importante missão governamental, estudando em todos os aspectos os recursos hidro-minerais de Caldas Novas, tidas como fonte terapêutica para a cura da lepra. Os estudos das águas resultaram em duas memórias escritas em francês, ambas enviadas à *Academie Royale des Sciences de Paris*, e também ao ministro do Império do Brasil.

Faivre concluiu que as águas não tinham um poder de cura para lepra, entretanto devido à alta temperatura tinham o poder de aliviar as dores, esse trabalho científico foi pioneiro sobre a cura da lepra no Brasil (BRASIL, 1846, p. 46 – 47).

Tal estudo científico foi enaltecido na obra *História da Lepra no Brasil*, do sanitarista e historiador brasileiro Dr. Heráclito César de Souza Araujo,

O trabalho do Dr. Faivre fez um grande bem ao nosso país, pois despertou na Academia de Medicina, e fora dela, grande interesse pelo já então angustioso problema da endemia leprosa entre nós. Dado o interesse despertado por aquele trabalho, outros acadêmicos sentiram-se no dever de mostrar que conheciam a lepra e se interessam pelo problema da sua cura e profilaxia (ARAUJO, 1946, p. 382).

Para esse trabalho, Faivre acordou com as autoridades do governo o pagamento de 4 contos de réis, todavia não houve contrato assinado, inicialmente o médico recebeu 2 contos de réis, o restante teve que cobrar para receber, conforme elucida Ribeiro em seu artigo que apresenta uma carta escrita por Faivre,

Ilmo. E Excellmo Sr. Alves Branco
Ministro do Império
Senhor Ministro

Eu penso que V. E. tem todo o direito possível para me mandar pagar um conto oitocentos mille réis, restantes dos 4 contos de réis que me tinha prometido o governo para ir na Província de Goiás examinar as águas termais de Caldas Novas. Não somente analisei e julguei essas águas com acerto, mas ainda na mesma ocasião eu fiz um trabalho importante sobre a morféia, como V.E. pode o ver pelo relatório do Sr. Secretário da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro.

Não houve um contrato por escrito; porém eu nunca me lembrei que fosse necessário fazê-lo, para uma coisa dessa natureza, que é toda de moralidade.

Enfim da minha parte satisfaz completamente ao contrato, e da parte do goverbo houve um principio de execução; O Sr. Dm. De Goiás me mandou dar a conta, 200\$000rs, o Sr. Ex. Ministro Torres dois contos de réis, isso me parece bastante para autorizar V.E. a me mandar pagar aquele restante da conta.

Em resumo o Sr. Dm. José, então presidente da província de Goiás, o Sm. Vianna, então ministro do Império, atestam a verdade do meu contrato.

Completei um trabalho difícil e perigoso, de um grande interesse para o país, e que tem o assentimento dos sábios – Faça V.E. já o sabe, este dinheiro vai ser empregado, na Colônia Tereza que há de ser proveitosa ao país, sem que me espera daquele estabelecimento nenhum interesse pecuniário.

V.E. sabe tudo, não preciso dizer mais. – Estou eu com maior pressa de voltar com meus colonos, eles me esperam e comigo alguns socorros.

Faça V.E. aquele bem de que ficarei sempre agradecido.

Eu sou com a maior consideração de V.E.

O seu muito humilde e obediente Cdo.

Rio de Janeiro, 14 de Dezembro de 1847.

Dr. Faivre (RIBEIRO, 1990, p.171 – 172).

Como fica visível na carta, Faivre expõe seu projeto da colônia agrícola, já denominada como colônia Tereza. Segundo a publicação de Nascimento na revista *Syniatryca* (1937),¹⁴ Faivre ao estudar sobre as fontes termais em Caldas Novas, interessou-se pela região circundante em suas andanças pelo sertão, região que não era colonizada, trocando sua carreira de médico pela de conquistador.

Cabe-se ressaltar que tal projeto de colonização não surgiu do nada, Faivre apresentou ao *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB*¹⁵, no dia 04 de novembro de 1844, um documento que elucidava os princípios para um modelo de colonização no Brasil, intitulado *Principes servant de bases à um mode de colonisation pour le Brésil*, qual será analisado com mais profundidade no capítulo 2.

Com apoio do governo, Faivre voltou à França, e trouxe 63 pessoas para executar seu projeto de colonização, iniciando em 1847, uma nova fase em sua vida, a de diretor da colônia agrícola Thereza Christina.

Para que possamos compreender essa personalidade tão complexa que é Faivre, devemos ter em mente que um ser não se constrói apenas da dimensão pública do mundo do trabalho, principalmente para compreender as respectivas ações dos indivíduos. Para conseguir compreender os motivos que desencadearam esses importantes feitos do francês, cabe-se entender o processo de socialização e as redes de sociabilidade que fizeram parte da construção do indivíduo Faivre.

1.2 A FAMÍLIA: de filho a pai

Quando falamos em seres humanos, obviamente ressaltamos uma gama de fatores, condições, instituições e pessoas que estão entrelaçados aos indivíduos. A sociologia compreende como processo de socialização a relação entre indivíduo e sociedade. Para esta ciência o homem perpassa por um processo que inicia a partir do seu nascimento e transcorre por toda a sua vida, sendo um processo impossível de ser concluído. Já que é impossível vivermos de tudo, aprendermos todas as

¹⁴ *João Mauricio Faivre médecin et colonisateur* : Alfredo Nascimento, in Revista *Syniatryca*, 1937. In: *Revue d'histoire de la pharmacie*, 26^e année, n°102, 1938. pp. 312-313.

¹⁵ O IHGB foi criado em 1838 a partir de sugestão do cônego Januário da Cunha Barbosa e do marechal Raimundo José da Cunha Matos. A inspiração dos idealizadores desse instituto era eminentemente europeia, sobretudo francesa. O IHGB teria por principal função promover agendas de investigação e produção de relatórios científicos sobre as diversas regiões que integravam a nação, visando assim a uma maior compreensão da complexidade brasileira e à produção de uma identidade cultural, social e política.

línguas, praticarmos todos os esportes, lermos todos os livros já escritos, enfim é um processo dinâmico que vai sendo construindo ao decorrer do tempo.

Para Berger e Luckmann (2004), o processo de socialização do indivíduo ocorre através de sua inserção no mundo objetivo da sociedade ou de um setor da mesma. Para eles, o indivíduo nasce predisposto à socialização, não nasce membro da sociedade, mas torna-se membro dela. Ao nascer ele é um organismo biológico, todavia com as experiências e influências das instituições sociais, tais como a família, a igreja, a escola e o estado, forja-se o ser social. Apesar de ser uma relação única, em que cada um possui uma relação com a sociedade, o processo de socialização acontece teoricamente em dois momentos, a socialização primária e a socialização secundária.

Segundo Berger e Luckmann (1973, p. 175), “a socialização primária é a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, e em virtude da qual torna-se membro da sociedade”. Deste modo a socialização primária constitui o primeiro mundo da criança, no qual seus significativos são de grande importância, despertam a confiança e seus primeiros conhecimentos. O mundo apresentado pelos significativos é um mundo no qual tudo está bem incontestavelmente, somente mais tarde é que a criança começa a fazer questionamentos.

Abrangendo parte inicial deste processo o ambiente e os agentes significadores são componentes preponderantes para construir o ser social. O ambiente ou meio é uma estrutura composta por elementos geográficos, políticos, sociais e culturais, ou seja, a partir das características geográficas e locais podemos compreender as relações que ocorrem neste determinado espaço. Neste sentido a região não é compreendida apenas como mero pedaço de terra, mas sim como um espaço cultural, simbólico e político, em que os indivíduos influenciam e são influenciados. Os significadores são aqueles que dão lógica ao mundo de significados, esses agentes são compreendidos na sociologia como instituição familiar.¹⁶

¹⁶ Cabe mencionar que hoje a instituição familiar, tende a privilegiar a afetuosidade, a compreensão e a solidariedade, no Estado brasileiro. Tal adaptação pode ser demonstrada em alguns traços que estão sendo conferidos à instituição família nos últimos anos por juristas, legisladores e juizes. Em primeiro lugar, consoante opinião de Farias (2003), deduzido do princípio da dignidade da pessoa humana, expresso no artigo 1º, III da Constituição Federal, o casamento deixou de ser o modelo oficial de família, passando esta a assumir um desenho plural, equiparando-se o casamento a outras entidades relacionais familiares, como a união estável e a família monoparental. Em segundo lugar, deduz-se disso a opção constitucional pelo amor, prestigiando o vínculo da afetividade.

A instituição familiar exerce um papel de grande importância, visto que é através desta que a criança se integra no mundo adulto, assimilando nesse meio tempo sentimentos afetivos, e aprende a selecionar suas relações, formando hábitos, valores e costumes (PRADO, 1989).

Apesar de não ser determinante, percebe-se o papel de influência desta instituição, que atua na infância dos indivíduos, na vida adulta, mesmo que o passado não seja determinante, único e exclusivo na vida presente do indivíduo, está lá na origem das coisas e dos acontecimentos, a base da nossa identidade. Segundo Reis referindo-se à família diz que:

Ela é o locus da estruturação da vida psíquica. É a maneira peculiar com que a família organiza a vida emocional de seus membros que lhe permite transformar a ideologia dominante em uma visão de mundo, em um código de condutas e de valores que serão assumidos mais tarde pelos indivíduos (REIS, 1984, p. 104)

Na obra *“História Social da Criança e da Família”* o historiador francês Philippe Ariès, aponta que havia uma ausência do sentimento de infância nas sociedades tradicionais, pois estes estavam mais preocupados com a manutenção dos bens e as tradições dentro dessa família. Entretanto é possível observar um sentimento de mudança nas sociedades modernas, devido a dois fatores. O primeiro é a escolarização utilizada para educar por excelência, partindo da importância da convivência. O segundo é a mudança de postura da família, a qual passa a se preocupar com os laços afetivos, a educação e o futuro das crianças (ARIÈS, 1978).

Entre o fim da Idade média e os séculos XVI e XVII, a criança havia conquistado um lugar junto de seus pais, lugar este a que não poderia ter aspirado no tempo em que o costume mandava que fosse confiada a estranhos. Essa volta das crianças ao lar foi um grande acontecimento: ela deu à família do século XVII sua principal característica, que a distinguiu das famílias medievais. A criança tornou-se um elemento indispensável da vida quotidiana, e os adultos passaram a se preocupar com sua educação, carreira e futuro (ARIÈS, 1978, p. 189).

A partir de Ariès (1978), podemos compreender que os conceitos de infância e família não foi estático, não são caracterizados por elementos meramente biológicos, mas sim interligados aos processos históricos que se relacionam com questões intelectuais, econômicos, políticos e culturais.

Nesse sentido o filho Faivre, pode ser compreendido na perspectiva moderna, nessa transição do paradigma familiar, haja vista o período histórico em que ele viveu na França. Nessa concepção cabia ao homem o papel de provedor, responsável pela manutenção e sustento do lar. À mulher cabia o papel de educadora dos filhos, gerenciadora do lar. Neste modelo familiar patriarcal o homem era a figura pública, aquele que trabalhava fora, e a mulher era a figura privada, a zeladora do bem-estar do marido e dos filhos (VAITSMAN, 1994).

Schmidt (2000) no capítulo intitulado “*A Família: reprodução e transformação*”, ressaltou o poder que a instituição familiar, no modelo de família nuclear, teve sobre a formação social de Coutinho, mostrando suas faces antagônicas de conservador e revolucionário, como o próprio nome do capítulo já chama atenção. Reprodutor à medida que mantém uma postura conservadora no seu eixo familiar, reforçando o patriarcalismo. Revolucionário no que diz respeito a sua vida política ativa dentro do partido socialista.

Podemos compreender a personalidade de Coutinho na instituição familiar, exposta por Schmidt (2000), reforçando aquilo que Ariès (1978) aponta, que a percepção da família pode sofrer alterações a partir das reflexões e transformações históricas que o indivíduo perpassa.

Tendo em vista a importância da origem e do contexto familiar para compreensão do indivíduo, ao abordarmos aqui uma trajetória de vida do médico francês Jean Maurice Faivre é fundamental compreender o contexto de sua infância.

Faivre nasceu em 21 de setembro de 1795¹⁷ em uma pequena comunidade rural, Combe Raillard, pertencente à Comuna¹⁸ de Saint-Maurice,¹⁹ Departamento do Jura, França, conforme podemos observar a seguir nas imagens 4 e 5,²⁰ que demonstram o registro do nascimento de Faivre.

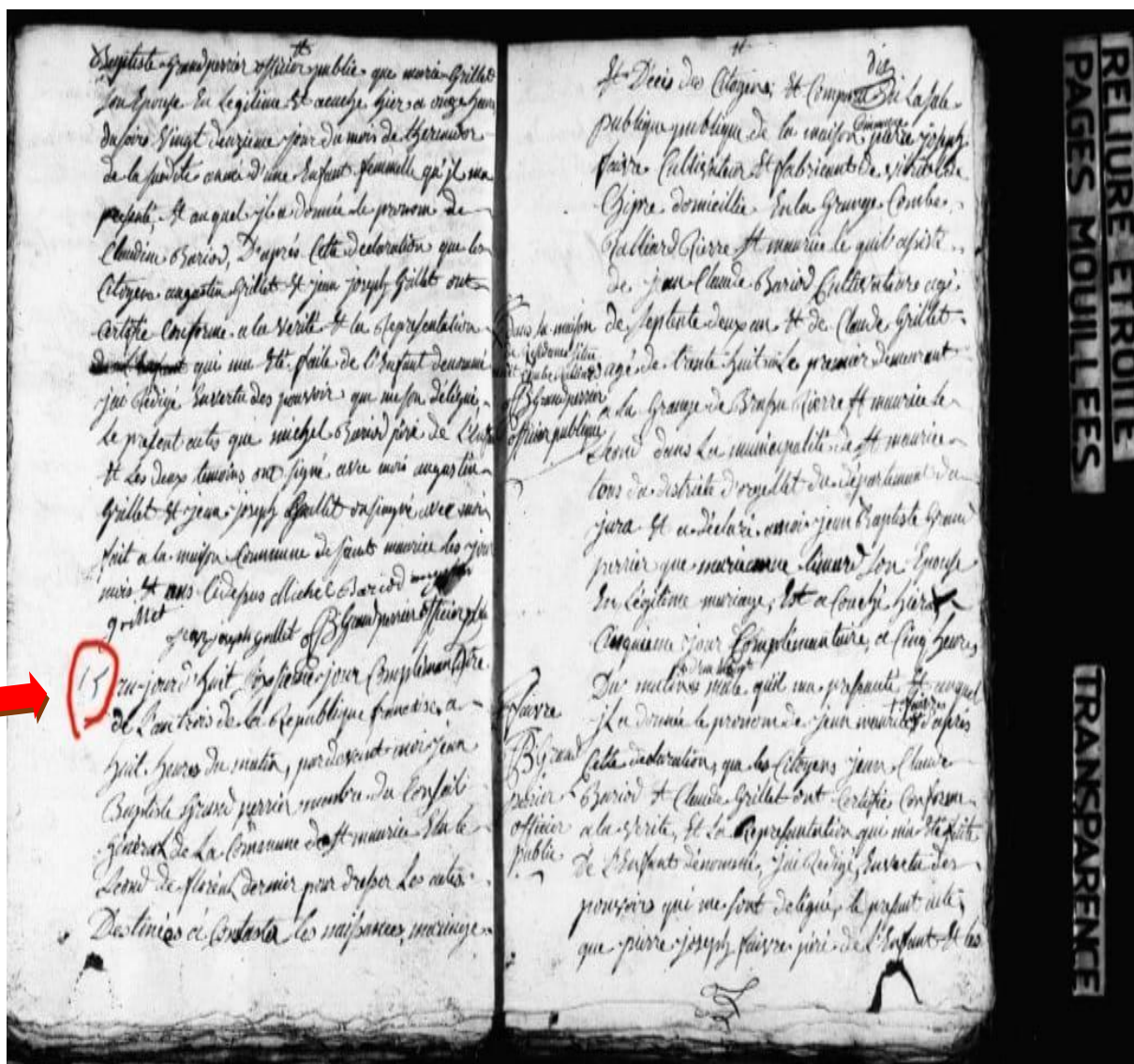
¹⁷ Infomação dos registros de nascimentos e casamentos, disponível nos Archives Départementales du Jura.

¹⁸ De acordo com a lei francesa, é a menor e mais antiga subdivisão administrativa da França, tendo sua origem nos antigos povoados e vilas da Idade Média. Corresponde a uma ou mais áreas territoriais e seus órgãos são o conselho municipal, o prefeito e, quando apropriado, um ou mais adjuntos, mas não constitui uma divisão territorial descentralizada de prestação de serviços civis do Estado

¹⁹ Também conhecida como *Saint-Maurice-em-Montage*, *Saint Muris* ou *Saint-Maurice-Crillat*.

²⁰ Conforme podemos observar nas imagens 4 e 5, trazem informações sobre o registro de nascimento de Jean Maurice Faivre, realizei essas interferências nas imagens com objetivo de facilitar o mapeamento das informações. Na segunda página da imagem 5 é possível notar uma espécie de sumário com a numeração dos nascimentos, o número 15 registra o nome Jean Maurice Faivre, já na imagem 4 podemos observar a interferência em vermelho circulando o número 15, com

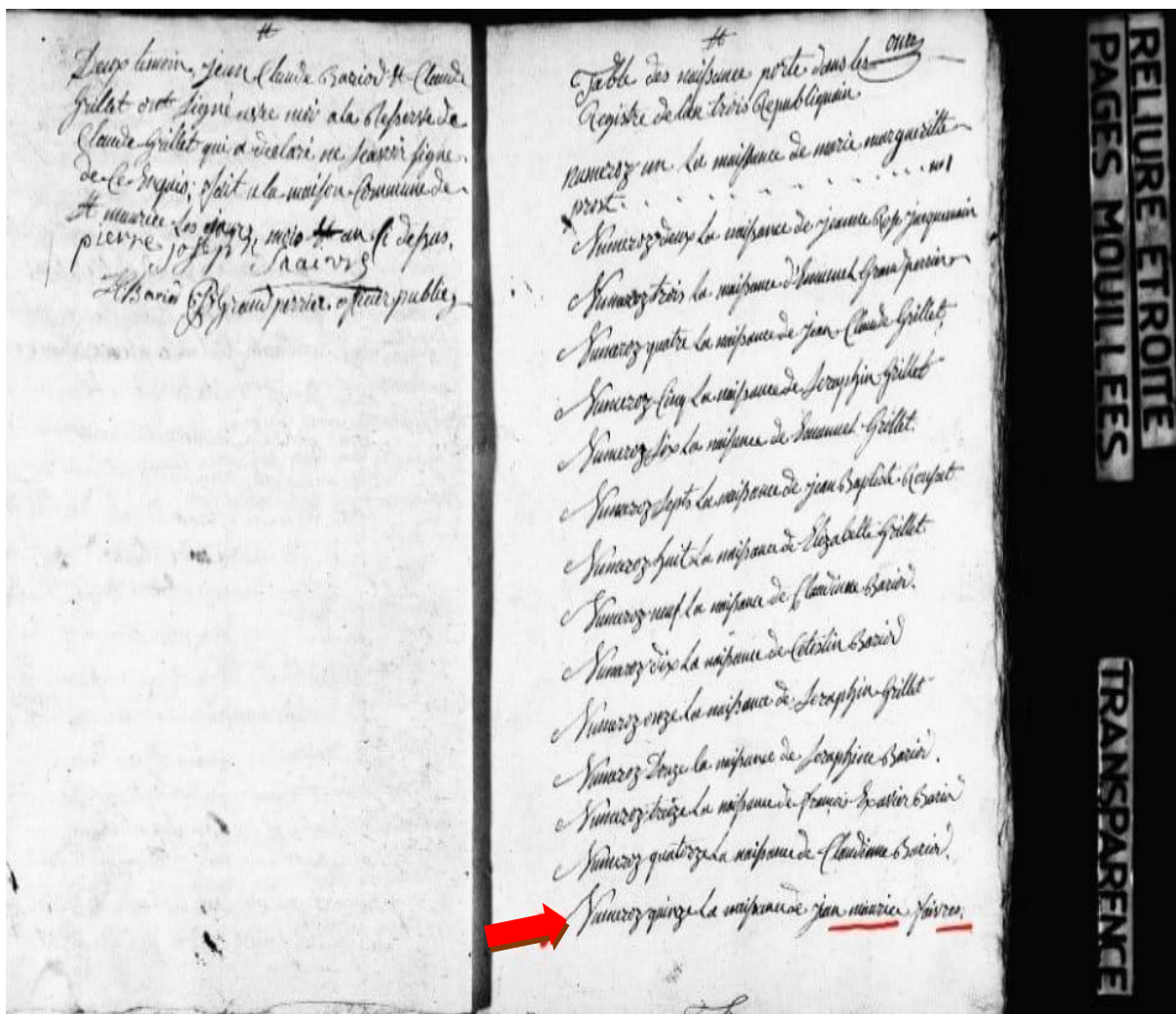
Imagem 4 – Registro do nascimento de Jean Maurice Faivre



Fonte: Archives Départementales du Jura. Registro do nascimento de Jean Maurice Faivre na Combe Raillard, município de Saint-Maurice, Departamento de Jura, em 1795. Grifos do autor (2022).

o início do registro do nascimento. Já na primeira página da Imagem 5 aparece a assinatura do pai de Faivre, Pierre Joseph Faivre.

Imagem 5 – Registro do nascimento de Jean Maurice Faivre



Fonte: Archives Départementales du Jura. Registro do nascimento de Jean Maurice Faivre na Combe Raillard, município de Saint-Maurice, Departamento de Jura, em 1795. Grifos do autor (2022).

Sendo um dos 101 departamentos da França, Jura²¹ uma das menores unidades administrativas do país, geograficamente é dividida em três regiões naturais: das colinas ou vinhedos, das montanhas e da planície, que fazem parte da divisa entre França e Suíça. A Comuna de Saint-Maurice localiza-se na região montanhosa, local em que é comum a caracterização clássica do tipo de relevo jurássico²² denominada combe.²³

²¹ O departamento de Jura hoje é um dos oito departamentos pertencentes à região administrativa da Borgonha-Franco-Condado. A região foi criada a partir da reforma territorial francesa de 2014, através da fusão de duas regiões, Borgonha e Franco-Condado. A nova região entrou em existência em janeiro de 2016, logo após as eleições regionais em dezembro de 2015.

²² O nome desse relevo deriva da região de Jura, na França, onde está localizada a cadeia de montanhas Jura. A cadeia, por sua vez, tem seu nome derivado do período Jurássico, quando suas montanhas foram formadas. Ela está localizada na fronteira entre a França e a Suíça, ao norte dos Alpes.

Na imagem 6 abaixo podemos visualizar o mapa de Saint Maurice e a localização geográfica da comuna Combe Raillard na área C, região fronteira com a Suíça. Cabe ressaltar que a análise do mapa não é semiótica, pois o objetivo é ter um panorama espacial do município de Saint-Maurice e da pequena Combe Raillard.

Imagem 6 – Mapa de Saint Maurice



Fonte: Mapa da Comuna Combe Raillard, Saint-Maurice, departamento do Jura, França. Archives départementales du Jura, 1833. Grifos do autor (2022).

²³ Nome dado a um tipo de território característico da geomorfologia, evolução do relevo dobrado. O ataque erosivo do relevo jurássico inicia-se nos flancos dos anticlinais, através da abertura de pequenos vales chamados ruz. Com o avanço da erosão regressiva, ocorre o recuo do ruz e um consequente aprofundamento do talvegue, gerando uma cluse. Segundo Penteadó (1978), o trabalho de alargamento da cluse é auxiliado pela camada de rocha tenra situada sob a resistente, na anticlinal. Ao longo do dorso da anticlinal, surgem ravinas que evoluem, originando uma combe.

Tal comuna é um local de vales de calcários duros com solos argilosos e semelhantes. De acordo com *Zone naturelle d'intérêt écologique, faunistique et floristique – ZNIEFF*,²⁴

O anticlinal da floresta Prénovel, em contato com o planalto Champagnole, marca o limite oeste da Haute-Chaînedo Jura. Neste setor, caracterizado por sobreposições complexas de unidades geológicas, o substrato é dominado por calcários duros do Jurássico Médio. Localmente, como no fundo do Combe Raillard, marga e calcário marga mais impermeáveis foram liberados pela erosão. Neste contexto, a área de Combe Raillard e Bois des Mouillières, culminando em cerca de 1133 metros, é ocupada por uma floresta mista característica de montanhas muito irrigadas (ZNIEFF, 2018, p. 2, tradução nossa).²⁵

No solo montanhoso, frio e com poucas terras agricultáveis de Combe Raillard, o casal de agricultores Pierre Joseph Faivre²⁶ e sua esposa Marie Anne Lemard, tiveram seu filho Jean Maurice Faivre, que recebeu seu segundo nome provavelmente em homenagem ao primeiro Santo legionário da igreja católica, São Maurício,²⁷ o qual também origina o nome do município de Saint Maurice. Inseridos em um espaço pouco fértil, conseguiam produzir trigo, aveia, cevada, batatas, feno, cultivando também aves domésticas, porcos cevados, colmeias de abelhas e um tipo de gado cornífero, todavia era necessário importar boa parte dos cereais e do vinho para a alimentação. Pierre Faivre, além de agricultor era fabricante de vitriol de Chipre, hoje conhecido como ácido sulfúrico,²⁸ uma alternativa encontrada pra subsidiar o sustento da família.

²⁴ DREAL FrancheComté, - 430020531, *COMBE RAILLARD ET BOIS DES MOUILLIERES*. - INPN, SPN-MNHN Paris, 9P.

²⁵ Traduzido de “*L’anticlinal de la forêt de Prénovel, au contact du plateau de Champagnole, marque la bordure occidentale de la Haute-Chaîne du Jura. Dans ce secteur, caractérisé par des chevauchements complexes d’unités géologiques, le substrat est dominé par des calcaires durs du Jurassique moyen. Localement, comme au fond de la Combe Raillard, des marges et marno-calcaires plus imperméables ont été dégagés par l’érosion. Dans ce contexte, la zone de la Combe Raillard et du bois des Mouillières, culminant à près de 1133 mètres, est occupée par une forêt mixte caractéristique des montagnes très arrosées*”.

²⁶ De acordo com o “Dictionnaire Historique et Héraldique de la Noblesse Française” de D. de Mailhol, a família Faivre é originária da Borgonha, frutificou em dois outros ramos, o de Esmans e o de Loidet, entretanto apenas o sobrenome Faivre aparece no dicionário.

²⁷ Foi um capitão na Legião Tebana, uma unidade lendária do exército romano que fora recrutada no Alto Egito, na cidade de Tebas, e era composta inteiramente de cristãos. Foi o primeiro santo Legionário do Cristianismo, sendo um dos santos mais populares da Europa ocidental, há mais de 650 lugares sagrados que levam seu nome na França.

²⁸ Informação da *Direction des Archives Départementales du Jura*.

Jean Maurice Faivre escreveu anos mais tarde, em sua dissertação final do curso de medicina, sobre as dificuldades que o solo montanhoso do Jura, bem como a saída para amenizar os problemas, a cooperação mútua.

Aprendi que essas pobres pessoas, apesar de um obstinado trabalho diário da manhã à noite, viviam com extrema dificuldade. Seu solo estéril produz apenas cevada ou aveia, e não o suficiente para fornecer-lhes pão. Em todas essas terras áridas das montanhas do Jura, cada indivíduo tem uma, duas, três, às vezes um número maior de vacas; eles combinam o leite para fazer o queijo Gruyère, que é consumido em toda a França. Cada vaca pode render cinquenta francos; é com isso que se vêem obrigados a comprar os grãos que lhes faltam, sal, roupas para vestir, etc (FAIVRE, 1825, p. 11, tradução nossa).²⁹

Em meio a uma conjuntura de dificuldades, haja vista a precariedade da pequena comunidade rural que tinha como base econômica a agricultura em terras pouco agricultáveis, em uma instituição familiar de modelo patriarcal, e ainda com muita influência religiosa, Faivre cresceu, estudou e passou boa parte de sua vida.

Sua face de marido e pai, ocorreu do outro lado do mundo, em terras brasileiras. Conheceu Anne Zoé Bricquelet Taulois,³⁰ uma dos seis filhos do engenheiro civil francês Pierre Louis Taulois e sua esposa Caroline Zoé Pauline Bricquelet. Filha de franceses, Anne nasceu na cidade de Paraty, estado do Rio de Janeiro, onde seu pai trabalhava na colonização da região.

Segundo a síntese biográfica de Joaquim Antunes Almeida,³¹ publicada em 1934 na revista volume 169, do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB*, o médico Felix Martins amigo de Faivre elucidou a “beleza física e principalmente moral” da jovem Anne, por quem Jean Maurice Faivre veio a se apaixonar. Mesmo com a diferença de idade de vinte e cinco anos, casaram-se em meados do ano de 1840. Poucos meses depois do casamento Anne Taulois engravidou. Faivre com 45 anos iniciava uma nova fase de sua vida, a paterna (ALMEIDA, 1934).

²⁹ Traduzido de: *J'appris que ces pauvres gens, malgré un travail opiniâtre de tous les jours du matin au soir, ne vivaient qu'avec une extrême difficulté. Leur sol ingrat ne produit que de l'orge ou de l'avoine, et pas seulement assez pour leur fournir le pain. Dans tous ces terrains arides des montagnes du Jura, chaque particulier possède une, deux, trois, quelquefois un plus grand nombre de vaches; ils en réunissent le lait pour fabriquer le le fromage de Gruyère, que l'on mange dans toute la France. Chaque vache peut leur rapporter cinquante francs; c'est avec cel qu'ils sont obligés d'acheter le grain qui leur manque, le sel, les habits pour se vêtir, etc.*

³⁰ Árvore genealógica de Anne Zoé Bricquelet Taulois, disponível em: <https://gw.geneanet.org/gejaillet?lang=pt&n=taulois&nz=jaillet&oc=0&p=anne+zoe&pz=georges+andre+jules&type=tree>. Acesso em 30 de set de 2021.

³¹ Jornalista e agricultor no Paraná, pertence ao círculo de Estudos Bandeirantes em Curitiba, foi funcionário do ministério de agricultura do estado de São Paulo.

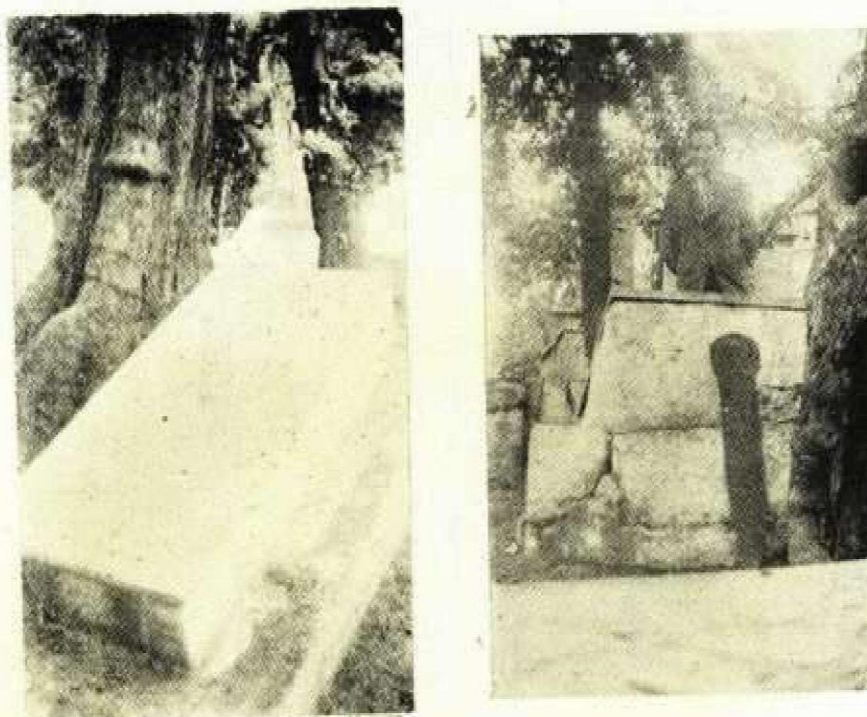
No dia 28 de março de 1841, após Anne sentir-se mal às vésperas do parto, Faivre realizou a cirurgia pegando em seus braços uma menina, sua filha, que morreu logo após o nascimento, depois de complicações na cirurgia. Mesmo com poucos minutos de vida, sua filha foi batizada de Marie Faivre, em homenagem a sua mãe Marie Anne Lemard. Além da perda de sua primeira filha, quarenta e quatro dias depois, em 11 de maio de 1841, sua esposa veio a falecer (ALMEIDA, 1934).

No cemitério dos Ingleses³² no Rio de Janeiro, foram sepultadas lado a lado, sua filha recém nascida e sua jovem esposa. O jornalista Almeida visitou o lugar e anexou fotos em sua síntese biográfica publicada no IHGB, abaixo podemos visualizar tais imagens. A imagem 7 ilustra a visita feita por Almeida e a localização do túmulo, que aparece ao lado de uma grande árvore, e a Imagem 8 demonstra uma foto, registrada por Almeida, da lápide de Anne e Marie Faivre. Nesta aparece ao topo o símbolo maçônico, um triângulo com o olho do Grande Arquiteto do Universo, e logo abaixo o escrito:

Minha pobre pequena Marie morreu ao nascer em 28 de março de 1841, e 44 dias depois morreu sua mãe Anne Faivre, nascida Taulois, de 20 anos.
Que a terra pese suavemente sobre vocês, minha esposa e minha filha.
Adeus.
Seu amigo, Faivre (IHGB, 1934, p. 285, tradução nossa).³³

³² O *British Burial Ground*, mais conhecido como Cemitério dos Ingleses, é uma necrópole particular, de orientação originalmente protestante, localizada no bairro da Gamboa, na cidade do Rio de Janeiro. Fundado em 1811, é o cemitério a céu aberto mais antigo do Brasil ainda em atividade.

³³ Traduzido de: *“Ma pauvere petite Marie mourut en naissant le 28 MArS 1841, et 44 jours après mourut sa mère Anne Faivre, née Taulois, agée de 20 ans. Que la terre pese doucement sur vous, ma femme et ma fille. Adieu. Votre ami, Faivre.”*

Imagem 7 – Túmulo de Anne e Marie Faivre

TÚMULO DA ESPOSA E FILHA DO DR. JOÃO MAURICIO FAIVRE
NO CEMITÉRIO DOS INGLESES, NA GAMBÔA — Rio de Janeiro.

Fonte: Revista volume 169, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB, publicada em 1934. Túmulo de Marie Faivre e Anne Taulois Faivre, cemitério dos Ingleses, Rio de Janeiro.

Imagem 8 – Lápide de Anne e Marie Faivre



Fonte: Revista volume 169, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB, publicada em 1934. Lápide de Marie Faivre e Anne Taulois Faivre, cemitério dos Ingleses, Rio de Janeiro.

Seja pela face de filho francês, nascido na pequena comunidade rural Combe Raillard de Saint Maurice, França, criado pelo casal de agricultores Pierre Joseph Faivre e Marie Anne Lemard, ou pela face de marido, casado no Rio de Janeiro, Brasil, com Anne Bricquelet Taulois, ou ainda pela face de pai, significador, mesmo que sua filha Anne Faivre tenha morrido logo após o nascimento, o processo de socialização primária possibilita uma compreensão das bases de pensamento do indivíduo, embora esses acontecimentos aqui apresentados não sejam determinantes, eles possivelmente constituem a base do ideário do indivíduo.

1.3 O ESTUDO: de médico a colonizador

Conforme já apresentado, o processo de socialização ocorre em duas etapas complementares, socialização primária e socialização secundária. Mesmo que essa divisão em partes soe como ruptura, o processo sobretudo de quem o vivencia é um só, da infância até a morte. Seja com sua família, com seus amigos, com os colegas na escola, com os companheiros de trabalho, em suma mudam os locais, as dinâmicas de relacionamento, os comportamentos, as atitudes e os valores.

Na socialização primária constitui-se o primeiro espaço de significações do indivíduo. A família, como já apontado, configura-se como agente significador, essa fase é findada quando o indivíduo consegue estabelecer uma relação do seu eu, com outras pessoas. De acordo com Berger e Luckmann (2004, p. 184), “a socialização primária termina quando o conceito do outro generalizado foi estabelecido na consciência do indivíduo. Neste momento é um membro efetivo da sociedade e possui subjetivamente uma personalidade e um mundo”. Cabe ressaltar que essa relação entre identidade e mundo social não acontece apenas uma vez, de forma fechada, pois a socialização nunca é total, ou seja, nunca é findada.

A socialização secundária, que transcorre até o final da vida do ser, é uma fase em que o indivíduo confronta seu mundo com outros, podendo modificar ou consolidar ainda mais seu próprio ser. Em consonância com Berger e Luckmann,

A socialização secundária é a interiorização de “submundos” institucionais ou baseados em instituições. A extensão e caráter destes são, portanto, determinados pela complexidade da divisão do trabalho e a concomitante distribuição social do conhecimento. Sem dúvida, o conhecimento universalmente importante, também pode ser socialmente distribuído – por exemplo, em forma de “versões” com base de classe – mas o que temos em mente aqui é a distribuição social do “conhecimento especial”, conhecimento como resultado da divisão do trabalho e cujos “portadores” são institucionalmente definidos” (BERGER E LUCKMANN, 2004, p. 185).

As instituições sociais ressaltadas apresentam um espaço estável, com padrões estabelecidos que servem de exemplo para criar a personalidade e condicionar as ações dos indivíduos. Tais espaços institucionalizados, vão inserindo o indivíduo em um mundo específico, é nesse momento em que o ser adquire papéis sociais determinados pelas relações sociais que ocorrem. Tais papéis são compreendidos como responsabilidades atribuídas a indivíduos ou grupos sociais.

Nesse contexto a Instituição escolar é um espaço crucial na construção do papel que será desempenhado posteriormente pelo indivíduo. Uma possibilidade para analisar as instituições escolares, redes de sociabilidades e desdobramentos que envolvem essa formação, foi realizada por Schmidt (2000), no terceiro capítulo “o estudo e a produção intelectual: missão e prazer”, o historiador elucida Coutinho como um intelectual versátil que congregava e sofria influências de seu meio.

Coutinho esteve sintonizado com algumas das mais importantes correntes de pensamento da sua época: o evolucionismo, o positivismo, a antropologia criminal, o anarquismo, o espiritismo, entre outras. Em decorrência, a produção intelectual por ele elaborada revela aspectos significativos do clima intelectual daquele contexto (SCHIMIDT, 2000. P.69).

Assim como Coutinho era multifacetado, a própria corrente ideológica em que estava alinhado abarcava muitas nuances, uma vez que congregava e desarticulava com outras correntes daquela época. Mostrando que o conceito socialista não é fechado, ainda mais quando objetivamos personificar esses conceitos, quando se fala em Coutinho socialista, deve se buscar compreender de que tipo de socialismo está sendo falado, como este é compreendido e estruturando no meio em questão.

Neste período ideias como o positivismo de Auguste Comte, que pautava a ciência e razão como parte indissociável ao progresso; e o darwinismo social que tem base no evolucionismo de Charles Darwin, fizeram parte da corrente teórica socialista de Coutinho, além de Karl Marx com a obra “*O Capital*”. Schmidt atesta sua análise a partir da produção intelectual do socialista e acervo da Biblioteca da Sociedade União Operária. Aos olhos contemporâneos é quase inimaginável uma ligação entre estas ciências, todavia toda essa mescla ideológica fazia parte de um contexto do século XIX.

Enfim, o personagem misturou nos seus escritos as influências de Marx, Comte, Darwin, Spencer, Lombroso, Ferri, entre outros. Esta aparente confusão teórica guardava, na verdade uma grande coerência com os padrões de conhecimento do final do século XIX: todas as correntes referidas, buscavam desvendar racionalmente a lógica da natureza, da sociedade, do crime e do homem, preferencialmente através da observação empírica. A questão da cientificidade balizava tais teorias que se esforçavam por romper com as explicações teológicas, abstratas e metafísicas (SCHIMIDT, 2000. P.86).

A estratégia de Coutinho constituía-se em um socialismo reformista, que pensava em uma mudança gradativa, assim como Darwin pensava a evolução humana, o socialista via que o povo não estava preparado para a revolução, pelo baixo nível cultural, deste modo os militantes mais esclarecidos deveriam preparar e orientar os trabalhadores.

Aplicando a metodologia da vida cotidiana realizada por Schmidt, em nosso objeto de estudo, poderemos compreender as faces de médico e colonizador, além das redes de sociabilidades e conjunturas históricas que envolveu o desenvolvimento da vida acadêmica do médico francês Jean Maurice Faivre.

Ainda no Departamento de Jura, Faivre conclui o ensino primário e secundário, com essas raízes rurais inicia os estudos na conceituada *Faculté de Médecine* de Paris. A história dessa instituição de ensino superior remonta ao período medieval, criada aproximadamente no ano de 1170, a partir da escola da Catedral de *Notre-Dame*. Uma das mais antigas instituições da Europa, neste período era comum a união entre catedrais e escolas. De acordo com Joaquim de Carvalho, durante o período medieval as Universidades eram controladas pelas autoridades eclesiásticas e civis. Neste contexto de controle teocrático, a Universidade de Paris foi, durante um longo tempo, um local onde se professaram publicamente os estudos teológicos (CARVALHO, 2018).

Historicamente a Universidade de Paris teve berço e base religiosa cristã, todavia esse cenário mudou no final do século XVIII, período histórico em que ocorreu a Revolução Francesa. Dentre as primeiras medidas desta transformação político-social, podemos destacar a lei Le Chapelier,³⁴ assinada em 14 de junho de 1791, que dispôs no primeiro de seus 8 artigos, “a aniquilação de todas espécies de corporações de cidadãos do mesmo estado ou profissão, sendo uma das bases fundamentais da constituição francesa, são proibidas de serem restabelecidas de fato, sob quaisquer pretexto e forma que seja” (FRANÇA, 1791).

Neste primeiro artigo fica disposto o fim de todas as corporações medievais de ofício. Isso significava o fim das universidades. Reconhecidas como domínio elitista, fortaleciam os quadros do estado-nação absolutista. Com esses desdobramentos a Universidade de Paris fechou suas portas em 1793.

³⁴ A Lei Le Chapelier, editada pela assembleia revolucionária (Chapelier era um dos membros daquela assembleia, que apresentou o projeto convertido na referida lei), na França, não admitia qualquer entidade de classe intermediária entre a sociedade e o Estado, considerando-a prejudicial ao interesse público (FILHO, 2016, p. 104).

Anos depois, na França Napoleônica, a partir do decreto imperial de 17 de março de 1808, as universidades foram reabertas em um modelo centralizador. Segundo Arriada (2012, p. 192),

pela lei de 17 de março de 1808, vários aspectos são tratados com maiores detalhes. Por essa lei determinava-se que o ensino público, em todo o Império, estaria confiado à Universidade. Nenhuma escola ou qualquer outro estabelecimento de ensino poderia funcionar fora da Universidade Imperial ou sem a sua autorização.

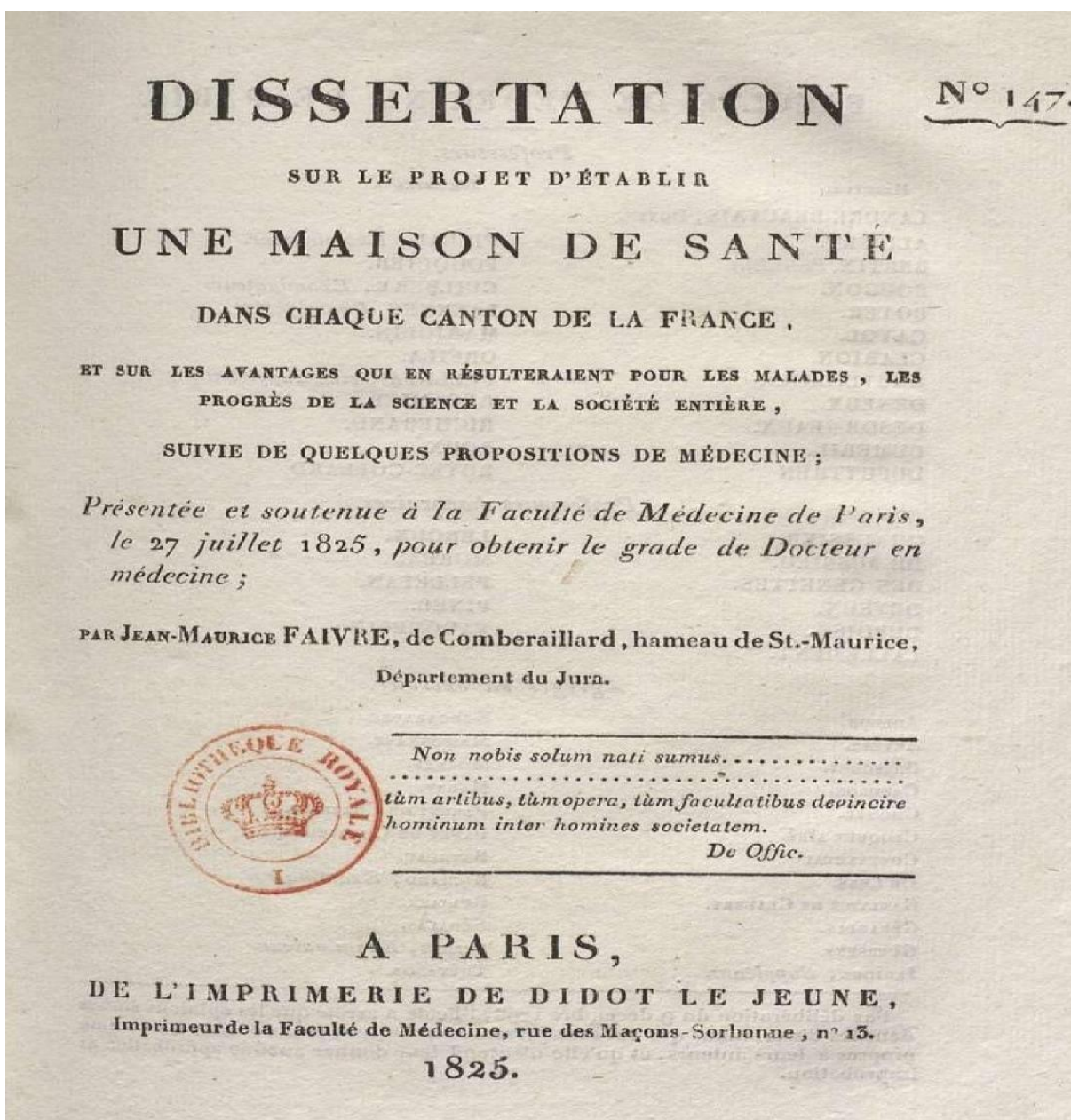
Antes do retorno das universidades, uma série de reformas foram propostas, já que se tratou de uma grande mudança na organização educacional, do sistema medieval para o moderno. Dentre elas a Reforma de Cabanis,³⁵ tinha como foco o ensino médico, que propôs um ensino descentralizado, com faculdades ao invés de universidades; viés profissional, com grau acadêmico; ensino laico; estrutura curricular orientada pela disciplinaridade; e pedagogia analítica (ALMEIDA-FILHO, 2018).

Neste cenário de grandes mudanças desencadeadas pela Reforma de Cabanis e Reforma Educacional de Napoleão no ensino médico, Faivre cursou medicina na *Faculté de Médecine* de Paris, que tinha sido reinaugurada em 1808.

Obteve grau de Doutor em Medicina em 27 de julho de 1825, apresentando e defendendo sua dissertação sobre o projeto de implantação de uma casa de saúde em cada cantão da França e sobre as vantagens que daí adviriam para os pacientes, o progresso da ciência e de toda a sociedade, seguida de algumas propostas de medicina. A imagem 9 na sequência ilustra a primeira página da dissertação realizada por Jean Maurice Faivre, com os dados informados acima.

³⁵ Considerando a ativa participação de Pierre-Jean Georges Cabanis nesse processo, Filho propõe designar como Reforma Cabanis o conjunto de políticas, normas e iniciativas de reforma do ensino médico que resultaram em modelos de ensino superior baseados em faculdades e orientados ao profissionalismo, à disciplinaridade e à especialização (FILHO, 2017).

Imagem 9 – Dissertação de Jean Maurice Faivre



Fonte: Bibliothèque nationale de France. Source 47ealiz.bnf.fr. Página com o título da dissertação de Jean Maurice Faivre, apresentada em 1825 na Faculté de Médecine de Paris.

O francês iniciou sua dissertação elucidando que antes do progresso da civilização tínhamos um pequeno número de doenças para combater, com o progresso as doenças aumentam e com elas os vícios, tais como o egoísmo e a vida dos prazeres que fizeram muitos homens esquecer o juramento que tinham feito em prestar assistência mútua e ajudar a todos, para satisfazer seus prazeres pessoais (FAIVRE, 1825).

O juramento ressaltado é nomeado como Juramento de Hipócrates,³⁶ que tinha por norte o compromisso do médico com princípios morais e civis na medicina, apesar de sofrer muitas alterações ao decorrer da história a jura continua sendo realizada pelos médicos recém formados. Dentre essas alterações, Faivre foi influenciado por uma versão francesa, um modelo mais conciso conhecido como Juramento de Montpellier,³⁷ o texto contempla a seguinte premissa:

Eu darei meu cuidado gratuito aos necessitados e nunca exigirei um salário acima do meu trabalho. Admitido no interior das casas, meus olhos não verão o que acontece ali, minha língua contará os segredos que me serão confiados e meu estado não servirá para corromper as boas maneiras nem favorecer o crime (REZENDE, 2009, p.40, tradução nossa).³⁸

Entretanto apesar de todo o egoísmo e a quebra do juramento, o francês ressaltou que em todos os tempos houve homens cujo objetivo era diminuir o número de pessoas infelizes e ajudar a todos, mesmo em meio a corrupção. O empreendimento que chamou atenção recebeu o nome de templo de saúde, existiria um em cada cantão da França, adaptado a cada localidade e número de pacientes. O francês ressalta os campos rurais com muitos charlatões, que se aproveitavam dos altos preços das consultas médicas para vender uma morte quase certa, por isso a proposta da dissertação apresentou um local em que ricos e pobres não fossem distinguidos (FAIVRE, 1825).

Conseguimos perceber as continuidades das experiências colhidas na socialização primária no curso da socialização secundária, quando Jean Maurice Faivre escreve em sua dissertação um relato de suas origens.

Um dia, atravessando as montanhas que fazem fronteira com a França do condado da Suíça, parei na encosta de uma colina cuja vista dominava a pequena aldeia onde iria passar a noite. Aí, depois

³⁶ Juramento a ser proferido por todos aqueles considerados aptos a exercer a medicina, no momento em que são aceitos como tal por seus pares e admitidos como novos membros da classe médica. O juramento hipocrático é considerado um patrimônio da humanidade por seu elevado sentido moral e, durante séculos, tem sido repetido como um compromisso solene dos médicos, ao ingressarem na profissão. (REZENDE, 2009).

³⁷ Na França, é corrente um modelo abreviado conhecido como juramento de Montpellier, certamente oriundo de uma das mais antigas e celebradas escolas médicas da França – a de Montpellier (REZENDE, 2009).

³⁸ Traduzido de: *Je donnerai mes soins à l'indigent et n'exigerai jamais un salaire au-dessus de mon travail. Admis dans l'intérieur des maisons, mes yeux ne verront pas ce qui s'y passe, ma langue taira les secrets qui me seront confiés et mon état ne servira ni à corrompre les mœurs, ni à favoriser le crime.*

de ter enchido a minha alma com a majestade das rochas que me rodeavam, e com a calma da solidão que reinava nestes lugares, adormeci. Não sei quanto tempo durou meu sono; quando fui acordado por uma caminhada apressada e os soluços de um jovem de quinze anos. Eu perguntei a ele: por que você está chorando? Minha pergunta, feita um pouco apressadamente, assustou-o; em vez de me responder, eu o vi fugir mais rápido. No entanto, querendo consolá-lo se pudesse, eu o segui e, chamando-o várias vezes, ele finalmente parou. Logo fiquei sabendo que ele estava indo a duas léguas de distância em busca de um médico para seu pai que sofria de uma cólica violenta (FAIVRE, 1825, p. 8-9, tradução nossa).³⁹

Faivre elucidou a miséria do departamento do Jura, como uma situação comum de todas as áreas rurais da França, a pobreza desencadeava um atendimento médico precário, ainda mais quando os habitantes precisam de remédios.

As vantagens do seu projeto seriam inúmeras: a medicina centralizada nos hospitais de grande porte seria levada para todos, melhorando principalmente a qualidade de vida das pessoas mais pobres. Vantagens para o próprio progresso da medicina, sendo expandida, pois segundo o autor seria nos hospitais que o aluno aprende a sua arte. Vantagens para o ser humano, visto que o projeto afastaria os vícios egoístas dos homens.

Ao conseguirmos concretizar o estabelecimento pretendido como acabo de indicar, foram superadas todas as dificuldades que nos poderiam impedir de lá ir e o nosso objetivo será cumprido. Na verdade, tendo encontrado uma maneira de reunir as diferentes classes da sociedade, em breve superaremos o mundo, uma sociedade de amigos. Doravante, não haverá mais ódio, não haverá mais inveja; enfim, chega de gente infeliz! (FAIVRE, 1825, p. 16, tradução nossa).⁴⁰

Como já ressaltamos, no Brasil, Faivre se deslocou à província de Goiás para estudar as águas termais, tendo produzido o livro intitulado “*Análise de águas*

³⁹ Traduzido de: *Un jour, parcourant les montagnes qui limitent la France du côté de la Suisse, je m'arrêtai sur le penchant d'une colline dont la vue dominait le petit village où je devais passer la nuit. Là, après avoir ressasié mon âme de la majesté des rochers qui m'environnaient, et du calme de la solitude qui régnait dans ces lieux, je m'endormis. Je ne sais combien de temps dura mon sommeil; lorsque je fus éveillé par la marche précipitée et les sanglots d'un jeune homme de quinze ans. je lui demandai: pour quoi pleurez-vous? Ma question, faite un peu vivement, l'effraya; au lieu de me répondre, je le vis fuir plus vite. Cependant, désirant le consoler s'il m'était possible, je le suivis, et l'appelant plusieurs fois, il s'arrêta enfin. Je sus bientôt qu'il allait à deux lieues de là chercher un médecin pour son père souffrant d'une colique violente.*

⁴⁰ Traduzido de: “*En réussissant à faire envisager l'établissement comme je viens de l'indiquer, toute les dissicultés qui pouvaient empêcher de s'y rendre sont vaincues, et notre but va être rempli. En effet, ayant trouvé le moyen de rapprocher les différentes classes de la société, on outra bientôt du monde, une société d'amis. Dès-lors plus de haine, plus d'envie; en un mot, plus de mal-heureux!*”

termais de Caldas Novas, comarca de Santa Cruz, província de Goiás no Brasil”, contendo uma observação sobre as causas do desenvolvimento de bócio, e seguido por um estudo sobre morféia, publicado por Faivre em março de 1842 e impresso no Rio de Janeiro em 1844. A imagem 10 na sequência ilustra a primeira página deste escrito, com o título do estudo em francês “*Eaux Thermales de Caldas Novas, comarca de Santa Cruz, province de Goyaz, au Brésil*”.

Imagem 10 – O estudo de águas termais de Caldas Novas

EAUX THERMALES

DE CALDAS NOVAS,

**COMARCA DE SANTA CRUZ, PROVINCE DE GOYAZ,
AU BRÉSIL,**

**Contenant une observation sur les causes du développement du
Goître, et suivie d'une étude sur la Morphée;**

EN MARS 1842,

PAR

LE DOCTEUR J. M. FAIVRE.

Fonte: Bibliothèque nationale de France. Source 50ealiz.bnf.fr. Página com o estudo de águas termais de Caldas Novas, realizado por Jean Maurice Faivre em 1842, publicado no Rio de Janeiro em 1844.

Almeida, em sua síntese biográfica publicada em 1934 no *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB*, discorreu sobre a importância dos estudos das águas termais para a medicina, levando Faivre a receber o título de Cavaleiro da Ordem de Cristo⁴¹ do Imperador.

⁴¹ A Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Cristo é uma ordem honorífica portuguesa que herdou o nome da extinta Ordem de Cristo (1834), e que é concedida por destacados serviços prestados no

Estudou a localidade, analisou as águas, observou doentes, analisou a frequência do bócio e chegou a autopsiar cerca de 20 cadáveres morféticos. Desses estudos resultou a não confirmação da pretensão ação curadora daquelas águas, e as memórias foram enviadas em 1843 à já então academia Imperial de Medicina, e mereceram do Imperador agracia-lo, a 2 de dezembro de 1844, com o título honorífico de Cavaleiro da Ordem de Christo (ALMEIDA, 1934, p. 201).

Na síntese biográfica intitulada “*João Maurício Faivre Médico e Colonizador*”, escrita por Alfredo Nascimento⁴² e publicada na Revista médica *Syniátrica* em 1937, o autor ressaltava a experiência com os estudos das águas termais como crucial para a mudança de suas atividades.

Suas obras pessoais focadas principalmente em águas minerais, em particular em nascentes termais de Caldas Novas. Ao realiza-los, Faivre se interessou pelo país vizinho, que era, na época, muito pouco colonizado, e lá está trocando sua carreira de médico “aconteceu” pela de um conquistador (NASCIMENTO, 1937, p. 312, tradução nossa).⁴³

Faivre foi descrito como conquistador/colonizador, por ter fundando a colônia Thereza Christina, fato que como podemos observar ao longo deste capítulo não seria uma grande ruptura de mundos, uma vez que ao decorrer da formação acadêmica percebemos constantemente a figura humanística de Faivre, preocupado com a saúde dos mais pobres, principalmente em áreas rurais, das quais ele próprio se origina.

Apesar de termos ressaltado até aqui pressupostos da produção bibliográfica de Faivre, o francês não é compreendido como um intelectual tradicional neste trabalho, mas sim como um médico romântico.

O termo *Homem Romântico*, pode ser compreendido como um desdobramento da ideia de afinidade eletiva utilizada no final do século XVIII. O filósofo alemão Max Weber, em sua obra “*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*” utilizou o conceito “afinidade eletiva” para analisar a reforma

exercício das funções em cargos de soberania ou Administração Pública, e na magistratura e diplomacia, que mereçam ser especialmente distinguidos.

⁴² Alfredo do Nascimento e Silva foi um médico brasileiro. Foi eleito membro da Academia Nacional de Medicina em 1892, da qual foi presidente de 1908 a 1909.

⁴³ Traduzido de: “*Ses travaux personnels portèrent principalement sur les eaux minérales, notamment sur les sources thermales de Caldas Novas. En les étudiant, Faivre s'intéressait au pays environnant, qui n'était, à cette époque, que fort peu colonisé, et le voilà échangeant sa carrière de médecin « arrivé » contre celle d'un Conquistador.*”

protestante em um contraponto ao marxismo e o materialismo histórico dialético. Michael Löwy, utilizando a expressão de George Lukács, chamou de messianismo histórico ou concepção romântico messiânica da história e caracterizava esse romantismo à uma espécie de posição qualitativa, diferente da visão quantitativa temporal do progresso e da acumulação de capital linear. Nessa visão crítica da modernidade e das transformações industriais, o romantismo messiânico incorporava a expressão milenar das esperanças, sonhos e aspirações dos párias e oprimidos da história (LÖWY, 1989).

A obra “*O homem romântico*” organizada pelo historiador François Furet, reúne uma coleção de textos que marcam profundamente os papéis de um indivíduo envolvido em profundas transformações na sociedade, na transição do pensamento conservador para o espírito revolucionário. Neste trabalho o homem romântico é tido como fruto do nascimento e desenvolvimento da sociedade moderna, entre 1814 e 1848, anos que a Revolução Francesa acaba e também recomeça.

No início de 1789 sobrevive à derrota da França napoleónica, e o seu espírito insinua-se inexoravelmente nas ideias e nas instituições das velhas monarquias que esperavam tê-lo vencido. As nações da Europa são objecto de uma vasta pedagogia antidemocrática, mas já não se identificam com a aristocracia. O Ancien Régime, que os Franceses tinham querido abolir um pouco por toda a parte, sobrevive, mas por meio de compromissos com as novas ideias, e como que pouco seguro de si. Conciliando-se aqui com o constitucionalismo, ali com a igualdade civil, conduzindo um pouco por todo o lado uma batalha defensiva contra o espírito do tempo e a misteriosa evidência da sua necessidade (FURET, 1999, p. 7).

Tal análise permite observar o carácter misto das gerações românticas. O quinto capítulo da obra organizada por Furet é denominado como “Médico” e foi escrito pelo médico e filósofo Italiano Giorgio Cosmacini. Neste, o autor traz à tona o tema da medicina romântica, alinhando-a ao empirismo e ao idealismo alemão, à medida que as doenças não eram consideradas apenas patologias biológicas.

Era do romantismo médico que extraía algumas das concepções e noções que sobreviveriam ao seu ocaso: o conhecimento da relação integrada organismo-meio (homem-natureza) como referente da saúde; a ideia de uma patologia degenerativa ou parasitária, a noção de malignidade clínica (COSMACINI, 1999, p. 152).

Nesta perspectiva, o médico alemão Dietrich Georg Kieser, chegou a definir o egoísmo como uma doença no sentido físico e ético, ou seja, uma doença do corpo

e do espírito. Segundo Cosmacini, a concepção da doença como egoísmo dilacerante da unidade do todo tornava o próprio organismo uma unidade dilacerada, cindida. Uma ideia que apresentava a metafísica da vida, na qual os médicos românticos, armados com uma lanceta, fiéis ao antigo procedimento de purgar sangue traziam alívio psicológico para além da cura (COSMACINI apud FURET, 1999, p. 158).

Faivre sofreu muitas influências da medicina romântica, à medida que aplicava em seus trabalhos técnicas atribuídas a estes médicos, como a sangria, difundida pelo médico francês François Broussais, a quem Faivre admirava e acompanhava os trabalhos; autópsia de cadáveres para estudos médicos como fez em Caldas Novas de Goyaz; utilização de ervas medicinais e conversas com seus pacientes. Além disso considerava que o progresso humano trouxe consigo o egoísmo, uma doença que também precisava ser tratada, premissa já ressaltada acima sobre o trabalho de conclusão de curso em medicina.

Este trabalho está vinculado à história intelectual, à medida que problematiza os espaços de produção e recepção destas produções, além de não estar restrito a uma análise de uma personalidade canonizada e utilizar somente produções bibliográficas. A pauta de discussão sobre intelectuais não é fechada. Como afirma Sirinelli (1986) trata-se de uma “história em construção”, além do próprio conceito que influi diversas disputas no campo historiográfico, os grupos e instituições que cercam esses intelectuais são elementos que não podem ser esquecidos, pois se atrelam com o modo de pensar, agir e produzir destes indivíduos. De acordo com Sirinelli (2003, p. 248),

todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de apreender, mas que o historiador, não pode ignorar ou subestimar.

Como elucidado antes, essas estruturas de sociabilidades não podem ser ignoradas e já ressaltamos neste capítulo o papel da instituição educacional na formação do pensamento do indivíduo. As redes de sociabilidades nesse sentido são composições específicas da instituição.

As “redes” secretam, na verdade, microclimas à sombra dos quais a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos. E, assim entendida, a palavra sociabilidade reveste-se portanto de uma dupla acepção, ao mesmo tempo “redes” que estruturam e “microclima” que caracteriza um microcosmo intelectual particular (SIRINELLI, 2003, p. 252-253).

Essas estruturas de sociabilidades permitem refletir e pensar sobre as fidelidades ideológicas do indivíduo, as tensões ideológicas, políticas e culturais do período analisado, as tomadas de partido político-partidárias, as rupturas e transformações de pensamento e até como a sociedade de determinada época percebe os intelectuais. Tendo isso em mente, a pesquisa das redes de sociabilidade em seus microclimas permite analisar e compreender a conjuntura e a macroestrutura que cercam esses espaços de produção de conhecimento e cultura.

As estruturas de sociabilidade variam, naturalmente, com as épocas e os subgrupos intelectuais estudados. Assim, se os “salões”, na fronteira entre os dois séculos, constituíam uma casa importante no jogo de ludo dos intelectuais, com suas musas da sociabilidade, eles não figuram mais entre os elementos decisivos que hoje quadriculam e subtendem a intelectualidade. Seria importante aleatório tentar esboçar uma tipologia desses elementos. Mas, em todo o caso, é possível necessário fazer sua arqueologia, inventariando as solidariedades de origem, por exemplo, de idade ou de estudos, que constituem muitas vezes a base de “redes” de intelectuais adultos (SIRINELLI, 2003, p. 249-250).

Utilizando a estratégia metodológica “arqueológica” de Sirinelli, observaremos as redes de sociabilidades que contribuem para a formação da base do pensamento intelectual francês de Jean Maurice Faivre, da macro para a microestrutura.

A França forneceu a base do modelo político moderno através da Revolução Francesa (1789 – 1799), um ciclo de transformações e mudanças, sob o lema de liberdade, igualdade e fraternidade que resultaram no fim dos privilégios da aristocracia e do antigo regime. Hannah Arendt ressalta que tal transformação só foi possível a partir da questão social, uma pauta que poderia ser resumida em existência da pobreza.

A realidade que corresponde a esse conjunto moderno de imagens é aquilo que, a partir do século XVIII, viemos a chamar de questão social e que seria mais simples e melhor chamar de existência da pobreza. A pobreza é mais do que privação, é um estado de carência constante e miséria aguda cuja ignomínia consiste em sua força desumanizadora; a pobreza é sórdida porque coloca os homens sob o ditame absoluto de seus corpos, isto é, sob o ditame absoluto da necessidade que todos os homens conhecem pela mais íntima experiência e fora de qualquer especulação (ARENDR, 2011, p.93).

Esse contexto, aliado a intelectualidade iluminista desencadearam grandes transformações na percepção política da sociedade, dentre elas podemos destacar a *Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão* de 1789 elucidando, em seus artigos, direitos inalienáveis e sagrados aos homens. Pressupostos como vontade geral, liberdade e igualdade entre os homens, deram base para, mais tarde, em 1948, ser aprovada pela Organização das Nações Unidas – ONU a *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, além de expressarem as bases de diversas obras políticas que movimentaram o curso da formação do estado moderno.

A Inglaterra foi o palco de grandes mudanças no setor econômico, conhecidas como Revolução Industrial. Apesar de sempre ser associada como a mudança no sistema produtivo, do modo artesanal para o sistema fabril, tal transformação foi muito mais complexa, à medida que consolidou o sistema capitalista e originou novos comportamentos sociais. A partir do surgimento de uma realidade urbano-industrial, surgiu o proletariado, trabalhando nas fábricas equipadas com máquinas de forma ininterrupta e monótona, em longas jornadas, tais condições aceleraram o desenvolvimento econômico, todavia geraram graves consequências. Friedrich Engels na obra *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, publicada em 1845, elucidou tais consequências,

As consequências disso foram, por um lado, uma rápida redução dos preços de todas as mercadorias manufaturadas, o florescimento do comércio e da indústria, a conquista de quase todos os mercados estrangeiros não protegidos, o crescimento veloz dos capitais e da riqueza nacional; por outro lado, o crescimento ainda mais rápido do proletariado, a destruição de toda a propriedade e de toda a segurança de trabalho para a classe operária, a degradação moral, as agitações políticas e todos os fatos que tanto repugnam aos ingleses proprietários (ENGELS, 2010, p. 50).

O próprio Faivre (1825, p. 5) escreveu em sua tese de conclusão de curso que o “progresso da civilização trouxe as paixões violentas e a corte dos vícios”,⁴⁴ em meio a essa conjuntura em que o capital estava sobreposto aos indivíduos

⁴⁴ Traduzido de: “*progrès de la civilisation eussent amené à leur suite les passions violentes et la cohorte des vices*”.

nasceu a corrente teórica denominada cooperativismo,⁴⁵ como uma alternativa de contornar os problemas econômicos gerados pela revolução industrial.

Cabe mencionar que esta visão negativa da nascente sociedade industrial burguesa é moralista particular de Faivre e dos críticos desta transformação econômica. Na Inglaterra berço desta revolução, ocorreu uma experiência na cidade de Rochdale-Manchester, em 1844 que contou com 28 trabalhadores, a maioria tecelões, cuja proposta era uma união entre os membros para comprar o maior número de produtos e conseguir preços melhores, depois estes seriam divididos igualmente. A partir dessa ligação fundaram a Sociedade dos Probos de Rochdale,⁴⁶ a primeira cooperativa moderna.

Cabe-se mencionar que tal experiência não ocorreu de forma isolada, visto que as bases teóricas desse movimento vinham sendo formadas por autores ingleses e franceses, dentre eles: Saint Simon (1760 – 1825), Charles Fourier (1772 – 1837), Louis Blanc (1811 – 1882) e Robert Owen (1771 – 1858), vistos como pensadores cooperativistas.

O pensamento de Owen, que é considerado o pai do cooperativismo, ressaltava que o homem é fruto do meio social. Deste modo para mudar o indivíduo é preciso mudar seu meio, gradualmente, de forma pacífica e moderada. Suas principais ideias eram combater o lucro e a concorrência, pois acreditava que elas eram os motivos das injustiças sociais. Fourier, pensava na superação dos problemas gerados pela revolução industrial com a harmonização entre as classes sociais, acreditava na bondade do ser humano, nesse sentido desenvolveu uma proposta de cooperativismo através dos falanstérios. De acordo com Barros,

as Falanges propostas por Fourier seriam correspondentes a pequenas unidades sociais com populações de cerca de 1500 habitantes, e cada uma possuiria um edifício comum chamado Falanstério no qual todos viveriam harmoniosamente (BARROS, 2011, p. 246).

⁴⁵ Cabe mencionar que cooperativismo é diferente de cooperação/associativismo. Andrioli (2007, p. 34) ressaltava que “o associativismo é mais amplo do que o cooperativismo, pois contempla além da economia, também a organização em torno de questões sociais, políticas, culturais, religiosas, esportivas e de lazer, em função de sua amplitude, o associativismo é bem antigo, tendo seus primeiros registros nas primeiras formas de civilização humana, com as práticas de mutirão e parceria”.

⁴⁶ Denominada “Rochdale Society of Equitable Pioneers”, registrada em 24 de outubro de 1844, em Rochdale-Inglaterra. Os objetivos e forma de organização social do trabalho e economia da Cooperativa de Rochdale transformaram-se, posteriormente, em Princípios do Cooperativismo Mundial.

Segundo o autor, para Fourier os falanstérios seriam um modelo de sociedade coletiva, no qual as pessoas vivendo em comunidade desenvolveriam atividades com base nas suas vocações ou paixões, baseado na produção e consumo cooperativista nos quais poderiam se desenvolver de forma autossuficiente (BARROS, 2011).

Em meio a estas transformações ressaltadas, que movimentaram a intelectualidade francesa e o círculo de sociabilidade de Paris, Jean Maurice Faivre fez parte e absorveu muitas influências que ficam evidentes em sua obra, dentre elas cabe-se mencionar a idealização e direção da colônia agrícola em terras paranaenses, que é associada pela historiografia como a primeira experiência do cooperativismo no Brasil. Fernandes (2006), ressalta que a essência da colônia era baseada no sistema cooperativista de Robert Owen.

Silva (2017, p. 2427) aponta que a colônia de Faivre “foi pioneira em praticar o processo de cooperativismo no Brasil”. Charles Gide e Bernard Lavergne na obra *Revue des études coopératives* (1980, p. 135) ressaltam que “algumas tentativas ficaram famosas, como a do médico Jean-Maurice Faivre, francês que fundou em 1847 no Paraná, o falanstério Teresa Cristina.⁴⁷” De maneira geral a associação da colônia agrícola é vinculada ao cooperativismo idealizado por Charles Fourier, tal ponto será discutido com mais profundidade no capítulo 2.

Todo o contexto de transformações elucidado, nas esferas políticas, econômicas e sociais, que cercam o processo de socialização, os espaços e redes de sociabilidades que influenciaram parte da formação do ideário de Faivre, ajudam-nos a compreender suas multifaces. De filho a pai ou de médico a colonizador, percebemos em sua trajetória diversas continuidades e descontinuidades históricas, que denotam o emaranhado de complexibilidade que é o ser humano. Deste modo fazer uma análise unilateral como normalmente é feita em biografias oficiais, considerando apenas uma face do indivíduo, ignora a subjetividade e a própria possibilidade de entender o biografado.

⁴⁷ Traduzido de: *Quelques tentatives sont restées célèbres, comme celle du docteur Jean-Maurice Faivre, un Français qui fonda en 1847 à Paraná, le phalanstère, Teresa Cristina.*

2 - A COLÔNIA THEREZA CHRISTINA E SUAS REPRESENTAÇÕES

Em meio a trajetória de Faivre, destaca-se a idealização e direção da colônia agrícola Thereza Christina, que por sua vez como vimos no primeiro capítulo é vinculada como uma experiência do cooperativismo francês, mais especificamente ao socialismo utópico. Contudo ao considerar a complexibilidade humana, indagações surgem a tais considerações. Para compreender melhor esta categorização e as produções de sentidos, este capítulo dá ênfase ao empreendimento colonizatório, de sua idealização, fundação e desdobramentos até o falecimento de Faivre, em 1858. Deste modo, este capítulo não é indissociável do primeiro, à medida que busca compreender as ações de Faivre na colônia e a vinculação destas com as ideias socialistas, para compreender as respectivas representações.

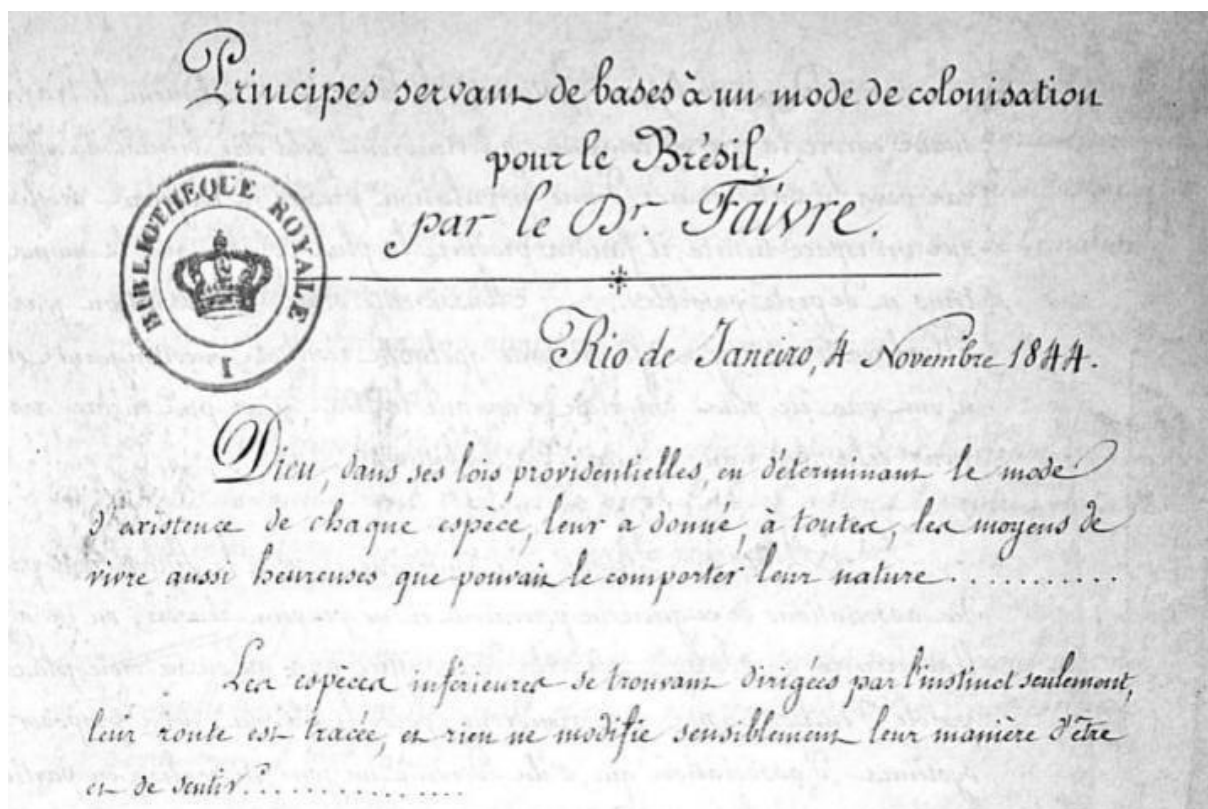
2.1 A IDEALIZAÇÃO DE UM PROJETO

Neste subtítulo serão observados os antecedentes da colonização, compreendendo a sua idealização, através de um documento cunhado por Jean Maurice Faivre, que começou a ser escrito em 4 de novembro de 1844 no Rio de Janeiro, e foi findado em 1846 em Paris.

O documento intitulado “Princípios usando a base de um modo de colonização para o Brasil”,⁴⁸ e já referido anteriormente neste trabalho, é um manuscrito em francês com oito páginas, elaborado por Faivre ao decorrer de três anos que permite fazer uma análise do seu projeto, as bases de fundamentação teórica, bem como analisar a imagem pintada do Brasil por ele com objetivo de “seduzir” os franceses para participar do empreendimento que estava sendo arquitetado. Abaixo podemos observar na imagem 11, a primeira página deste documento.

⁴⁸ Auteur du texte. Principes servant de bases à un mode de colonisation pour le Brésil / par le Dr Faivre [Rio-de-Janeiro, 4 nov. 1844]. 1844.

Imagem 11 – Manuscrito de Faivre



Fonte: Biblioteca digital gratuita Gallica.
<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k134740j.r=Jean%20Maurice%20Faivre?rk=21459;2>. Acesso em
 20 de mar de 2021.

Faivre inicia o documento citando o fato de Deus ter criado cada espécie tendo meios para viver felizes conforme sua natureza, entretanto a espécie do homem, movida por duas pulsões, o instinto e a razão, propiciam ao homem imbuído da razão se organizar em sociedade (FAIVRE, 1844).

O homem é obviamente sociável... Em qualquer associação, ele compromete sua liberdade, seu eu, apenas por força ou necessidade, então assim que uma de suas causas deixa de agir tão fortemente para contradizê-lo, ele está todo disposto a engajamentos desta natureza (FAIVRE, 1844, p. 1, tradução nossa).⁴⁹

Como podemos observar Faivre considera o homem como um ser naturalmente sociável, cabendo a ele utilizar da inteligência e da racionalidade para se organizar em sociedade e satisfazer suas necessidades. Segundo o francês a

⁴⁹ Traduzido de: *L'homme est évidemment sociable... Mair Dans une association quelcome, il n'engage sa liberté, son moi, que par la force ou le besoin, aussi dès que l'une de ser cause, cesse d'agir afsez fortemem pouu le contraidre, il ess tous disposé à engagements de cette nature.*

partir do crescimento acelerado em um pequeno espaço não bastaria apenas uma cooperação do trabalho, mas toda uma vida em comunidade.

Em alguma parte da Europa, não só o trabalho, mas também a vida em comum talvez logo se torne indispensável ali, porque para a subsistência uma população com pressa está sempre crescendo, em um espaço limitado, será necessário produzir o máximo possível, com o menor tempo de perda possível (FAIVRE, 1844, p. 2, tradução nossa).⁵⁰

Segundo Faivre (1844, p. 2, tradução nossa)⁵¹ “este tipo de afiliação pelo Falanstério, já houve alguns que resultaram em encorajamento e se não foi mais completo, é que o assunto ainda não chegou para isso, ainda faltam habitantes”. O autor ressalta que as experiências realizadas com influência do projeto falanstério, idealizado por Charles Fourier, só não teriam sido exitosas por falta de adeptos.

Então na África, na América e no Brasil em particular, associações desse tipo não poderiam ser bem sucedidas para mim, nós experimentamos isso em Sahy... Isso deve ser o suficiente para não acreditarmos mais na palavra de um entusiasta que vem para o presente propor um sistema de associação que, um dia devem ser realizadas em parte, apenas para o futuro (FAIVRE, 1844, p. 2, tradução nossa).⁵²

Na citação acima, podemos observar que Faivre considera que uma associação ao falanstério não seria viável para o Brasil, sendo uma ideia para o futuro, tendo como exemplo a experiência da colônia Saí.

A colônia do Saí por sua vez é uma experiência fourierista formada em 1841, por colonos franceses na península do Saí,⁵³ em Santa Catarina. O médico francês Benoîte Jules Mure saiu da Europa representando a *Union Industrielle*⁵⁴ com intuito

⁵⁰ Traduzido de: *Dans quelque partie de l'Europe, non seulement le travail, mais encore la vie commune y deviendront peut-être bientôt indispensables, car pour subsistance d'une population pressée et toujours croissante, sur un espace limité, il faut produire le plus possible, avec le moins de temps et de perte possible.*

⁵¹ Traduzido de: *ceite sorte d'affiliation par les au Phalanstère, y a déjà présenté quelques résultats encouragements etsila n'om pas été plus complet, c'ess que le tems n'ess pas encore arrivé pour cela, il y manque encore des habitants.*

⁵² Traduzido de: *Alors en Afrique, en Amérique et pour le Brésil en particulier, des associations de ce genre ne pouvaient et ne peuvent réussir, on en a fait l'expérience au Sahy... Es cela dois suffire pour qu'on ne croie plus à la parole d'enthousiaster qui viendrom pour le présens, nous proposer des système d'association qui, s'ils doivens un jour, se réalise en partie, ne sons que poux l'avenis.*

⁵³ A península do Saí fica localizada na margem norte da Baía da Babitonga, próximo à cidade histórica de São Francisco do Sul.

⁵⁴ A *Union Industrielle*, foi criada na França com a finalidade de divulgar e apoiar a implantação de uma comunidade societária no Novo Mundo. Era composta por pessoas dispostas a viverem uma vida falanstérica nas terras brasileiras, segundo os preceitos de Fourier.

de propagar ideias do cooperativismo. Neste sentido idealizou a colônia industrial inspirada nas ideias do falanstérios de Charles Fourier. Segundo o historiador Antonio Carlos Gütler o projeto apresentado por Mure foi uma exposição abreviada da dinâmica falansteriana, ajustando sua proposta à realidade brasileira (GÜTLER, 1994).

Com apoio do governo Imperial Mure fundou a colônia fourierista do Saí, entretanto logo surgiram dissidências entre Mure e outros franceses, Michel Derrion, Jamain e Arnaud, membros da *Union Industrielle*. Segundo Sartori (2019, p. 102), “as primeiras ranhuras estavam diretamente ligadas às concepções que o grupo portava. Todos sabiam que os fourieristas não eram um grupo unitário e as divergências tiveram suas origens quando o mestre faleceu”.

Os colonos que chegavam já encontravam divisões e discordâncias entre os membros, levando ao desmembramento da colônia de Saí na colônia do Palmital, em abril de 1842. Após as deserções e conflitos ocorridos na colônia do Saí, Mure abandonou a experiência. Conforme ressalta Sartori (2019, p. 201), “em meados de julho de 1843, o dr. Mure partiu do Sahy e decidiu se instalar no Rio de Janeiro para trabalhar com aquilo que mais lhe interessava – a homeopatia”.

As dissidências, dificuldades econômicas e divergências nas regras de vida no falanstério desencadearam o fim da colônia. Segundo a historiadora Ivone Cecília D’Ávila Gallo, a experiência terminou nos primeiros meses de 1846, com a ida de Derrion para o Rio de Janeiro, repetindo movimento de Mure quase três anos antes (GALLO, 2002).

Faivre continuou sua idealização ressaltando que o homem nasceu para trabalhar. Através de referências religiosas cita que o homem foi colocado no paraíso para trabalhar. Segundo Faivre (1844, p. 2, tradução nossa)⁵⁵ “analisando a sensação de bem-estar que o trabalho provoca, logo percebemos que é tão prazeroso quanto beber e comer”, entretanto alguns homens tentando fugir da sua natureza racional, forçam outros homens para trabalhar por ele, em um instinto animal.

Para dispensá-lo, ele forçou outros homens, pela força e astúcia, a trabalhar para ele. Mas ao alimentar-lhes a dor, a sua ambição, o seu luxo, sendo o vice-gerente da sua ociosidade, contentou-se em bater

⁵⁵ Traduzido de: *en analysant la sensation de bien-être que donne le travail, en s'aperçois bientôt, qu'il ess aussi agréable que celni provenam du manger.*

os seus instintos animais, sem pensar nas desordens que resultariam de uma conduta em que a razão não fosse consultada (FAIVRE, 1844, p. 2, tradução nossa).⁵⁶

Contudo o homem deve trabalhar de forma racional e inteligente para ter uma produção segura e abundante. De acordo com Faivre (1844, p. 3, tradução nossa)⁵⁷ “é, portanto, principalmente para a agricultura que o homem é chamado a exercitar sua força, sua indústria e sua inteligência”.

Através do trabalho agrícola o homem reconheceria a si mesmo. Tendo isso como princípio e outros que deste decorrem, o francês destacava como poderia ser povoado o Brasil e outros locais desprovidos de habitantes. Segundo o historiador Ruy Wachowicz (2002, p. 145) “em meados do século XIX era o território paranaense uma região mal povoada, com sertões brutos e desabitados, inclusive em áreas não muito distantes de Curitiba”. Cabe-se mencionar que a análise etnocêntrica de desabitado diz respeito à presença dos europeus, visto que tais terras já vinham sendo ocupadas de 9.000 à 12.000 anos atrás, principalmente por povos tradicionais indígenas.

A partir desta conjuntura, Jean Maurice Faivre discorria que só existe uma associação verdadeira possível para viver em comunidade, a família, composta pelo pai, a mãe e os filhos, reunindo por associação cerca de 10 famílias mais ou menos, vivendo em comunidade afim de produzir o máximo possível.

Que várias famílias agrupadas em um mesmo local tenham que se ajudar para diminuir seu trabalho, elas terão em comum estabelecimentos de primeira necessidade onde apenas uma pode atender as necessidades de todo o grupo como moinhos, serralheria, olaria, fiação, etc... nesse arranjo os instintos onde se satisfaz o cuidado da sociedade, bem como a razão que encontra nele sua força e sua segurança (FAIVRE, 1844, p. 3, tradução nossa).⁵⁸

⁵⁶ Traduzido de: *Pour s'en passer, il a abligé d'autres hommes, par la force es la ruse, à travailler pour lui... mais en nourrisant de leur peine son ambition son luxe, es les vices de son oisiveté il s'ess contenté d'abéix à ses instimets animaux, sans pensax aux désordres qui devaiem résulter d'une conduite ou la raison n'étais poms consultée.*

⁵⁷ Traduzido de: *C'est donc pour l'agriculture principalement, que l'homme est appelé à exercer ser force, son industrie et son intelligence.*

⁵⁸ Traduzido de: *Mais plusieurs familles groupées dans un même lieu devront s'entraider, es pour diminuer leur travail oblige, elles auront en commun des établissements de première nécessité dans um seul pourra suffire aux besoins du groupe enties, comme moulins, scieries, briqueterie, métiex à filex. dans ces arrangemens l'instinc ou le besoin de société, es satisfais, ainsi que la raison qui y trouve sa force es sa sécurité.*

Após delimitar o grupo social bem como a localidade onde se fixarão, cuja estrutura propicie satisfazer suas necessidades, o francês propõe quatro princípios constituídos da seguinte forma:

1º. Cada família ao receber o título de posse, das terras que lhe serão concedidas, construirá sua casa segundo um plano previamente traçado, que empreenderá e será obrigado a seguir à risca... Esses planos parciais formarão pelo seu encontro o plano geral de uma cidade agrícola.

2º. Cada família contribuirá de acordo com as suas forças para o estabelecimento em comum de várias espécies de moinhos, uma serraria, uma olaria, usufruirá do tear mecânico de fiação e tecelagem que o grupo social possuirá... A forma como cada família fará uso desses estabelecimentos será regulamentado oportunamente.

3º. Haverá em cada grupo, um ministro da religião encarregado de usar a religião e instruir as crianças. A criança de 8 anos que não souber ler e escrever incorrerá em multa ao pai, cujo preço será fixado em regulamento.

4º. Decorridos 10 anos de estabelecimento, o governo recolherá sobre a propriedade fundiária, as contribuições que julgar convenientes; ou seja, o grupo social após 10 anos de existência, estando em todos associado ao encargo do Estado, gozará também de todas as vantagens dos súditos brasileiros (FAIVRE, 1844, p. 4, tradução nossa).⁵⁹

Diversos elementos foram traçados nesses princípios, o primeiro ponto que as terras seriam distribuídas gratuitamente às famílias, seguindo à risca o plano estabelecido; o segundo ponto esclarece que os meios de produção, mais especificamente as máquinas, seriam coletivos, de todo o grupo social, nos quais as famílias poderiam trabalhar conforme suas forças; o terceiro ponto elucida a importância do ensino, considerando que a criança deveria ser alfabetizada até os oito anos; já no quarto ponto ele ressaltou que os imigrantes teriam dez anos para fixarem-se, após esse período o governo imperial brasileiro iria recolher impostos.

⁵⁹ Traduzido de: 1º. *Chaque famille en recevant, le titre de possession, des terres qui lui seront accordées, bâtit sa maison d'après un plan tracé d'avance, et qu'elle s'engagera et sera obligée à suivre exactement = As plans partiels formeront, par leur réunion, le plan général d'une ville agricole.*

2º. *Chaque famille contribuera selon ses forces à l'établissement en commun de plusieurs espèces de moulins, d'une scierie, d'une brinquerie, etc., et jouira des métiers mécaniques à filer à tisser que possédera le groupe social. = La manière dans laquelle chaque famille usera de ces établissements sera réglée en son temps.*

3º. *Il y aura dans chaque groupe, un ministre du culte chargé d'enseigner la religion et d'instruire les enfants. = L'enfant de 8 ans qui ne saura pas lire et écrire rendra son père passible d'une amende dont le prix sera fixé par un règlementaire.*

4º. *Après 10 ans d'établissement, le gouvernement percevra sur les propriétés foncières, les contributions qu'il jugera convenables; ou en d'autres termes, le groupe social après 10 ans d'existence, se trouvant associé en tout aux charges de l'État, jouira aussi de tous les avantages des sujets brésiliens.*

Contudo, passado esse tempo, os franceses poderiam usufruir dos mesmos direitos que os súditos brasileiros.

Após apresentar os princípios básicos de seu projeto, Faivre (1844, p. 4, tradução nossa)⁶⁰ ressaltou como pretendia colocar o projeto em prática voltando a sua terra natal, “vamos para a Europa, para a França por exemplo e vamos falar com fazendeiros nas montanhas do Jura e na Suíça, são homens honestos, homens maduros e trabalhadores”.

Visando fazer um orçamento, Faivre (1844, p. 5, tradução nossa)⁶¹ apontou alguns custos, “acredita-se que para a instalação de um grupo social cada família custará aproximadamente um conto de réis (2.800 a 3.000 francos)”, também aponta que seria necessário trazer da Europa os teares de fiação e tecelagem e as principais máquinas para fazer o tijolo, moer e forjar.

Chegando lá poderia falar sobre o ouro e o diamante brasileiro, como um atrativo aos imigrantes, mas segundo Faivre (1844, p. 4, tradução nossa)⁶² seria dito simplesmente: “aqui, você não tem nada, você trabalha 12 horas por dia para se alimentar, você está mal vestido, você está com frio etc”, em contraponto no Brasil em terras mais férteis, teriam maior produção e uma vida mais tranquila e farta.

No Brasil a terra será sua; então tudo o que você produzir estará lá, você poderá se cansar menos, se alimentar, se vestir melhor e assim por diante. Além disso, teremos tempo para nos educar e, com instrução, permaneceremos bons e felizes o maior tempo possível (FAIVRE, 1844, p. 4, tradução nossa).⁶³

Tal forma de atrair os imigrantes dialoga perfeitamente com as ideias criadas para a colônia, visto que homens atraídos pelo lucro, pela ganância não conseguiriam viver sobre os moldes comunitários. Segundo Faivre (1844, p. 5, tradução nossa)⁶⁴ “é um trabalho que deve ser feito por um homem, livre de qualquer ideia de lucro”.

⁶⁰ Traduzido de: *on ira en Europe, en France par exemple es l'ons'adrefsera à des cultivateurs des montagnes du Jura es de la Suisse, ce sons des hommes probes, de bonnes maurs et laborieux.*

⁶¹ Traduzido de: *Je crois pour l'installation d'un groupe social chaque famille coûtera environ un conto de réis (2,800 à 3,000 francs).*

⁶² Traduzido de: *ici, vour ne possédez rien, tu travailles 12 heures par jour pour vour nourrix inal, vous, êtes mal vértus, vous avez froid.*

⁶³ Traduzido de: *Au Brésil, la terre sera à vous; alors tous ce que vous produirez étans à vons, vous pourrez vous fatigues moins, vous vétir mieux, etc. De plus, vous aurez du temps pour vons instruire, et avec de l'instruction vous resterez bons et deviendrez heureux antam que possible.*

⁶⁴ Traduzido de: *c'ess me auvre qui doit se faire par un homme, libre de toute idée de lucre.*

O médico francês elucidou que os homens simples capazes de mudar o país precisavam ser guiados e encorajados para tal. Nesse sentido ele ressaltou que no Brasil o solo é fértil e os brasileiros são inteligentes, porém faltam modelos para eles seguirem, “viajei quase até a província do interior, e vi pela desordem e pela miséria que ali reinam o quão importante seria e introduzir o amor à agricultura e os métodos que facilitam seu trabalho” (FAIVRE, 1844, p. 5, tradução nossa).⁶⁵

Como exemplo e modelo Faivre propôs a colônia Thereza Christina, abreviada em colônia Thereza, nome dado em homenagem à Imperatriz Thereza Christina de Bourbon, esposa de Dom Pedro II, vínculos que Jean Maurice Faivre criou ao decorrer de suas atividades médicas no Rio de Janeiro.

Thereza será, portanto, uma cidade modelo: sua posição será escolhida e será uma casa a ser construída segundo princípios higiênicos seguros; ali será regulado o trabalho, em harmonia com as necessidades e obrigações do homem, e, a agricultura homogênea é praticada como o principal elemento da prosperidade geral e da felicidade individual, trazendo-lhe a abundância que dispõe à paz e abre os corações à generosidade, fará de Thereza um verdadeiro modelo a seguir e incentivar (FAIVRE, 1844, p. 5, tradução nossa).⁶⁶

Faivre (1844, p. 6, tradução nossa)⁶⁷ finalizou essa parte de seu escrito mencionando que a colônia Thereza “não é especulação. É a prova de um pensamento a favor da humanidade”.

As páginas seis, sete e oito deste documento escrito por Faivre são datadas em agosto de 1846, em Paris. O conteúdo é direcionado para os franceses a fim de convencê-los a participarem de seu projeto.

Primeiramente Faivre (1846, p. 6, tradução nossa)⁶⁸ apresentou que pensava em criar bases de um modelo de colonização que pudesse servir de exemplo e ser aplicado para o mundo inteiro, neste sentido ele ressalta: “manteremos um diário exato de tudo o que fizermos e de tudo o que acontecerá; então, se o resultado do

⁶⁵ Traduzido de: *J'ai voyagé presque toutes les provinces de l'intérieur, et j'ai vu par le désordre et la misère qui y régnaient combien il serait important d'y introduire l'amour de l'agriculture et les méthodes qui en facilitent les travaux.*

⁶⁶ Traduzido de: *Thereza sera donc une ville modèle : sa position sera choisie et sa maison construite d'après des principes hygiéniques surs; le travail sera réglé et mis en harmonie avec les besoins et on forcera l'homme, et enfin l'agriculture honnête et pratiquée comme l'élément principal de la prospérité générale et du bonheur individuel, en y apportant l'abondance qui dispose à la paix et ouvre les cœurs à la générosité, fera de Thereza un vrai modèle à suivre et à encourager.*

⁶⁷ Traduzido de: *ce n'est par une spéculation. C'est l'essai d'une pensée en faveur de l'humanité.*

⁶⁸ Traduzido de: *nous tiendrons un journal exact de tout ce que nous ferons et de tout ce qui nous arrivera; alors, si le résultat de notre entreprise est heureux, d'autres n'auront qu'à suivre la même voie pour arriver au même bonheur.*

nosso empreendimento for feliz, outros terão que seguir o mesmo caminho para chegar à mesma felicidade”.

Tendo isso em vista Jean Maurice Faivre (1846, p. 6, tradução nossa)⁶⁹ criou uma imagem do Brasil para os franceses: um “país tranquilo, de uma extensão imensa, com falta de habitantes, e governado constitucionalmente por um jovem Imperador, na qual a bondade natural se coaduna com o coração generoso de sua esposa”. Segundo Andreazza e Nadalin (1994, p. 64) “o imigrante era encarado de uma maneira romântica, capaz de criar uma civilização camponesa a maneira da Europa”. Deste modo o objetivo dos discursos eram realizar uma propaganda positiva da província e do país.

O discurso era quase sempre ufanista e unilateral. Clamava-se por encher de população ativa o vasto território da província, onde tudo floresce à força da natureza, onde o colono europeu depara com um clima análogo ao seu país natal, e onde salubridade que tanto o distingue, é título demais para confiar no futuro que se entreolha (ANDREAZZA E NADALIN, 1994, p. 66).

Essas características apresentadas de um país tranquilo e próspero são propositais, visto que a conjuntura política na França era instável.

Da Revolução Francesa (1789 – 1799) até a Era Napoleônica (1799 – 1815) a França enfrentou um período extremamente conturbado com guerras, seja tentando derrubar o absolutismo monárquico em seu próprio país, ou a tentativa de desmantelar as monarquias europeias. Entretanto após a queda de Napoleão em 1814 até 1830, a França passou por um período de restauração monárquica, que por sua vez terminou com a Revolução de Julho em 1830, quando a insatisfação com o regime monárquico gerou três dias de revoltas parisienses, em 26, 27 e 28 de julho, essas mobilizações também são conhecidas como *Três dias Gloriosos*. Mesmo com o retorno das ideias liberais, o governo aos poucos foi endurecendo, desencadeando mais anos de rebeliões e revoltas na França.

A história francesa neste período, como percebemos acima, foi marcada por uma instabilidade política muito grande, o país era dividido entre republicanos e monarquistas. Além disso a conjuntura na França em 1846, ano que Faivre escrevia tentando cativar os franceses a virem para o Brasil, tinha um contexto com

⁶⁹ Traduzido de: *pays paisible, d'une immense, manquant d'habitants et gouverné constitutionnelle par un jeune empereur dont la bonté naturelle repandant au cœur généreux de son Auguste Epouse.*

problemas que não eram só políticos, mas também econômicos e sociais. Segundo Boxus,

entre 1846 e 1848, alguns fatores externos explicam tal insurreição. As colheitas são péssimas, o que aumenta o problema da fome. A indústria entra em crise e chega a uma superprodução, porque o empobrecimento dos camponeses provoca uma queda de consumo. As fábricas param e dispensam seus operários. Salários que já eram pequenos ainda são reduzidos. O preço dos alimentos dispara. As atividades das grandes indústrias e a construção de estradas de ferro são paralisadas (BOXUS, 2010, p. 53).

Com essas circunstâncias de fome e pobreza, o clima de insatisfação do povo francês era grande, aliado a isso cabe ressaltar os rumores sobre o novo mundo, um lugar com terras férteis, ouro e muitas vantagens para o proveito do homem. Muitas pessoas e países migraram para o país no século XIX em busca do “*eldorado*”, fatores que auxiliavam Faivre em seu objetivo de trazer franceses adeptos ao seu empreendimento colonizatório.

Faivre que já tinha percorrido os sertões da província de São Paulo em suas atividades médicas, definiu no documento o local onde o empreendimento iria acontecer. “É, portanto, no Brasil, digo, na província de São Paulo no rio Ivaí, a 26º de latitude sul, que vamos nos estabelecer. Essa posição é linda e seu resultado é ótimo” (FAIVRE, 1846, p. 6, tradução nossa).⁷⁰ O rio Ivaí seria um importante elemento para a colonização visto que segundo o francês, “o Ivaí é navegável e desagua no Paraná que forma com o Paraguai e o Uruguai o rio da Prata, um dos maiores rios do mundo: que vantagem para a exploração e o comércio se um dia tivermos que fazê-lo” (FAIVRE, 1846, p. 6, tradução nossa).⁷¹

O rio Ivaí hoje é de acordo com Destefani (2005) a segunda maior bacia hidrográfica do Paraná, com uma área de 36.587 km² e um percurso de 680 km.

⁷⁰ Traduzido de: *C'est donc au Brésil, je veux dis-je, dans la province de S. Paul sur la rivivère Ivahy, par le 26º de latitude sud, que nous allons nous installer. Cette position ess belle es son avenir est grand.*

⁷¹ Traduzido de: *l'Ivai est navigable, et se jette dans le Paraná qui forme avec le Paraguay et l'Uruguay la rivière de la Plata, l'un des plus grands fleuves du monde: quel avantage pour l'exploration, et le commerce si un jour rieu à désirex.*

chegou em 7 de Outubro. Segundo a descrição de João Henrique Elliot,⁷³ que fez parte dela, a da embocadura do ivahy (...) onde agora se acha a colônia Thereza. Nesta extensão contam-se, além de várias cachoeiras, baixios e corredeiras, que não oppoe grande dificuldade (FLEURY, 1865, p. 29).

O relatório evidencia que Elliott considerava o rio Ivaí navegável em 1845, compactuando com Faivre da mesma análise. Entretanto, em 1865, Fleury (1865, p. 28) fez uma observação crítica, considerando a exploração “imperfeita e acanhada” ressaltando a necessidade de um estudo mais aprofundado.

Com todas essas vantagens, o médico francês ressaltava aos seus conterrâneos,

o solo é tão fértil que duas horas por um dia de nosso inteligente trabalho será suficiente para nos fornecer comida variada e tão abundante quanto aquela que poderíamos saborear em Paris com vinte e cinco mil francos de renda! Duas horas de trabalho por dia, meus amigos, é o que todo homem precisa para adquirir toda a força e toda a saúde de que necessita para desfrutar plenamente de todas as suas faculdades (FAIVRE, 1846, p. 6 – 7, tradução nossa).⁷⁴

Seria necessário, segundo Faivre, apenas duas horas de trabalho por dia, o restante do dia os franceses poderiam desenvolver seus conhecimentos intelectuais.

É verdade, para nossa subsistência não precisaremos nem trabalhar muito, duas horas por dia, uma hora de manhã, uma hora de tarde! Mas, meus amigos, o homem não vive só de pão, ele deve nutrir nossa alma, nosso pensamento, desenvolver nossa inteligência” (...) meus amigos, vamos ser colocados muito vantajosamente, no meio de uma natureza virgem e rica em uma infinita variedade de produções, para nos dedicarmos ao estudo das ciências físicas que,

⁷³ John Henry Elliot (1809 - 1884) foi um agrimensor, topógrafo, cartógrafo, desenhista e escritor norte-americano radicado no Brasil. Filho de ingleses nascido na cidade da Filadélfia (EUA) no início do século XIX, John Henry Elliot iniciou carreira militar na Marinha dos Estados Unidos por volta de 1823 e nesta instituição aprendeu as técnicas da topografia e cartografia, bem como noções básicas de pintura, quando estudou na Academia Naval. Retirou-se da marinha norte-americana em 1825 e logo em seguida viajou para a cidade do Rio de Janeiro, alistando-se na Marinha Brasileira para participar da Guerra Cisplatina. Neste conflito, foi feito prisioneiro, ficando em território argentino até o fim da guerra. Após sua libertação, fixou residência na cidade de Curitiba onde desenvolveu seus dotes artísticos, escrevendo, pintando e desenhando. Aventureiro, participou, na década de 1840, da comitiva do sertanista Joaquim Francisco Lopes (a serviço de João da Silva Machado, o Barão de Antonina) que explorou os sertões paranaenses. Logo depois foi contratado, diretamente pelo Barão de Antonina, para executar serviços de cartografia na cidade de Tibagi.

⁷⁴ Traduzido de: *le sol ess tellemem fertile que deux heures par jour de notre travail intelligent suffiront pour nous donner une nourriture variée et aussi abondante que celle que nous pourrions avoir à Paris avec vingt-cinq mille francs de rente ! Es deux heures de travail par jour, mes amis, c'est juste ce qu'il en faudrait à chaque homme a besoin pour qu'il put acquérir toute la force et toute la santé dont il aurait besoin pour jouir complètement de toutes ses facultés.*

sem dúvida, favorecerão o desenvolvimento das faculdades intelectuais (FAIVRE, 1846, p. 7, tradução nossa).⁷⁵

Segundo o relatório de 1872 do Presidente da Província Venâncio Lisboa, “o Dr. Faivre apelou para os nacionais do paiz, na esperança de que, costumado a lutar com a aspereza de um sertão inculto, e mais aptos para o trabalho que demanda o emprego da foice e do machado” (LISBOA, 1872, p.47).

Faivre (1846, p. 6, tradução nossa)⁷⁶ apontou que os primeiros brasileiros eram gentis e inteligentes, entretanto faltavam-lhes exemplos, “o país foi colonizado por um despejador do mais atrasado da Europa, o povo português”, nesse sentido os franceses poderiam dar-lhes os exemplos que faltam. Contudo, ainda alerta que a superioridade dos recursos franceses não são motivos para exploração dos semelhantes, pelo contrário esse conhecimento deve ser utilizado para elevá-los. Na colônia todos seriam iguais, não havendo distinção entre os brasileiros e franceses.

Para finalizar seu escrito, Jean Maurice Faivre (1846, p. 8, tradução nossa)⁷⁷ ressaltou que esse sentimento de igualdade, ao ser praticado com constância, tornar-se-ia uma prática natural, “enfim, meus amigos, a caridade e a paz estarão conosco e a repetirão a cada instante do dia, em todas as ocasiões logo fará parte de nossa carne, de nossos ossos, de nossos pensamentos íntimos”.

Vale ressaltar que os valores de igualdade entre os homens podem ser vistos durante toda a trajetória de Faivre, em seu trabalho de conclusão do curso de medicina, o qual já foi ressaltado com mais ênfase no capítulo 1. O francês defendia uma unidade de saúde em todos os lugares da França, “*O projeto de implantação de uma casa de saúde em cada cantão da França e sobre as vantagens que daí adviriam para os pacientes, o progresso da ciência e de toda a sociedade, seguida de algumas propostas de medicina*”, ressaltando que,

⁷⁵ Traduzido de: *C'est une vérité, pour notre subsistance nous n'aurons pas besoin de travailler beaucoup, deux heures par jour, une heure le matin, une heure le soir! C'en'est vraiment rien!... Mais, mes amis, l'homme ne vit pas seulement de pain, il faut nourrir notre âme, notre pensée, développer notre intelligence. (...) mes amis, nous allons être placés très avantageusement, au milieu d'une vierge et riche d'une infinité de productions diverses, pour nous livrer à l'étude des sciences physiques qui, sout, à n'en pas douter, les plus propres à favoriser le développement em des facultés intellectuelles.*

⁷⁶ Traduzido de: *le pays s'ete trouvé colonisé par un des peuples les plus arriérés d'Europe, le peuple portugais.*

⁷⁷ Traduzido de: *enfin, mes amis, la charité es la paix serom avec nous es em le répétam à chanque instam du jour, dans toutes les occasions il fera bientôt partie de notre chair, de notre pensées intimes.*

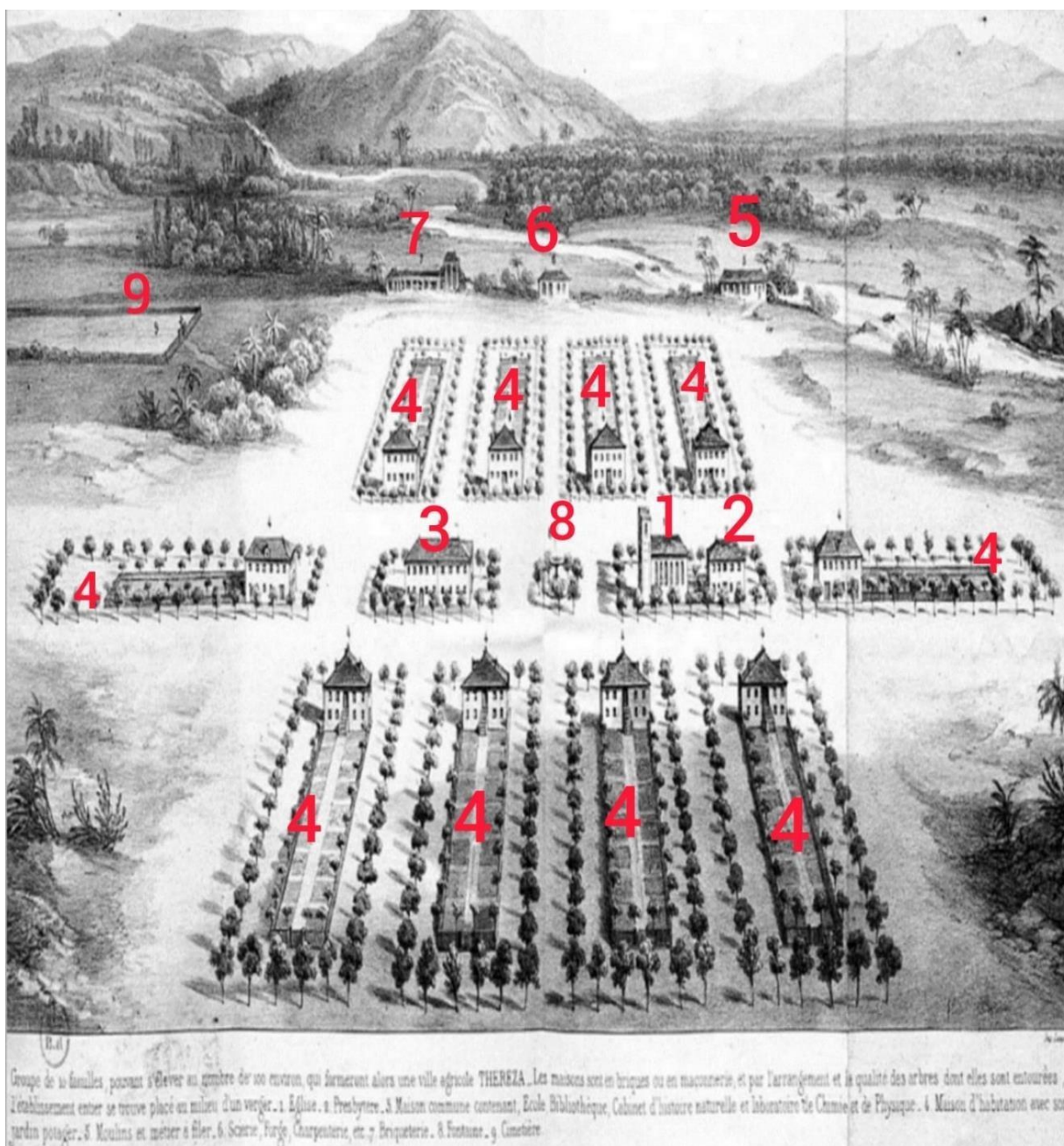
as portas do templo da saúde serão abertas sem qualquer retribuição aos pobres e ricos. A visão de uma miséria comum aprenderá quão fraca é a distinção que a fortuna estabelece entre os homens; todos se tornarão melhores nesta escola de infortúnios: o pobre suportando com mais coragem a privação do que lhe falta, e o rico sendo menos orgulhoso do que não traz felicidade (FAIVRE, 1825, p. 7, tradução nossa).⁷⁸

Conforme a citação acima percebemos que o projeto da casa de saúde de Faivre receberia todas as pessoas sem distinção, da mesma forma que não haveria distinção entre os membros da colônia Thereza.

Na imagem 13 abaixo podemos observar uma idealização Icnográfica da colônia Thereza realizada por Faivre. Tal mapa pode ser encontrado na última página do documento "*Princípios usando a base de um modo de colonização para o Brasil*". Foram feitas interferências numéricas em vermelho, visando ampliar as informações que já estavam disponíveis na imagem, tais informações estão associadas com a legenda escrita abaixo da imagem.

⁷⁸ Traduzido de: les portes du temple de la santé seront ouvertes sans aucune rétribution au pauvre et à l'homme riche. Le spectacle d'une misère commune apprendra combien est faible la distinction que la fortune établit parmi les hommes; tous deviendront meilleurs à cette école du malheur, le pauvre en supportant avec plus de courage la privation de ce qui lui manque, et le riche en s'enorgueillissant moins de ce qui ne fait pas le bonheur.

Imagem 13 – Iconografia colônia Thereza (1844 – 1846)



Fonte: Biblioteca Nacional de Paris. Iconografia colônia Thereza, Faivre (1844 – 1846). Grifos do autor (2022).

Na legenda em baixo da imagem Faivre escreveu “Grupo de 10 famílias, podendo ascender ao número de cerca de 100 que formarão então uma vila agrícola THEREZA – as casas são de alvenaria ou tijolo, e pelo tamanho e qualidade das árvores com que estão rodeadas, todo o estabelecimento está localizado no meio de

um pomar”.⁷⁹ Elucidando que seu projeto era pensado para 10 famílias, o número 4 repetido dez vezes na imagem representa cada uma das casas de habitação com sua respectiva horta. Ao centro o número 8 traz a imagem de uma fonte. Ao lado esquerdo o número 3 com a imagem de uma casa comunitária, que conteria a biblioteca escolar, gabinete de história natural e laboratório de química e física. Ao lado direito temos o número 1 com a representação da igreja, e o número 2 representando o presbitério. Ao fundo do lado direito do mapa é visível o número 5 representando o lugar onde ficaria os moinhos e teares. Mais ao centro aparece o número 7 simbolizando a alvenaria e o 6 representando a serraria, forja, carpintaria e etc. E por fim no lado esquerdo o número 9 elucidando o local onde ficaria o cemitério.

Tal iconografia da colônia Thereza, ajuda a sintetizar o plano de Faivre descrito nas linhas acima, à medida que percebemos o rio Ivaí ao fundo da imagem, considerado fundamental para o desenvolvimento da colônia, percebemos também o número de dez casas destinadas às dez famílias e os espaços industriais, religiosos e educacionais, correspondentes com a idealização. Em síntese Faivre elucida um modelo comunitário sob moldes rurais, uma representação que seu capital simbólico, que aos seus olhos seria um empreendimento próspero e fortune. Contudo, cabe observar o papel propagandista de sua idealização à medida que buscava adeptos ao seu empreendimento, não destacando os enormes desafios que uma vida distante das grandes vilas da província traria para os colonos.

O projeto colonizatório é tido por parte de uma historiografia, como uma experiência socialista utópica, inspirada na teoria do falanstério do filósofo socialista Charles Fourier. Contudo, cabe mencionar que os dados já mencionados, nos dão indícios das críticas que partiram de Faivre, ao sistema do falanstério empregado na baía do Saí, considerando uma experiência futurista e inviável para o Brasil. Deste modo apresentam-se duas perguntas: qual a relação da colônia agrícola com as outras experiências coloniais que vinham ocorrendo na então província de São Paulo? E quais os motivos desta categorização criada para a colônia, foi socialismo ou não?

⁷⁹ Traduzido de: *Goupe de 10 familles, pouvant s'élever au nombre de 100 environ qui formeront alors une ville agricole THEREZA. Les maisons en briques ou en maçonnerie, et par l'arrangement et la qualité des arbres dont elles sont entourées, l'établissement entier se trouve place au milieu d'un verger.*

Buscando responder tais questões, os próximos subtítulos são resultados de uma análise acerca de como a idealização, fundação e desenvolvimento da colônia Thereza está interligada às políticas de imigração do século XIX. E ainda compreender a aplicação do conceito socialismo utópico empregado à experiência de Faivre.

2.2 DO PLANO À PRÁTICA

É imprescindível pensar o projeto idealizado por Jean Maurice no contexto histórico brasileiro. Neste sentido o historiador Alef Guilherme Zangari da Silva, produziu uma dissertação de mestrado em história defendida em 2019, intitulada “*Política de Imigração e colonização no Brasil Imperial: Um estudo sobre a Colônia Thereza Christina-PR (1847-1875)*”, que contribui para pensar as políticas de imigração do século XIX e as articulações para atração de imigrantes.

Segundo Silva (2019, p. 22) “as regularidades para a introdução de estrangeiros como membros viabilizadores da colonização tiveram início no Brasil no século XIX em um período denominado joanino”.

Neste sentido com a vinda da família real e mudança da corte para o Brasil em 1808, uma série de medidas foram tomadas para conseguir resolver o problema do país, a falta de mão de obra livre. Dentre essas medidas cabe-se mencionar o decreto, assinado em 25 de novembro de 1808, no Rio de Janeiro, que permitia a concessão de sesmarias⁸⁰ aos estrangeiros residentes no Brasil. Ainda no período joanino foi assinado um decreto, em 16 de maio de 1818, que aprovava as condições para o estabelecimento de uma colônia de Suíços no Brasil, mais precisamente uma colônia com 100 famílias suíças que se fixaram na antiga Fazenda do Morro Queimado, região onde depois foi formada a cidade de Nova Friburgo - RJ. Os imigrantes receberiam transporte, terra, casa provisória, instrumentos de trabalho, sementes e outras vantagens (LAZZARI, 1980).

Segundo Silva (2019, p 23) “após a independência do Brasil em 1822, os projetos de colonização por meio da imigração avançariam, com Dom Pedro I”, fator que foi reforçado com a primeira constituição do Brasil outorgada em 1824, visto que

⁸⁰ Sesmaria era um lote de terras distribuído a um beneficiário, em nome do rei de Portugal, com o objetivo de cultivar terras virgens.

ela “estabelecia que o imperador era o responsável pela colonização por meio da imigração e, com isso, núcleos coloniais começam a ser formados”.

O contexto internacional também influenciava expressivamente o Brasil. Em 1807, o comércio de escravos foi proibido pelo governo inglês, que, a partir daí, começou uma campanha pela abolição do tráfico internacional. Com a independência do Brasil em 1822, uma das exigências da Inglaterra para o reconhecimento da independência foi a proibição da importação de escravos no Brasil. Assinado em 1826, o tratado proibiu o tráfico e estabeleceu um prazo de três anos para as determinações entrarem em vigor (MAMIGONIAN, 2009).

Em 7 de novembro de 1831, foi promulgada no Brasil a lei que declarava livre os escravos vindos de fora do império e impunha penas aos importadores dos mesmos escravos. Contudo a falta de uma fiscalização, a queda do valor do escravo na África e a demanda de mão de obra da grande lavoura cafeeira, fez com que o tráfico de escravos ao invés de diminuir, aumentasse. Era a famosa “lei para inglês ver”⁸¹ (CONRAD, 1985).

Contudo, em 8 de agosto de 1845, a Inglaterra instituiu a “*Bill Aberdeen*”, que dava poderes para a esquadra britânica prender e punir qualquer navio negreiro encontrado pelos mares do mundo. De acordo com Silva (2019, p. 26) “a Inglaterra só visava a sua inadiável decisão de extinguir o tráfico de qualquer forma. Se preciso, os ingleses não hesitariam em declarar guerra. Essa ameaça era evidente, foi discutida várias vezes no Parlamento britânico”.

Com a pressão inglesa, entrou em vigor no Brasil, a chamada lei Eusébio de Queiroz, em 1850, que proibia definitivamente a entrada de escravos africanos no Brasil. Essa lei também é conhecida como fim do tráfico negreiro. A promulgação desta lei desencadeou a dificuldade de obtenção de mão de obra escrava. Consecutivamente o valor do escravo aumentou, gerando impactos na produção alimentícia. A necessidade de mão de obra, aliada à preocupação das elites em tornar o Brasil um país branco, reforçou a necessidade de acelerar a imigração europeia. De acordo com o historiador Ruy Wachowicz (2002, p. 145 – 146),

as elites diretas do Brasil pensavam numa forma de impedir que o país se tornasse a maior nação negra do planeta, tamanho era o

⁸¹ O Brasil tinha a obrigação de patrulhar as costas, as quais eram também patrulhadas pelos navios britânicos. Mas o tráfico continuava, com vista grossa à traficância. Dizia-se, por isso, que o nosso patrulhamento era fictício, isto é, apenas para inglês ver.

número de africanos trazidos ao Brasil desde o século XVI. Era o problema do caimento da população. Segundo essas elites era preciso tornar o país majoritariamente branco e não africano.

Corroborando esta análise Andreazza e Nadalin (1994, p. 69) discorrem que “o Paraná trabalhou no paradigma do *darwinismo social*, buscando a integração na civilidade e no progresso ocidental pela via racial”. Nesta linha de raciocínio, o governo imperial embasava seu projeto de colonização na agricultura, considerando a mão de obra do europeu mais qualificada do que a do negro (SILVA, 2019).

De acordo com Iotti (2003, p.23 – 24), a própria política de imigração imperial era ditada pelos interesses em “braços livres, isto é, a importação de trabalhadores estrangeiros para a substituição, em suas fazendas, do decadente e já improdutivo trabalho escravo”.

Segundo Lamounier, alguns estudos apontam que os nacionais sempre viveram à margem da sociedade, considerados preconceituosamente como “indolentes”, “vadios” e “ociosos”. Outros estudos, apontam que a população pobre e livre tinha resistência em mudar seu modo de vida e valores culturais, para outro metódico e disciplinado.

Seja vendo os nacionais como alvos de políticas e ações de exclusão, seja conferindo maior autonomia aos trabalhadores nacionais em suas decisões e opções, o que fica patente é que para boa parte da historiografia esse grupo de população, apesar de constituir mão-de-obra em potencial, não se tornou um elemento importante na formação do mercado de trabalho na segunda metade do século XIX (LAMOUNIER, 2007, p. 354 – 355).

Com a falta de interesse na mão de obra dos nacionais, a política imigratória desenvolvida pelo império, iniciou com fortes propagandas e panfletagens realizadas na Europa, dentre as quais podemos destacar a realizada por Faivre em 1846. O imigrante acreditava que o Brasil era o paraíso, um lugar próspero onde poderiam fazer sua fortuna. A Europa tinha um excedente populacional, em que a maior parte da população vivia na miséria, devido às guerras Napoleônicas e às convulsões sociais da primeira metade do século XIX, além de crises econômicas que geravam desempregos, e assim, por conseguinte, muita desigualdade social.

Em meio a todo esse contexto histórico foram fundadas as primeiras colônias europeias na Província do Paraná, Rio Negro (1829), Thereza Christina (1847) e

Superaguy (1852), antes mesmo da emancipação política que ocorreu em 19 de dezembro de 1853, quando as terras pertenciam à província de São Paulo.

A primeira iniciativa de fixar imigrantes europeus não portugueses no Paraná, foi a colônia Rio Negro. O tropeiro e latifundiário João da Silva Machado,⁸² que depois se tornou barão de Antonina, conseguiu autorização da corte para fixar as margens do Rio Negro um núcleo de imigrantes alemães, em 1829. Segundo Wachowicz (2002, p.146) “238 alemães foram localizados para que, com sua atividade agrícola e conseqüentemente expansão, afugentasse os indígenas xokleng mais para as matas”.

Rio Negro hoje é um município do Paraná que faz fronteira com a cidade de Mafra do estado de Santa Catarina, e o que divide as duas cidades são as águas do rio Negro. Historicamente a região fazia parte do caminho das tropas, mais conhecido como caminho do Viamão,⁸³ utilizado pelos tropeiros para transportar gado e comercializar produtos entre Sorocaba – SP e Viamão – RS. Entretanto a travessia dos tropeiros era composta por um trecho difícil,⁸⁴ terreno montanhoso, úmido, em mata fechada, com a presença de indígenas kaingangs e xoklengs. Os indígenas se sentiam ameaçados pelos tropeiros e fazendeiros que passavam por suas terras, e os tropeiros consideravam os indígenas um estorvo para a travessia, o que ocasionou diversos conflitos. Durante o século XVIII, a cada período que se iniciava uma cavalgada, o caminho era sempre reaberto, levando em média vinte dias para atravessar o trecho de aproximadamente 264 Km (FILHO, 2012).

Depois de pressões dos tropeiros, em 1820, D. João VI determinou que o capitão e governador da capitania de São Paulo, João Carlos Augusto Oeynhausen construísse a estrada solicitada pelos tropeiros, que por sua vez encarregou João da Silva Machado para fazer o mapeamento da região e construir a estrada da Mata, localizada entre os atuais municípios de Santa Cecília – SC e Campo do Tenente –

⁸² Nascido em Taquari, no Rio Grande do Sul, João da Silva Machado (1782 – 1875) é mais conhecido pelo título de nobreza que recebeu, o de Barão de Antonina, em 11 de setembro de 1843. Na década de 30, ingressou na política, como deputado provincial (1835 a 1843), por São Paulo. Em seguida, foi vice-presidente de São Paulo e, quando criada a província do Paraná, foi senador (1854 a 1875). O Barão de Antonina faleceu com 92 anos, em São Paulo.

⁸³ Partia de Viamão, atravessava os campos de Vacaria, Lages, Correia Pinto, Curitiba, Santa Cecília, Papanduva, Monte Castelo, Mafra, Rio Negro, Campo do Tenente, Lapa, Palmeira, Ponta Grossa, Castro, Piraí do Sul, Jaguariaíva, Sengés, Itararé, chegando a Sorocaba.

⁸⁴ Localizada ao norte de Santa Catarina e sul do Paraná, entre os atuais municípios de Santa Cecília (SC) e Campo do Tenente (PR) este era o trecho da viagem que os tropeiros enfrentavam as maiores dificuldades, uma vez que a maioria dos outros trechos da viagem eram feitos em campos como os Campos de Cima em Vacaria no Rio Grande do Sul, Campos de Lages e Curitiba em Santa Catarina, e nos Campos Gerais no Paraná.

PR, após receber todos os recursos solicitados iniciou a construção da estrada (ARBIGAUSS, 1929).

Segundo Wachowicz (1972, p. 71) em Rio Negro “localizava-se a barreira (pôsto fiscal) que arrecadava impostos devidos”. Lá também havia uma capela erguida, criando as condições para fundar, nas proximidades, um núcleo colonizador. Com objetivo de conservar a estrada e expandir a colonização João da Silva Machado comandou a vinda de imigrantes alemães para se alojarem as margens da estrada (FILHO, 2012).

Neste sentido não podemos afirmar se a colônia do Rio Negro (1829) estaria ligada a um projeto nacional de imigração ou a iniciativa particular de João da Silva Machado. O que se sabe é os resultados positivos que a experiência desencadeou. De acordo com Steca e Flores (2002, p.29) “a localização estratégica, contribuiu para o seu relativo sucesso, uma vez que os colonos quase de imediato integraram-se ao nascente sistema tropeirista que então se firmava”, visto que os colonos alemães passaram a produzir alimentos necessários para as tropas, desenvolvendo economicamente a colônia.

Como já ressaltamos, com a falta de mão de obra, tida como resultado da lei de 1850, que proibia a vida de escravos africanos para o Brasil, decaiu a produção de alimentos gerando muita carestia no país. De acordo com Andreazza e Nadalin, essa aguda e crônica crise do abastecimento, só seria superada com uma renovação das práticas de trabalho, um milagre que a elite via nos braços dos estrangeiros, proprietários e livres (ANDREAZZA E NADALIN, 1994).

Neste mesmo período a província de Santa Catarina desenvolvia de forma exitosa duas colônias agrícolas: Blumenau⁸⁵ e Dona Francisca,⁸⁶ os produtos agrícolas altamente valorizados contribuíram para o crescimento econômico destas jovens colônias. Tendo isso em vista essas colônias se tornavam espelhos para o Paraná.

O Paraná reivindicou junto ao governo imperial a criação em seu território de uma grande colônia similar, a fim de: 1 – sanear a falta de alimentos e fazer baixar a carestia; 2 – equipar-se a Santa Catarina,

⁸⁵ A Colônia São Paulo de Blumenau (hoje a cidade de Blumenau) foi estabelecida em princípio de setembro de 1850. É considerada como data de fundação da cidade 2 de setembro de 1850, quando Dr. Blumenau aportou na cidade.

⁸⁶ Estabelecida em 1851, na região nordeste de Sant Catarina, a colônia Dona Francisca (hoje município de Joinville), foi concebida e organizada pela *Kolonisations-Verein von 1849 in Hamburg* (Associação de Colonização de 1849 em Hamburgo).

visto esta província ter sido beneficiada com a fundação de duas grandes colônias (WACHOWICZ, 2002, p. 148).

A partir da reivindicação, iniciou-se o planejamento de uma colônia agrícola para o Paraná, que seria formada tanto por estrangeiros quanto por nacionais. Em meio a esta conjuntura, o cônsul suíço, Carlos Perret Gentil,⁸⁷ havia demonstrado interesse em organizar um estabelecimento de colonização com apoio do governo. Para isso ele adquiriu uma propriedade na quinta comarca da província de São Paulo, mais precisamente a península de Superaguy, próxima à baía de Paranaguá. O objetivo seria criar uma colônia de cultivo e venda de café, haja vista que a cafeicultura era a maior riqueza do país naquele período (DYSARZ, 2011).

Gentil sofreu forte influência do senador Vergueiro,⁸⁸ que além de político era um fazendeiro de café. Foi um dos pioneiros em trazer mão de obra livre e assalariada para o país, com objetivo de trabalharem em sua fazenda Ibicaba.

O cônsul suíço visitou a fazenda de Vergueiro e publicou, em 1851, um livro intitulado: “*A Colônia Senador Vergueiro: Considerações*”, tal obra discorre sobre a colonização do Brasil, ressaltando que o sistema de Vergueiro era o caminho para o sucesso, e também o estabelecimento de 423 hamburgueses em 1847 na fazenda Ibicaba (DYSARZ, 2018).

Podemos observar que, assim como Faivre no documento analisado no subtítulo anterior, Gentil realizou estudos já com o intuito colonizatório e que seu material publicado em línguas estrangeiras, servisse como propaganda aos europeus, tornando a propriedade paulista atraente aos europeus. Essas vantagens foram colocadas em vários momentos na obra de Gentil (1951, p.33),

a vista do que se achava patente debaixo dos meus proprios olhos, persuadi-me sem restricção que o Sr. Vergueiro traçava a verdadeira vereda de attingir o resultado real da colonisação, e formei então o projecto de dedicar-me a agricultura sobre as bases do seu sistema quando por ventura ocorresse que circunstancias imprevistas me

⁸⁷ Carlos Perret Gentil nasceu em 19 de outubro de 1814, na cidade de Fleurier, no Cantão de Neuchatel, na Suíça, e emigrou para o Brasil por volta dos anos de 1835 e 1836. O suíço fora sócio da *Terrisse & Cie*, casa de comissão fundada por três irmãos genebrinos que se instalaram no Brasil em 1815 e iniciaram suas atividades em 1820, com operação na cidade fluminense. Enquanto esteve a cargo da empresa, Perret Gentil fora nomeado cônsul da Confederação Suíça em 1838, com apenas 23 anos.

⁸⁸ Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, mais conhecido como Senador Vergueiro (Vale da Porca, Macedo de Cavaleiros 20 de dezembro de 1778 — Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1859), foi um fazendeiro de café e político luso-brasileiro. Foi pioneiro na implementação de mão-de-obra livre no país ao trazer os primeiros imigrantes europeus para trabalharem na Fazenda Ibicaba, da qual foi proprietário.

obrigassem a deixar o meu estabelecimento para me voltar a outra empresa.

O colono Thomas Davatz, que imigrou para o Brasil em função dos escritos do cônsul, escreveu a obra *“Memórias de um colono no Brasil (1850)”* questionando tais vantagens.

Não conheço os motivos que levaram o ex-cônsul geral Sr. Perret-Gentil a derramar-se em louvores à empresa nos seus escritos. O certo, em todo o caso, é que esses escritos colocam a situação das colônias sob uma luz tão favorável que os louvores se tornam absolutamente suspeitos (DAVATZ, 1980, p. 132).

O relato do suíço Johann Jakob Von Tschudi em sua obra *“Viagens às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo”*, elucidam que a propaganda de Gentil era enganosa, sendo desvantajosa aos colonos, ao contrário do que era ilustrado.

Uma análise dos contratos nos demonstrava quão desvantajosa eram para os colonos, mesmo quando observado estritamente pelo fazendeiro. Devo ainda acrescentar que tinha sido prometido, e nos contratos era estipulado, que as famílias procedentes de uma mesma comuna seriam mantidas sempre juntas. Mas chegadas a Santos, o Sr. José Vergueiro as distribuía por fazendas diferentes (TSCHUDI, 1953, p. 141).

Apesar de ser questionada posteriormente, a propaganda surtiu efeito e a colônia de Superaguy foi fundada por Gentil em 1852. Segundo Wachowicz (2002, p. 147) “esta foi composta com 35 imigrantes suíços e alemães e maior número de nacionais, predominando entre estes o elemento mameluco”. Apesar do progresso inicial a colônia não prosperou, sua localização fez com que o mar fosse o único acesso à sede da colônia prejudicando seu desenvolvimento. Contudo a colônia não desapareceu totalmente, hoje o local constitui o município de Guaraqueçaba - PR.

Após os fatos mencionados até aqui, percebemos que colônia Thereza Christina, não se configura como um modelo de colonização único e isolado, ao contrário, é perceptível como a conjuntura histórica contribui para os moldes idealizados por Faivre, em alguns aspectos semelhantes à colônia de Superaguy (1852).

Tendo em vista os dados mencionados que envolvem a conjuntura histórica, tanto brasileira como ocidental, e a idealização de Faivre no que tange à fundação da colônia Thereza Christina, esmiuçado no subtítulo anterior, é importante

compreender como se deu a transição da idealização para a consolidação da colônia às margens do Rio Ivaí em 1847.

Logo após a perda de sua esposa e filha em 1841, Faivre começou a leiloar todos os seus bens, o Jornal *Diário do Rio de Janeiro*⁸⁹ publicou em diversas edições do ano de 1841, anúncios desses bens no setor de leilões, a justificativa apontada era sua saída para fora.

Frederico Guilherme fará o leilão no dia terça feira 8 do corrente, na rua do Rosario por conta e ordem do Sr. doutor Faivre, de todos de todos os trastes, um lindo piano inglez, uma mobília de jacarandá para sala de visitas com ricos espelhos, vasos, relógios, etc., uma outra mobília de Gonçallo Alves para quarto de dormir etc., louças, cristais, quadros, lindas gravuras, talheres de prata, relógio horisontal de oiro, uma maquina preomatica com que pode se fazer gello, trem de cozinha, vários escravos nos quaes ha um bonito moleque próprio para pajem, e uma besta muito boa e mansa, com todos os seus arreios. O que tudo ha de ser vendido impreterivelmente por causa de saida para fora (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1841).

A citação acima é um trecho da edição número 125 do ano 1845. Contudo na edição de número 123 já havia o primeiro anúncio mais resumido sobre o leilão. A edição de número 127 reforçava o leilão e alguns itens são acrescentados à lista, tais como “perollas finas, rico passaro do paraíso, 6 quilates de brilhantes”, entre outros produtos, entretanto, a partir deste momento, o jornal detalhou mais os itens que iriam ser leiloados. O anúncio se repetiu nas edições de número 128 e 129, com uma advertência no final de que “tudo será arrematado impreterivelmente por quem mais offerecer” (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1841).

O que chama a atenção é a quantidade de bens materiais sofisticados, para uma personalidade que muitas vezes é tida como desprendida do meio material, outro ponto que podemos observar a partir do anúncio é a venda de escravos, à medida que fundou uma colônia em que os escravos eram proibidos, mas fazia uso destes anteriormente. A abordagem ao escravo também diz muito da percepção da época “um bonito moleque próprio para pajem”, ou seja, para trabalhos serviçais. Teria sido Jean Maurice Faivre um abolicionista? ou empregou um modelo de colonização antiescravagista para atender as necessidades do império brasileiro, tal como Superaguy (1852)?

⁸⁹ Foi um periódico publicado no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, no início do século XIX. Foi o primeiro jornal diário publicado no país, a partir de 1 de Junho de 1821, inovando com a publicação de anúncios.

Nas edições de número 137, 138, 139, 140 e 141 do mesmo ano de 1841, Faivre leiloou seus “livros de sciencia, medicina, chimica, physics, historia natural e literatura”, vendendo todos os seus bens com o motivo “se retira para fóra da corte” (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1841).

O *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro,⁹⁰ também publicou os mesmos anúncios e os mesmos motivos, no setor de leilões do ano de 1841. As informações dos jornais bem como as edições citadas, podem ser encontradas na Hemeroteca Digital Brasileira.

Após vender seus bens Faivre começou a colocar em prática seu projeto colonizatório, viajando para a França, com objetivo de disseminar suas ideias e atrair adeptos ao seu empreendimento. A edição de número 178 de 1845, do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, destacou a saída de Faivre da corte. “O dr. Faivre tendo de fazer uma viagem para fora da corte, tem a honra de despedir-se de seus amigos e em geral de todas as pessoas que tiveram a bondade de occupalo” (JORNAL DO COMMERCIO, 1845).

Vale ressaltar que Faivre no documento “*Princípios usando a base de um modo de colonização para o Brasil*” realizou uma propaganda do Brasil, em Paris, no ano de 1846. “Um país tranquilo”, em que os brasileiros “são doces e inteligentes, mas precisam de bons exemplos”, lá o solo é tão fértil que “duas horas apenas por dia” teremos muita produtividade sobrando tempo para desenvolver estudos intelectuais e outras atividades (FAIVRE, 1846).

Com a venda dos seus bens, ganhos e apoio de 6 contos de réis do governo imperial, Faivre financiou a vinda dos imigrantes franceses. Em 21 de dezembro de 1846 embarcavam então 63 franceses no navio hamburguês chamado *Fides*, comandado por Kloster, que estava no porto de Antuérpia. O local de destino era o porto de Paranaguá (ALMEIDA, 1934).

Contudo cabe ressaltar que as informações quanto ao número de imigrantes se diferem na documentação, em um relatório encaminhado ao presidente de província em 1858, o próprio Faivre ressaltou a vinda de 87 pessoas entre adultos e crianças, complementando o francês destacou: “alguns dei dinheiro em França, para se haviar à outros paguei suas dívidas” (FAIVRE, 1858).

⁹⁰ O *Jornal do Commercio* foi um jornal com sede na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil, circulou de 1827 a 2016.

A publicação da edição 31, datada em 31 de janeiro de 1847, do *jornal do commercio*, ressaltou a vinda de Faivre e os franceses para o Brasil com objetivo de fundar uma colônia perto de Paranaguá.

O Sr. Ministro do império participou ao presidente de província de S. Paulo que o Dr. Faivre tencionava fundar uma colônia próximo a Paranaguá. Que tencionava partir para lá em 15 de dezembro ultimo. Ordenou portanto a presidência que recomende as autoridades daquelle lugar toda a protecção a tão interessante estabelecimento, do qual, diz o aviso, podem resultar em grandes vantagens ao império (JORNAL DO COMMERCIO, 1847).

O cônsul brasileiro em Antuérpia, Melchior Araujo, escreveu à mão uma relação dos imigrantes que acompanhavam Faivre. Nesta também acompanham informações sobre a idade, que variavam entre jovens de 18 anos até senhores de 52 anos; profissões, muito diversas como podemos observar abaixo, médico, costureira, jornaleiro, carroceiro, professor de matemática, obreiro, agricultores, forneiro, cortador de árvores, tecelão e marceneiro; e nacionalidade, grande maioria francesa de Paris, Lons-le-Saunir, Saint Claude, Clairvaux e Lyon, apenas uma pessoa de origem Belga, de Bruxelas.

Relação dos imigrantes fornecido pelo Cônsul brasileiro em Antuérpia, Sr. Melchior Araújo: 1) Louis Bûron (30 anos; médico), sua esposa Josephine Peupart (42 anos) e seus filhos Marie, Angélique, Honorine, Clémentine, Augustinee Adelaide, todos de Paris; 2) Déphine Letourneur (Viúva Porée, 25 anos costureira) de Paris; 3) Robert Ader (23 ano, prof de matemática, solteiro) de Paris; 4) Pierre Caillot (48 anos, carroceiro) sua esposa Julie Calop (52 anos) e seus filhos Alphonse e Paul, todos de Paris; 5) Jean Antonie (43 anos, jornaleiro), sua esposa Louise Lelong (44 anos) e seus filhos Charles, Lucie, Amélie, Joséphine, Fanny, Alexandre, todos de Paris; 6) Jacques Blanc (37anos, obreiro), sua esposa Joséphine Laureno (27 anos) e seus filhos Marie, Reine e Léonie, de Paris; 7) Lucien Janvier Dubry (44 anos; agricultor, solteiro), de Lons-le-Saunir; 8) Desiré Roun (23 anos, agricultor solteiro), de Lonsle-Saunir; 9) Auguste Janvier Devant (38 anos, cortador de arvore, solteiro) de Lonsle-Saunir; 10) Joseph Coine (proprietário, viúvo) de de Lons-le-Saunir; 11) Claude Prost (42 anos, proprietária, solteira) de Lons-le-Saunir; 12) Pierre Chevafond (25 anos, agricultor, solteiro) de Lons-le-Saunir; 13) Hypolite Delnerois (25 anos, preposto, solteiro), de Paris; 14) François Panifret (35 anos, forneiro), sua esposa Marie Michaud (28 anos) e seus filhos Honoré, Joséphine e Lucile, todos de SaintClaude; 15) Jean Silvachy (52 anos, tecelão), sua esposa Joséphe Forestier (35 anos) e seus filhos Jean, Loise, Adolphe e Amélie, todos de Saint-Claude; 16) Augusto Parkievitz (36 anos, marceneiro) sua esposa Felicité Sainbeni (32 anos) e seus filhos Léon e Eugéne, de Saint-Claude; 17) Albert Leiour (37 anos, proprietário, viúvo), de Clairvaux; 18) Edmond Darbon (21 anos, proprietário, solteiro) de Orgelet; 19) Joseph Renaud (16 anos, proprietário, solteiro) de Lons-le-Saunir; 20)

Urban Faivre (10 anos, jornalista, solteiro) e seu irmão Lucien Faivre (18 anos, jornalista, solteiro), de Clairvaux; 21) Jean Faivre (50 anos, médico, viúvo), de Paris; 22) Jean Baptiste Bofren (37 anos, proprietário, solteiro), de Lons-le-Saunir; 23) Celestin Ferrez (29 anos, proprietário, solteiro) de Paris; 24) François Paquet (25 anos, preposto, solteiro) de Bruxelas; 25) Jean Baptista Delbun (26 anos, cortador de árvore, solteiro) e sua irmã Felicité Delbun (24 anos, empregada, solteira); 26) Catharin Chapois Dmeingion (21 anos, empregado, solteiro), de Lyon (FERNANDES, 1996, p. 126).

Observando a lista realizada pelo cônsul, podemos inferir que Faivre visitou diversas localidades da França, reuniu adeptos pensando em executar sua idealização, como o obreiro Jacque Blanc, o qual tinha conhecimentos para construir casas; homens e mulheres, tais como Lucien Janvier Dubry, Desiré Roun, Pierre Chevafond, com conhecimento agrícola, já que seria a principal atividade da colônia; a costureira Délyphine Letourneur e o tecelão Jean Silvachy, para trabalhar nos teares da colônia; os cortadores de árvores Auguste Javier Devant e Jean Baptista Delbun, e o marceneiro Augusto Parkievitz, para trabalhar na carpintaria e serraria; o forneiro François Panifret para tocar a olaria da colônia; e os prepostos Hypolite Delnerois e François Paquet, para lidar com a parte administrativa.

A travessia pelo Oceano Atlântico durou quase dois meses, chegando ao porto de Paranaguá depois de 50 dias de viagem, lá Manoel Antônio Pereira, autoridade portuária, realizou exames e deu por desembarcada a embarcação *Fides*, seguindo viagem pelo mar até chegarem, 2 dias depois, à vila de Antonina (ALMEIDA, 1934).

A partir de Antonina, Faivre e os imigrantes tinham mais um desafio, chegar até a terra que lhes havia sido concedida às margens do Rio Ivaí. Segundo Silva (2019, p. 62),

o terceiro planalto paranaense foi o local escolhido para se iniciar o projeto de colonização da Colônia Thereza Christina, pois na Província do Paraná, o povoamento foi uma tentativa de assegurar as terras tanto de países estrangeiros quanto de outras províncias, como foi a disputa acirrada entre as províncias do Paraná e de Santa Catarina por territórios.

Cabe-se mencionar o conceito de *sertões* do Paraná, atrelado a territórios mais ao oeste, afastados de regiões litorâneas e regiões representadas como desenvolvida. O ideário de desenvolvimento naquele período era atrelado a lógica urbano-industrial, sendo então as regiões afastadas vistas como um local

simbolicamente representado como inexplorado. Inferiorizando a cultura indígena e africana o império buscava através dos imigrantes europeus o desenvolvimento dos sertões da província paranaense.

Neste sentido, a fixação da colônia às margens do Rio Ivaí, além de estar vinculada à política de imigração do império, e ao próprio rio para escoar a produção agrícola, seria interessante para o governo imperial no que diz respeito à proteção dos territórios, que eram considerados vazios. Alguns autores inclusive ressaltam a ideia de um vazio demográfico, considerando que não havia pessoas naquela região.

A província era nesse momento, do ponto de vista humano, um ilimitado deserto, interrompido irregularmente por dezenove pequenos oasis, situados a distâncias imensas um dos outros - e distâncias literalmente intransponíveis, pois, além dos "caminhos históricos", que iam revelar dentro de pouco não serem "caminhos econômicos", nada existia que pudesse prenunciar uma rede qualquer de comunicações. (...) Em compensação, na maior parte do território o vazio era absoluto: eram os "campos gerais", era a floresta, era a Serra do Mar (MARTINS, 1989, p. 64).

No trecho acima Wilson Martins, em sua obra *“Um Brasil Diferente”*, ressalta que no momento da emancipação política do Paraná, em 1853, a maior preocupação do primeiro presidente da província Zacarias de Goes e Vasconcellos,⁹¹ era lidar com o “ilimitado deserto” ou “vazio absoluto”.

Contudo a historiografia atual, questiona essa ideia de vazio demográfico, à medida que como aponta a presença dos povos indígenas há pelo menos 9.000 a 12.000 anos antes do presente. Segundo Mota (2008, p.19) “Para a bacia do Rio Ivaí, temos datações que chegam a 8.000 anos AP”. Deste modo o mais correto seria falar em re-ocupação do território paranaense, visto que os europeus passavam por terras que eram ocupadas por indígenas, que por sua vez, foram cada vez mais empurrados de seus territórios.

De Antonina teriam que subir a Serra do Mar, indo rumo aos campos gerais.⁹² A viagem seria lenta em meio à mata fechada. Tiveram o apoio do Barão de Antonina, que outrora tinha sido tropeiro, conhecendo bem a Região. O Barão também mandou o sertanejo Joaquim Francisco Lopes e o cartógrafo John Henry

⁹¹ Foi nomeado o primeiro presidente da recém-criada Província do Paraná (atual cargo de governador), que ocupou por cerca de 2 anos.

⁹² Atualmente a distância entre o município de Antonina – PR e o distrito de Tereza Cristina, é de aproximadamente 348 quilômetros.

Elliott, explorar as margens no Rio Ivaí, produzindo um relatório em 1845. Foram fornecidos animais de carga aos colonos para transportarem suas bagagens e equipamentos trazidos da França. Partiram em fevereiro de 1847 rumo à realização do projeto idealizado ao longo de anos por Faivre.

Subiram a Serra do Mar pelo caminho da Graciosa, um caminho úmido, íngreme, rústico e estreito. Depois da Serra, chegam à vila de Curitiba, seguindo em direção ao oeste da província. Após passarem algumas montanhas alcançam os campos gerais, chegando a Palmeira. Logo em seguida alcançaram Ponta Grossa, a partir deste momento teriam que continuar sua travessia abrindo uma estrada ao oeste, até alcançar as margens do Rio Ivaí e a localização onde a colônia foi fundada em 1847. Almeida em sua síntese biográfica, escreve de forma romanceada esse percurso:

Deparara-se-lhe, desde logo, o emaranhado de mata virgem. Entram em ação foice e machado dos franceses. Nada lhe tolhe a marcha quotidiana. Avança sem esmorecimento a gente gaulesa. Transpõe rios e riachos por vezes extravasantes, ou horríveis sumidouros. Arrisca perigosos pousos. Fogo grande e ronda revesada! As feras rondam o acampamento. Espantam animais à sogra. Os cães dão signal de alarma. (...) Levanta acampamento. Prossegue. (...) Chega a jornada ao seu término! E a última pousada na caravana de Faivre. Ei-la chegada ao por do sol à margem direita do grande Ivaí (ALMEIDA, 1934, p. 216).

Em virtude dos dados apresentados até aqui podemos compreender que a colônia Thereza não foi um movimento isolado, pois dialoga em vários aspectos com a política de imigração do império, respaldada também pelos jornais da época, que corroboravam em criar a imagem desejada pelo império, cujo objetivo era sanar a falta de mão de obra. Nesta perspectiva Silva aponta que,

estes núcleos necessitavam de colonos para trabalhar na produção agrícola e compreendia-se que a mão de obra do imigrante era a mais preparada para realizar esta atividade. Essa visão assim se consolidava e o governo imperial investiu em políticas imigratórias, enviando diretores de núcleos coloniais para a Europa com objetivo de convencer os imigrantes europeus a participarem deste projeto de colonização (SILVA, 2019, p. 120).

Acerca dessa mão de obra cabe também refletir, o interesse da província em fazer uma mudança cultural e étnica, aliada ao “progresso”, construindo um povo branco e também cristão, à medida que estes imigrantes não traziam apenas seus

braços e conhecimentos laborais, mas sua cultura que estava aliada aos interesses das classes dominantes.

O relatório de 1856 do vice presidente de província Henrique de Beaurepaire Rohan, expõe o interesse na vinda de imigrantes para assegurar as fronteiras. Depois de realizar grandes elogios à experiência em Ibicaba, ressaltou que a colônia dirigida por Faivre seria uma experiência muito parecida com a da fazenda do senador Vergueiro:

Dr. Faivre, veio ultimamente a esta provincia, no intento de formar um estabelecimento colonial, especialmente destinado á cultura do trigo. Assegurei-lhe que a presidencia não deixaria de proteger a sua empresa, com todos os meios a seu alcance. Esperançado deste modo, foi á procura de sua familia, que se acha no Rio de Janeiro, e com a qual deve brevemente voltar a esta provincia. Se forem convenientes as garantias que offerecer, mui provavel é que a presidencia, no interesse da industria agricola, consiga ver fundada nesta provincia uma colonia á guisa da de Ybycaba, e que, como ella, seja a expressão da nossa hospitalidade e boa fé (ROHAN, 1856, p.42).

Nesta mesma linha de pensamento Silva (2019, p. 65) aponta que “o sistema de parceira utilizado na fazenda Senador Vergueiro é muito semelhante ao modelo adotado pela Colônia Thereza Christina referente à mão de obra livre e também a repartição dos lucros”, distinguindo-se apenas a forma como os imigrantes vieram.

2.3 A COLÔNIA AGRÍCOLA ENTRE 1847 À 1858

A colônia Thereza fundada por Faivre hoje é distrito do município de Cândido de Abreu, estado do Paraná, compreendendo uma história de mais de 175 anos. Entretanto nosso objetivo neste trabalho não é apresentar toda essa ampla história, mas sim investigar através da mesma as ações do seu fundador, que é nosso objeto de estudo. Deste modo a análise seguinte tem como recorte principal os anos de 1847 até 1858, no qual podemos encontrar por meio das fontes, as notícias e ações do médico francês desde a fundação da colônia até o falecimento do seu idealizador e fundador em 1858, interligadas ao contexto histórico brasileiro e paranaense.

2.3.1 Os primeiros anos

Chegando no território os imigrantes levantaram a infraestrutura da colônia, construíram as moradias e desbravaram o território em volta, plantando, cultivando e planejando o desenvolvimento do empreendimento. No período em que a colônia foi fundada, o território pertencia à quinta comarca da província de São Paulo, neste sentido a distância da sede da província prejudicava a comunicação e as informações.

A primeira informação encontrada foi um relatório do presidente de província de São Paulo, Nabuco d'Araujo,⁹³ datado em 1 de maio de 1852. Tal relatório ressaltou que a colônia fundada à beira do rio Ivaí, na comarca de Curitiba, por Jean Maurice Faivre, “não prosperou”, “porque o seu pessoal era pela maior parte de francezes habitantes de cidades marítimas”, tendo hábitos diferentes do que viviam na colônia, “abandonarão ao seu digno diretor, retirando-se para as povoações próximas”. O político continua seu relato “essa colônia esta desnaturalizada”, visto que era formada por mais brasileiros do que propriamente franceses, tendo atraído inclusive algumas famílias da vila de Guarapuava (D'ARAUJO, 1852, p. 25).

Na carta de comunicação escrita por Faivre em 1858, encaminhada ao presidente da província do Paraná, o diretor da colônia ressalta que sofreu duros ataques dos imigrantes. “Por fim elles me tem dito injúrias, que eu os tinha enganado-se e a todos, fora meia dúzia, tem abandonado a Colonia, espalhando-se pela Província” (FAIVRE, 1858).

Neste sentido percebemos que os colonos abandonaram a colônia, ressaltando que o diretor não havia cumprido o que tinha prometido, lembrando que tais promessas estão interligadas à política de imigração do império, ressaltada no subtítulo anterior.

A produção da colônia permeava principalmente a plantação, cultivando cana de açúcar, cultivo que segundo informações de Faivre desencadearam a produção de 900 medidas de água ardente e quase 50 arrobas de rapadura, no ano anterior (D'ARAUJO, 1852, p. 26). O diretor da colônia ainda apresenta uma explicação sobre os moldes de organização do empreendimento.

⁹³ Foi o 20º Presidente e governou a província de São Paulo entre agosto de 1851 e maio de 1852.

Permita me dizer algumas palavras sobre o modo, com que organizei a colonia Thereça, e como me parecia conveniente continuar a povoação do Yvahy. Principiei a colona Thereza pela organização de um grupo de 20 familias, que foi arruado e cercado: o terreno para pastos foi designado para cá do rio, aonde estão as casas, e as terras além do rio são destinadas para as plantações (D'ARAUJO, 1852, p.26 – 27).

Conforme o relato, a região escolhida por Faivre para as plantações ficava do outro lado do rio, terras que pertencem ao distrito de Jaciaba, ligado ao atual município de Prudentópolis. Essa posição era estratégica, à medida que era o único caminho até aquele momento para escoar a produção até a vila de Ponta Grossa.

Segundo Faivre “cada colono teve um alqueire de planta em 4 lugares diferentes”, “no princípio os colonos, sobre tudo os brasileiros, acostumados a possuir pedaços grandes de terreno, acharão aquella distribuição de terras mesquinha e ruim”, entretanto posteriormente perceberam que a divisão era positiva, se fortificando contra indígenas que assaltavam frequentemente as colônias (D'ARAUJO, 1852, p. 27).

O relatório expõe a vantagem do empreendimento principalmente para a comarca de Curitiba, e os benefícios que a navegabilidade do rio Ivaí traria para a província, oferecendo escoamento de produção e comunicação com o baixo Paraguai e a província de Mato Grosso (D'ARAUJO, 1852, p. 26). Além disso cita três motivos para o governo imperial se animar com o empreendimento:

1ª a aprovação do sisthema ensaiado pelo Dr. Faivre, e a concessão de títulos gratuitos das posses por ele conferidas a fim de que assim se previnam invasões de intrusos, e se inspirem confiança e certeza aos possuidores. 2ª prohibição de escravatura nessas terras sob pena de comisso, sendo que esta condição, sobre ser constança com a política generosa que o governo imperial tem com firmeza seguido, he uma idea que previne o futuro, a que se deve o Brasil attingir, e o vai preparando para substituição do trabalho escravo; 3ª de comprar os aparelhos necessários para ensaiar-se ali uma fabrica central de assucar, para a qual levará cada lavrador as suas canas, concorrendo com um terço ou quarto do producto dellas para o respectivo costeio (D'ARAUJO, 1852, p. 27 – 28).

Os dados do presidente de província chamam atenção à medida que valoriza o empreendimento de Faivre como uma vantagem aos interesses do governo imperial. O primeiro motivo seria a proteção das fronteiras e repovoamento dos sertões. O terceiro ponto seria a promoção industrial e o comércio. Mas é o segundo

motivo que mais chama a atenção, a proibição da escravatura vista como uma vantagem.

O Brasil foi o último país da América a abolir a escravidão, o processo foi muito lento e contou com muita resistência de grandes latifundiários. Já ressaltamos neste trabalho a pressão da Inglaterra sobre o Brasil para o demorado fim do tráfico negreiro (1850), posteriormente houve a conquista da controversa⁹⁴ lei do ventre livre (1871), que dava liberdade aos filhos de escravos a partir da data da lei, depois foi aprovada a lei do sexagenário (1884), que dava liberdade ao escravo que chegasse aos 60 anos de idade, uma lei que virou chacota⁹⁵ na imprensa da época. Depois desse longo e árduo processo, de diversas lutas no campo legislativo, social e cultural, culminou na lei áurea (1888), que extinguiu a escravidão do Brasil.

Deste modo percebemos que a colônia Thereza já era antiescravagista, em um país que aboliu a escravidão 41 anos depois. Entretanto tal ponto não pode ser vinculado apenas a um perfil humanístico ou socialista, como muitas vezes é abordado em produções sobre o tema.

Como já citado anteriormente, o fim do tráfico negreiro desencadeou grandes problemas com a falta de mão de obra. Por conseguinte, houve grande impacto na produção de alimentos, deste modo a presença de mão de obra livre e assalariada era um caminho que contornaria a crise que assolava a província do Paraná. Segundo Silva (2017, p. 2425) “Thereza Christina é uma forma clara da teoria de Sergio Buarque de Holanda (1980), em que a falta de produtos alimentícios ocorreu devido à falta de mão de obra escrava nas lavouras”, como Thereza Christina era antiescravista não passou por essa crise.

Também cabe ressaltar que o fato da colônia agrícola proibir escravos não apaga todos os empreendimentos realizados contando com mão de obra escrava. Segundo Steca e Flores (2002, p. 62), a escravidão no território paranaense não ocorreu de forma muito diferente de outras regiões do Brasil, “em 1880 a Província do Paraná contava com 10.088 escravos negros, apesar das campanhas a favor do abolicionismo”.

⁹⁴ A Lei não prevê uma educação das crianças livres; preocupa-se com sua criação e manutenção até os 8 anos de idade, sendo que a partir daí e até os 21 anos, o jovem deveria, como retribuição, prestar serviços ao senhor de sua mãe, que tinha o direito, inclusive de castigá-lo. Sem mencionar vários registros burlados para reduzir a idade do escravo e não o libertar, nenhum escravo foi liberto através desta lei.

⁹⁵ Ficou conhecida como a lei da gargalhada nacional, pois raros eram os escravos que atingiam tal idade.

Outro fator que cabe observar é a própria racialização da idealização da colônia, à medida que buscou apenas um grupo étnico para a formação da colônia, os franceses, colocando-os como superiores aos brasileiros e aos próprios portugueses, quais Faivre via como preguiçosos, conforme destacou no documento de idealização da colônia.

O livro *“Onda Negra Medo Branco, o negro no Imaginário das elites do século XIX”*, da historiadora Celia Maria Marinho de Azevedo, realiza uma análise das atas da assembleia legislativa paulista, qual podemos observar as falas dos deputados e o imaginário da elite brasileira sobre a pauta da abolição da escravidão. Em meio a estas discussões a historiadora dedica parte de suas análises para compreender a pauta da imigração e a política de branqueamento, visto que os negros, indígenas, mestiços, os não brancos que povoavam as dessas matas da província de São Paulo, não eram considerados de raça latina.

Neste sentido havia no projeto imigrantista muito mais do que apenas mão de obra, passava pela busca de criação de uma identidade nacional. De acordo com Azevedo (1987, p 144) “a purificação racial, o que queria dizer não só substituição do negro pelo branco nos setores fundamentais da produção, como também a esperança de um processo de miscigenação moralizadora e embranquecedora”. Tal purificação seria justificável por dois pontos:

Temos, portanto, duas formulações imigrantistas a respeito da relação escravo-senhor. A primeira surgia sob o impulso de conflitos entre escravos e senhores e por isso ressaltava o ódio e a impossibilidade de um relacionamento futuro harmonioso. Enfatizavam-se, pois, as características raciais inferiores dos descendentes de africanos como atestado de sua incapacidade para o trabalho livre, bem como da necessidade de substituí-los por imigrantes brancos (AZEVEDO, 1987, p. 161).

Nesta perspectiva, apesar dos discursos imigrantistas produzirem a imagem de um país sem escravidão, sem preconceitos, em que negros e brancos possuem os mesmos direitos, estes carregam consigo um peso racializado onde o negro é tido como uma raça inferior. Podemos compreender a colônia Thereza Christina neste contexto de racialização, pois os aspectos que embasam o ideário da elite paulistana também se fazem presentes na idealização de Faivre, o que trazem a tona a crítica da não incorporação dos negros em seu projeto colonizatório.

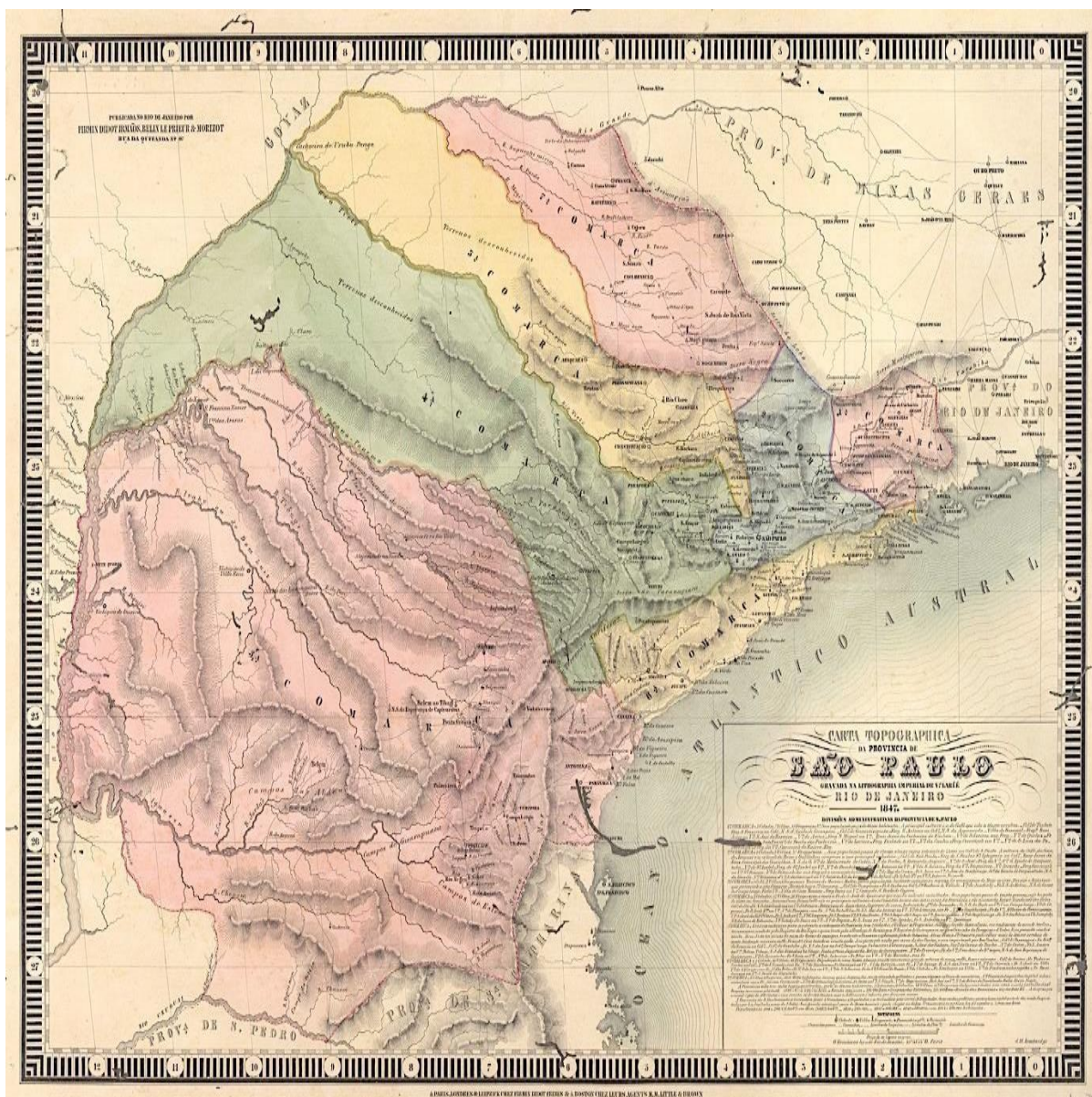
2.3.2 A jovem colônia na jovem província

Inicialmente a colônia Thereza Christina pertencia à província de São Paulo. Na imagem 14 disponível abaixo, podemos observar o mapa da província paulista e algumas informações da quinta comarca, tais como: a localização das vilas e povoações eram concentradas no litoral e no espaço que perpassava o caminho de Viamão, em outros mapas a região próxima à fronteira com a república do Paraguai era colocada como “sertão desconhecido”; localizada ao sul é a maior de todas as 7 comarcas da província de São Paulo; e a grande distância da comarca para a sede da província. Já na imagem 15, que está na sequência, com grifos do autor, ilustra a localização da colônia Thereza e a distância das outras vilas.

Segundo Steca e Flores (2002, p. 9), a distância prejudicava o desenvolvimento da quinta comarca, “faltavam escolas e professores, os poucos que haviam, eram pagos com salários baixíssimos. Havia também um único juiz de direito em toda a Comarca”, esse número baixo dificultava o atendimento em todo o território. Outro problema era a falta de policiais: “seis policiais faziam a segurança da vila de Curitiba, enquanto que nos demais lugares, os civis é que se organizavam junto com outro soldado”.

Corroborando com estes aspectos, Priori ressalta que enquanto o território paranaense era comarca de São Paulo, não havia uma estrutura competente para as exigências administrativas da região. A segurança era péssima, não havia escolas nem professores suficientes para a população. A justiça era mal aplicada e lenta. Os serviços públicos eram precários. Verbas eram desviadas e, além disso, a Comarca sofria com pesados tributos pagos tanto para o Império, quanto para a província de São Paulo (PRIORI, 2012, p.16).

Imagem 14 – Mapa da Província de São Paulo



Fonte: J. de Villiers de L'île-Adam. Carta Topographica da Província de São Paulo. Rio de Janeiro: Firmin Didot Irmãos, Belin Le Prieur e Morizot, 1847. mapa: litogr. color; 49,5 x 62 cm. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

do juiz de fora Antônio Azevedo Melo e Carvalho, o movimento ganhou força e ficou conhecido por Conjura Separatista, liderada por Floriano Bento Viana. (STECA E FLORES, 2002, p. 9).

O capitão Bento Viana expôs argumentos em prol da emancipação da comarca, que poderiam ser resumidos em:

1 – a ignorância e o despotismo dos comandantes militares da comarca, que não procurava o bem do povo; 2 – a falta de justiça, devido à dificuldade que havia em impetrar recursos, perante as autoridades de São Paulo; 3 – o fornecimento, pela comarca, de grande número de praças de guerras às milícias portuguesas, sobretudo para as estradas que desbravavam nossos sertões do Iguazu, Guarapuava, Tibagi etc., ficando muitas famílias na miséria. 4 – a falta de moeda na comarca, devido às grandes somas que eram remetidas, como impostos, para São Paulo; 5 – o abandono em que se encontra a comarca pela administração de São Paulo, surda que era aos apelos e queixas populares (WACHOWICZ, 2002, p. 115).

Segundo Wachowicz (2002, p.115), o juiz de fora Antônio Azevedo Melo e Carvalho, respondeu a Viana, “ainda não é tempo; com vagar se há de representar a Sua Majestade”, apesar de ter seu pedido negado, o movimento não cessou. No Rio Grande do Sul ocorreu um movimento separatista denominado Revolução Farroupilha. O império, com objetivo de conter os farrapos, através do presidente da província de São Paulo, Barão de Monte Alegre, enviou o político João da Silva Machado, que prometeu a comarca a elevação para a categoria de província, convencendo os separatistas para evitar que estourasse mais um estopim separatista.

Em conformidade com Beloto (1990), recaiu em cima de João da Silva Machado a função de pacificar a comarca. De acordo a correspondência enviada por Machado ao presidente da província de São Paulo:

Vou contar a V. Ex. com alguma minuciosidade o que se tem passado nesta comarca. A notícia da rebelião em Sorocaba derramou aqui a confusão por haver chegado conjuntamente com a 1ª Proclamação, ordem e cartas diversos. Em consequência fizeram-se reuniões noturnas, uns queriam a separação, nomeando um presidente, outros um governo provisório de três membros, outros finalmente não sei o que. Até a Câmara se reuniu para dar posse aos empregados policiais. Foi quando felizmente chegaram aquelas cartas que V. Ex. mandou pela marinha com tanta prontidão. Sendo uma para o Tenente Cel. Miguel Marques dos Santos, que ali se achava, publicou seu contexto à face da Câmara, e como além da recomendação da ordem, lhes assegurava a separação da comarca, elevando-se à província, ficaram satisfeitos e desamotinaram-se. (...) A deliberação

deste homem [cel. Balduino] a favor da Legalidade desarmou a luzida rapaziada de Ponta Grossa que estava de cabecinha levantada e disposta a jogar todas as cartas e sei que meteu medo a toda a comarca e ao meu amigo Cunha, da Lapa. Enfim, salvou-se a comarca, que esteve por um fio de insurgir-se, porém agora parece-me que está segura. (...) Tenho empenhado a minha palavra de que Curitiba há de ser elevada à Província e portanto V. Ex. não me deixe ficar em falta (SÃO PAULO, 1842, apud BELOTO, 1990, p. 63).

Através da correspondência percebemos que a promessa de separação da comarca, elevando-a como província, freou os movimentos revoltosos que já estavam por ocorrer. Para fortificar as forças imperiais o estado encaminhou 500 homens à comarca, entretanto, logo os paranaenses perceberam que foram enganados (STECA E FLORES, 2002).

Contudo a partir de 1843, a luta pela emancipação começou a ser realizada em âmbito parlamentar, batalhas que duraram dez anos, discutindo sobre os limites, vantagens e desvantagens. Até que em 2 de agosto de 1853 foi aprovada, tornando o Paraná a mais jovem província do império, a instalação foi feita em 19 de dezembro de 1853, tomando posse como o primeiro presidente de província o político Zacarias de Goes Vasconcelos (WACHOWICZ, 2002, p. 119 – 120).

Segundo Corrêa a emancipação política do Paraná,

foi o resultado da pressão política local e de um conjunto de interesses do Império, que precisava assegurar sua unidade territorial evitando que os paranaenses se aliassem a outros estados descontentes com a condução do regime. Além disso, este evento é importante para compreender as configurações do poder local e as teias de interdependência com o alto escalão da política nacional (CORRÊA, 2006, p. 15).

Neste sentido Corrêa considera a emancipação política um movimento local: conservador, à medida que os interesses econômicos da nascente economia do mate eram travados pelos obstáculos da província de São Paulo; e liberal, visto que muitos revoltosos simpatizavam com os revoltosos gaúchos e os liberais paulistas, negociando apoio ao governo em troca da emancipação.

Após a emancipação política do Paraná, passaram a valer as exigências que o governo imperial realizava sobre as províncias. Entre as decisões do governo Imperial, datada em 1853, destaca-se a de número 24,

- Aviso de 27 de Janeiro de 1853 – Determina que as presidencias das províncias, por ocasião de cumprirem a Circular de 11 de março de 1848, remetão a cada hum dos Ministerios huma copia ou exemplar impresso do Relatorio, que na formula da dita Circular

devem enviar á Secretarla d'Estado dos Negocios do Imperio (GOVERNO IMPERIAL, 1853).

Deste modo através dos relatórios o Governo Imperial poderia ter mais controle do que transcorria em todo o território. Segundo o site do Arquivo Público do Paraná, os relatórios eram realizados para atender as exigências do Aviso Circular Imperial de 1848. Neste sentido todo o político ocupando o cargo de presidente de província do Paraná, teria o dever de produzir uma mensagem ou exposição, em todo o início de ano, a apresentar à assembleia provincial, prestando contas da situação da província no ano anterior. Em suma os relatórios constituem um retrato do Paraná em diferentes períodos (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ, 2021).

Dentre os conteúdos dos relatórios, a colonização tinha grande destaque, descrevendo a situação das colônias, com informações financeiras, populacional, de infraestrutura, ocorrências, dentre outros aspectos. Tendo isso em vista ao analisar a colônia Thereza Christina, tais relatórios, nos permitem ter uma noção de como transcorreu a colônia de seu início ao fim, até a repovoação das terras. Entretanto nosso objetivo neste trabalho é analisar a presença de Faivre na colônia agrícola, por isso o resgate documental dos relatórios foi de 1854, primeiro relatório apresentado, até 1858, ano do falecimento de Faivre. Essa documentação nos permite compreender como a colônia agrícola fundada pelo francês era vista no cenário nacional.

O primeiro relatório é datado em 15 de julho de 1854, escrito pelo presidente de província Zacarias de Goes e Vasconcellos, neste há uma tipografia que continua nos outros relatórios, um trecho destinado especificamente a falar sobre a colonização. Neste setor o presidente iniciou falando da colônia de Superaguy, e depois comentou sobre a colônia Thereza, diferenciando-as.

Diferente da do Superaguy, no plano, fim e philanthropin, que se propõe, a colônia Thereza afastando-se da costa do mar do mar e dos grandes centros de populações para que o influxo da escravidão e das tendencias mercantis que nellas há, não obrasse malignamente sob seo destino que he (expressão de seo fundador) tornar o homem feliz e virtuoso (VASCONCELLOS, 1854, p. 57).

Neste sentido percebemos que o isolamento da colônia era visto por Faivre como positivo, à medida que estaria longe dos vícios do capitalismo e da escravidão.

Outro ponto apresentado como uma vantagem é a localização as margens do rio Ivaí.

Outra vantagem, realmente incontestável, da colônia Thereza he estar collocada á margem de hum rio navegavel, que se lança no Paranã, quasi em face da embocadura do Yvinheima do Mato-Grosso, offerecendo assim huma commoda via fluvial, por onde, no presente não, mas em hum futuro talvez pouco remoto, para aquella província, he possível fazer não so remessa de quaisquer objectos do governo ou de particulares (VASCONCELLOS, 1854, p.57).

A navegabilidade do Rio Ivaí, vista como incontestável, era apontada como vantagem no sentido de escoar a produção para o Mato Grosso, desenvolvendo a colônia e a província. Outros benefícios seriam a abundância de peixes no rio Ivaí e o clima da colônia que ajudava os terrenos serem férteis, podendo produzir ali “o trigo, o milho, o arroz, a mandioca, o feijão, a banana, o fumo, e o algodão”, além da criação de porcos, galinhas e outros animais (VASCONCELLOS, 1854, p. 58).

Outro aspecto abordado foi a infraestrutura da colônia, “possue 20 casas contendo 96 pessoas, dois moinhos, alguns pilões, 1 machina para raspar mandioca, 1 forja bem montada, 1 alambique e 1 olaria”, o que possibilitou avaliar a colheita de 1854 em: “12 mil botelhas de aguardente e 50 arrobas de rapaduras, que para o anno vindouro será o dobro” (VASCONCELLOS, 1854, p. 58).

Faivre ainda tinha o objetivo de “catequizar” os índios para resolver os problemas com as invasões e ataques, o que, associado a todas as outras vantagens citadas, levou o presidente da província analisar como promissor o empreendimento do francês.

Essa tentativa de colonização, se for avante, terá ainda o merecimento de ser como hum celleiro para outros grupos de colonos, que emprehendão estabelecer-se pelas vizinhanças, sendo, por tanto, hum passo seguro para o aproveitamento de tantos terrenos, ora absolutamente incultos (VASCONCELLOS, 1854, p. 57).

Além disso o presidente de província ressaltou algumas obrigações que Faivre teria, em função dos auxílios recebidos, que seriam: em primeiro lugar promover o melhoramento da colônia Thereza e criar dois novos núcleos de colonização no prazo de 3 anos; a segunda exigência foi promover a abertura de duas estradas, uma que ligasse a colônia à Guarapuava e a outra que a ligasse à

Ponta Grossa; e a terceira imposição seria a “catequização” e “civilização” dos indígenas que viviam próximo a colônia agrícola (VASCONCELLOS, 1854).

Percebendo as vantagens que a colônia agrícola traria à província, o governo passou a incentivar a ida de imigrantes, conforme podemos observar no relatório escrito por Vasconcellos, em 1855.

O dr. Recksteimer, bem conhecido em Paranaguá e nos demais municípios da marinha, onde exerce a medicina, escreveo-me, 5 de setembro ultimo, comunicandome que certa familia, de uma cidade da Suissa, composta de nove pessoas, 2/3 de idades juvenil, e 1/3 de idade, toda dos melhores costumes, desejando estabelecer-se nesta provincia, procurára, por seu intermedio, saber que favores poderia esperar da respectiva presidencia. Assegurei-lhe, em resposta, que a familia de que se trata teria, na colonia Thereza, terras a sua disposição, conforme o systema adoptado pelo Dr. Faivre, e que eu lhe proporcionaria transporte de Antonina ao Yvahy (VASCONCELLOS, 1855, p. 29 – 30).

Vasconcellos (1855, p 32), descreveu que não houve mudanças significativas na infraestrutura da colônia Thereza, “excepto a de achar-se já aberta na colônia do Yvahy a aula de primeiras letras”. Uma ação que cumpria com sua idealização, tendo em vista que propiciava escolarização aos colonos.

No que diz respeito ao tema estradas e pontes, o presidente de província ressaltou o comunicado de Faivre, que havia concluído a estrada que ligava a colônia à Guarapuava, iniciando os trabalhos para cortar uma estrada até Ponta Grossa (VASCONCELLOS, 1855). A estrada, além de ligar a colônia ao município que pertencia, Guarapuava, em função da lei provincial número dois de 10 de março de 1855, começava a cumprir a segunda exigência solicitadas pelo governo provincial no ano anterior, de abrir as duas estradas.

O relatório de 1856, foi realizado pelo vice presidente de província Henrique Pedro Carlos Beaurepaire Rohan, que descreveu informações sobre a população da colônia, “dos 79 franceses, que trouxe o fundador, quase todos se retirarão, desanimados pelas dificuldades, que encontrarão naquele sertão”, entretanto ao passo que os franceses abandonavam a colônia agrícola, brasileiros vindos de Castro e Guarapuava, eram incorporados, “hoje conta a colonia 171 brasileiros, e 19 francezes, que professão todos os catolicismo”. Apesar da debandada a colônia era vista como promissora, “esta colônia prospera” (ROHAN, 1856, p. 44).

O presidente da província Vasconcellos em 1854, já destacava a grande presença de brasileiros nas três colônias, Rio Negro (1829), Thereza Christina (1847) e Superaguy (1852), “eis o que são as colônias, 15 que há na província, as quais chamei d’estrangeros, porém que, em verdade, contêm em seu seio muitos brasileiros” (VASCONCELLOS, 1854, p. 59).

Sobre as estradas solicitadas, foi salientada novamente a comunicação constante entre a vila e Guarapuava, entretanto o caminho até Ponta Grossa ainda era precário. “A picada, que communica com Ponta Grossa, é tão má que, segundo me affirmão, tornou-se intransitável”, ficando sob responsabilidade de Faivre abrir esse caminho, uma comunicação que desenvolveria a província e tornaria mais fácil a catequese dos indígenas (ROHAN, 1856, p. 46 – 47).

No interior da colônia havia chegado um mestre de primeiras letras, tendo a promessa de chegar um capelão para as atividades religiosas. Outro dado informado neste relatório é a presença de água sulfurosa nas dependências da colônia (ROHAN, 1856, p. 46).

Em 7 de janeiro de 1857, o relatório foi escrito pelo vice presidente de província José Antônio Vaz de Carvalhais, sobre a colônia Thereza, ele salientou: “Esta colônia, fundada e dirigida, ainda hoje, pelo Dr. João Mauricio Faivre, continua a prosperar, e é muito provável que para o futuro se torne uma das mais importantes povoações da província” (CARVALHAIS, 1857, p. 56).

Neste parecer descritivo o político comentou algumas alterações que ocorreram na colônia agrícola, em face do relatório apresentado no ano anterior: a população aumentada em 6 pessoas, levando à quantidade de 196 membros no empreendimento; crescimento da produtividade de água ardente e rapadura; 50 arrobas de fumo para exportação; e no que diz respeito à educação, houve a matrícula de 30 alunos na recém criada aula de primeiras letras, regida pelo francês Condamine (CARVALHIS, 1857, p. 57).

Todo o progresso da colônia desencadeou na autorização do Governo, para a aquisição de novos bens, o diretor da colônia Jean Maurice Faivre deslocou-se ao Rio de Janeiro e efetuou a compra de arados de construção moderna, o relatório expõe a chegada de dois destes arados, colhendo melhores resultados (CARVALHIS, 1857, p. 138).

Tendo em vista a solicitação da estrada que ligasse a colônia à vila de Ponta Grossa, a fim de desenvolver não só a colônia, mas a província do Paraná, Faivre

comunicou a necessidade da quantia de 13:000\$000 rs, para a introdução de 38 colonos livres e 12 trabalhadores, somados aos 20 trabalhadores que já tinha a sua disposição, para engajados em 4 anos cumprir a construção da estrada. Tal solicitação advinha da falta de pensamento coletivo dos colonos em criar uma estrada que beneficiasse a colônia, segundo o vice presidente de província os interesses individuais tinham mais importância, conforme o trecho:

Se é incontestável o progresso da colônia e o bem estar do seu pessoal, quase todo composto de gente do paiz, é também certo que, exclusivamente ocupados os colonos com seus interesses individuaes, pouco se pôde esperar d'elles no que diz respeito aos interesses geraes do estabelecimento, como sejam abertura de novas estradas, construcção de pontes e edificação de casas para novos colonos, que por ventura se pretendesse mandar vir (CARVALHIS, 1857, p. 58 – 59).

O jornal Dezenove de Dezembro na edição de 28 de 1857, descreve o comunicado de Faivre para o presidente de província do Paraná, ressaltando a conclusão do caminho que ligava a colônia até a vila de Ponta Grossa.

Illm. Exm. Sr. – Eu tenho a honra de participar a V. Ex. que a 10 de junho terminei meu caminho da colônia Thereza á Ponta Grossa. Já passaram tropas, e por ora atravessam o rio Tibagy no porto do Sr. Capitão Jeronymo Carneiro, até que se estabeleça uma balsa para vir em direitura, o que encurtará a viagem de mais de uma legua. O caminho tem 36,931 braças de comprimento em mato virgem, e 9 leguas em faxinaes e campo. O chão é bom e já escolhido para um caminho de carro. Em diversas paragens se acham localidades próprias a serem habitadas e cultivadas; porem não admitti arranchamento de ninguem, sem primeiro conhecer as intenções do governo a respeito do modo de povoar estes sertões. Meu parecer seria dar de graça o logar da casa com seu quintal, e um terreno de 1 ou 2 alqueires de planta, deixando o resto como rocio, para depois vender a quem conviesse e como conviesse. Deus guarda a V. Ex. LLLm. e Exm. Sr. José Antonio Vaz Carvalhes, D. presidente da província do Paraná. – Dr. Faivre (DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1857, p. 3).

Podemos perceber também neste trecho que Faivre ressalta que os territórios ao decorrer do caminho são férteis e cultiváveis, sugerindo povoar tais terras aos mesmos moldes da colônia Thereza.

O relatório de 1858 ficou a cargo do presidente de província Francisco Liberato de Mattos,⁹⁶ com um discurso que enaltecia a importância da colonização europeia para o desenvolvimento da província. Na mesma perspectiva que os políticos anteriores, iniciou ressaltando a população que passara a contar com 200 indivíduos, destes apenas 22 eram franceses, o que nos mostra a predominância de brasileiros na colônia. Acerca da educação reforçou os dados já apresentados anteriormente, incorporando um pedido de Faivre para abrir uma escola de ensino destinada a 25 meninas da colônia, contratando como professora D. Vitalina da Rosa (MATTOS, 1858, p. 28).

Para a realização destes relatórios, os presidentes de província necessitavam da contribuição alheias para obter informações. Faivre como diretor da colônia Thereza encaminhava relatórios para atualizar os presidentes de província e o presidente da comarca de Guarapuava, sobre as alterações, demandas e ocorrências na colônia agrícola. Neste sentido devemos ter em mente que os dados apresentados acima, são exposições de Faivre que levam em consideração o receptor das informações, por conseguinte pode ter produzido um discurso que levasse à satisfação da província. Ainda nesta mesma linha de raciocínio devemos refletir que os presidentes de províncias ao lidarem com estas informações e produzirem os relatórios, também levavam em conta seu receptor, ainda mais em um período que buscava-se construir uma imagem nacional próspera, visando atrair imigrantes para o Brasil.

Em um relatório de 1858, enviado ao novo presidente de província Mattos, Faivre expôs que no momento em que chegavam novos integrantes, “dase gratuitamente a cada família de colono hum terreno de dez braços de frente e cinquenta de fundo para sua casa e quintal”. Tais medidas se assemelham muito com a iconografia idealizada para a colônia, já descrita neste trabalho. Além disso os recém chegados receberiam alimentos para o primeiro ano, um lugar para agasalhar-se, até fazerem seu primeiro rancho, o prazo para construírem sua estadia era de três meses, tais despesas geradas neste primeiro ano deveriam ser reembolsadas apenas no terceiro para o quarto ano (FAIVRE, 1858).

Entretanto cada colono que chegava também devia cumprir algumas exigências estabelecidas pelo diretor Faivre, “no fim do segundo ano o colono deve

⁹⁶ Foi presidente da Província do Paraná, de 11 de novembro de 1857 a 26 de fevereiro de 1859, incentivou a imigração europeia e criou uma linha de navegação entre Antonina e Paranaguá.

ter plantado meio alqueiro de planta nos terrenos do rocio para pastos”. Neste mesmo tempo estabelecido deveriam “ter plantado arvores enfrente as suas casas, as laranjeiras são oferecidas pelo diretor”. Esse último ponto reforça o desenho da iconografia realizado pelo francês antes da fundação da colônia, o qual idealizava um pomar que rodearia as casas dos colonos (FAIVRE, 1858).

Além disso todos os colonos de Thereza Christina deveriam: manter seus quintais cercados e suas ruas limpas; os proprietários dos terrenos próximo ao Ivaí deveriam proteger as margens, para que os animais não entrassem; os colonos que tivessem animais deveriam mantê-los em seus terrenos para não gerar atrito com os vizinhos que não possuíam animais; os jogos de azar eram proibidos; e todos os colonos deveriam saber ler e escrever com oito anos de idade, caso contrário, seus responsáveis seriam multados. Este último ponto também reforça os mesmos preceitos da idealização da colônia analisados anteriormente neste trabalho (FAIVRE, 1858).

Outro aspecto abordado por Faivre neste relatório, foi as informações sobre a atual situação da colônia Thereza, cujos elementos o presidente de província utilizaria para produzir seu relatório. O diretor da colônia escreveu que no ano de 1858, existiam 43 famílias no empreendimento, num total de 244 pessoas, destas, 6 famílias eram francesas e o restante nacionais. Tais colonos encontravam-se espalhados à medida que muitos possuíam mais de um terreno, além de terem um terreno na vila possuíam outros nas proximidades da colônia, como se fossem espécies de sítios. Ao todo eram 190 indivíduos que moravam na vila e os restantes moravam nas proximidades (FAIVRE, 1858).

Também escreveu sobre o bom desenvolvimento que a colônia agrícola vinha tendo, as colheitas aconteciam no tempo certo e sem muitas perdas, com um excedente de rapadura, aguardente, fumo e arroz. E ainda sobre a infraestrutura do empreendimento, que contava com 9 engenhos, 4 alambiques, 1 fábrica de licor e tabaco, olaria e forno de cal, moinho e máquinas hidráulicas de cerrar madeiras, o que proporcionava tal desenvolvimento (FAIVRE, 1858).

Apesar de todo esse desenvolvimento o diretor da colônia noticia estragos e perdas, desencadeados pelas enchentes no rio Ivaí, as correntezas levaram parte da produção da vila, como ferramentas, fornos e tachos, além de destruir as olarias, engenhos e alambiques (FAIVRE, 1858).

Cabe ressaltar que, cada vez mais, o conteúdo que fala sobre a colônia se torna mais conciso. O relatório de 1859 traz apenas uma informação sobre a colônia Thereza, o falecimento de Faivre e o sucessor na direção da colônia agrícola. “Tendo fallecido em 31 de agosto de 1858 da anno passado seu virtuoso fundador, o Dr. João Maurício Faivre, encarreguei de sua direção Gustavo Rumbleperger⁹⁷, que já em vida d’quelle Dr. fazia suas vezes” (MATTOS, 1859, p. 21).

O sacerdote da Catedral Nossa Senhora de Belém da vila de Guarapuava, Antônio Braga de Araújo, escreveu no livro de óbitos:

Aos trinta dias do mês de agosto do anno de mil oitocentos e cinquenta e oito, falleceo da vida presente João Mauricio Faivre, natural da França, Doutor em Medicina, de mais de sessenta anos de idade, viúvo. Não recebeo infelizmente o sacramentos da hora extrema, por ter sido o seu falecimento na Colonia Thereza do Ivahy (da qual era fundador e director) distante desta Matriz dezoito léguas, no interior do sertão, por péssima estrada; ocasionando isto o não ter-se dali mandado chamar Sacerdote para esse acto. No trigésimo dia de seu falecimento farei os sufrágios por sua alma. Seu corpo foi sepultado no Cemiterio que existe na referida Colonia. Do que para constar faço este assento, que assigno (D’ARAÚJO, 1858, p.57).

Os relatos apontam que o francês foi enterrado na colônia, entretanto não há nenhum túmulo ou local onde encontra-se os restos mortais do diretor, no campo da especulação moradores do atual distrito de Tereza Cristina, comentam que o corpo do idealizador foi retirado da colônia e enviado para a França.

Ribeiro (1990, p. 174), sobre a morte de Faivre escreveu: “ele mesmo organizou sua falange imigratória, a instalou e a serviu. Morreu em plena obra, após haver sofrido deserções sucessivas. E tudo lá deixou; a ciência, a coragem e a fortuna”. Nascimento (1937, p. 313, tradução nossa),⁹⁸ apontou que Faivre “deixou a memória de uma personalidade forte e acolhedora, de um amigo da humanidade, tirando um pouco dos antigos patriarcas”. Almeida (1936, p. 217), também escreveu “Faivre, o sacerdote profano do vale do Ivaí, o indefesso operário do bem, havia, assim, terminando sua missão na terra. Sua alma de justo evolara-se para o além, a chamado do senhor”.

⁹⁷ Foi um naturalista francês que participou da colônia Thereza Cristina e de expedições pelo rio Ivaí. Foi um grande amigo de Dom Pedro II, Ladislau Netto, Luís Filipe de Saldanha da Gama e do Dr. Jean Maurice Faivre.

⁹⁸ Traduzido de: *Il a laissé le souvenir d'une personnalité forte et accueillante, d'un ami de l'humanité, tenant un peu des anciens patriarches.*

O presidente de província Fleury, destacou em seu relatório do ano de 1865, que Faivre “findou seus dias no louvavel empenho de regenerar o homem pelo trabalho, longe da sociedade e da perniciosa influência da escravatura” (FLEURY, 1865, p. 64).

Em virtude dos dados apresentados até aqui, percebemos que até o falecimento de Faivre, a colônia era tida pela província como promissora, mesmo com a debandada dos franceses, os brasileiros incorporavam-se ao empreendimento, houve grandes expectativas acerca da navegabilidade do rio Ivaí, o que poderia desencadear no escoamento da produção e também à comunicação com a província de Mato Grosso.

Outro ponto que havia sido cobrado desde os primeiros relatórios era a construção de uma estrada que ligasse a colônia agrícola até a vila de Ponta Grossa, vista como uma vantagem para o desenvolvimento da província. Também percebemos que Faivre cumpria com um pressuposto de idealização relacionado à promessa em proporcionar educação aos colonos.

Além disso percebemos que apesar de serem proibidos os escravos na colônia, o projeto assume e incorpora os preceitos racializados da política de imigração do império, além de considerar os indígenas como não “civilizados”, tendo Faivre a missão de “educa-los”. Por fim, cabe ressaltar que após os dados mencionados, percebemos que a colônia não tomou um direcionamento para atender a uma doutrina filosófica do socialismo, mas sim para atender as exigências do governo Imperial, que repassava recursos e constantemente cobrava resultados. Neste sentido ainda fica uma questão posta, por que a colônia é vinculada ao socialismo? Quem fez essa associação?

Para responder tais questões, fez-se necessário uma compreensão das representações criadas para a colônia Thereza Christina, desde o falecimento de Faivre até os dias atuais.

2.4 REPRESENTAÇÕES

O historiador francês Roger Chartier define o estudo das representações, como o estudo das formas e do mundo social, nesta perspectiva os atores sociais em seus trabalhos traduzem suas posições e seus interesses, e ainda paralelamente

descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse. Nas palavras do autor,

as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação (CHARTIER, 2002, p. 17).

Na citação, Chartier problematiza a produção das representações, como materiais que acompanham uma intencionalidade. Tal fato traz à tona a importância de compreender as produções de sentidos ou sentido que acompanham a representação, seja ela através de pinturas, relatos ou bibliografias que contemplam a colônia agrícola Thereza Christina, com o objetivo de compreender a relação com a corrente socialista utópica.

As primeiras representações sobre a colônia agrícola foram realizadas através de pinturas e relatos, assim como toda a província do Paraná, nesse sentido analisaremos tais trabalhos realizados por viajantes, para que por conseguinte compreendamos melhor as atuais representações realizadas através de romances históricos.

2.4.1 Pioneiros Viajantes

As primeiras representações do Paraná foram descritas por viajantes considerados como integrantes da fase itinerante. O livro *Exposição Arte no Paraná: fases itinerantes e infraestrutura (11 de maio a 08 de julho de 1990)*, caracteriza a fase itinerante “pelas representações iconográficas, documentados por um grande número de artistas que viajaram pelos sertões paranaenses, registrando com desenhos e pinturas as suas impressões” (MUSEU PARANAENSE, 1991, p. 7).

Os desenhos e as pinturas foram importantes veículos para registrar as paisagens, contextos, organizações e até mesmo as culturas, visando sanar os interesses nacionais e colonialistas da época. As expedições dos viajantes, realizadas no século XIX, foram financiadas pelo governo do Império com o objetivo de conhecer o espaço, a vegetação, os rios, o interior do território nacional, para que por conseguinte o império realizasse uma política visando lidar com o desconhecido. Tendo em mente que um relato de um viajante não revela apenas a vida e as particularidades de um aventureiro, mas também os interesses, as perspectivas ideológicas tanto do observador como do observado.

Dentre os viajantes que realizaram as primeiras representações, que inclusive serviram de base para outras representações da história do Paraná, destaca-se o engenheiro francês Gustavo Rumbelberger, o artista norte americano John Henry Elliott, os artistas e irmãos Joseph Keller e Franz Keller, o engenheiro britânico William Lloyd e o engenheiro inglês Thomas Plantagenet Bigg-Wither. Tais autores foram selecionados pois além de registrarem suas impressões sobre a província do Paraná, também produziram representações da colônia agrícola Thereza Christina, através de relatos, pinturas e gravuras.

2.4.1.1 O sucessor Gustavo Rumbelsperger

Rumbelsperger nasceu em 1817 na França, assim como Faivre era natural do departamento do Jura. Estudou na *École impériale des Arts et Métiers*, com um modelo educacional criado por Napoleão para ensinar técnicas de engenharia. O francês veio para o Brasil em 1831, onde permaneceu durante seis anos e depois mudou-se para os EUA, com objetivo de estudar engenharia. Retornou ao Brasil em 1840, indo trabalhar como engenheiro naval na marinha da corte. Entretanto depois de alguns anos realizando várias incursões pelo país, o imperador Dom Pedro II solicitou, em 1850, que o francês fosse trabalhar na província do Paraná, auxiliando Faivre em seu empreendimento. O engenheiro francês era um familiar do idealizador da colônia, visto que ele era sobrinho do Dr. Pierre Taulois, sogro de Faivre.

Dentro da colônia realizou viagens navegando pelo rio Ivaí, analisando os povos indígenas que viviam à margem do rio. Realizava trabalhos como intérprete, aos poucos se tornou um importante membro na administração da colônia ao lado

de Faivre. Também se casou dentro da colônia. No livro de casamentos da Catedral Nossa Senhora de Belém, na vila de Guarapuava, escrito pelo sacerdote Antônio Braga de Araújo, encontra-se a informação do casamento de Rumbelsperger com Margarida de Andrade Camargo, em 24 de novembro de 1857 (D'ARAÚJO, 1857).

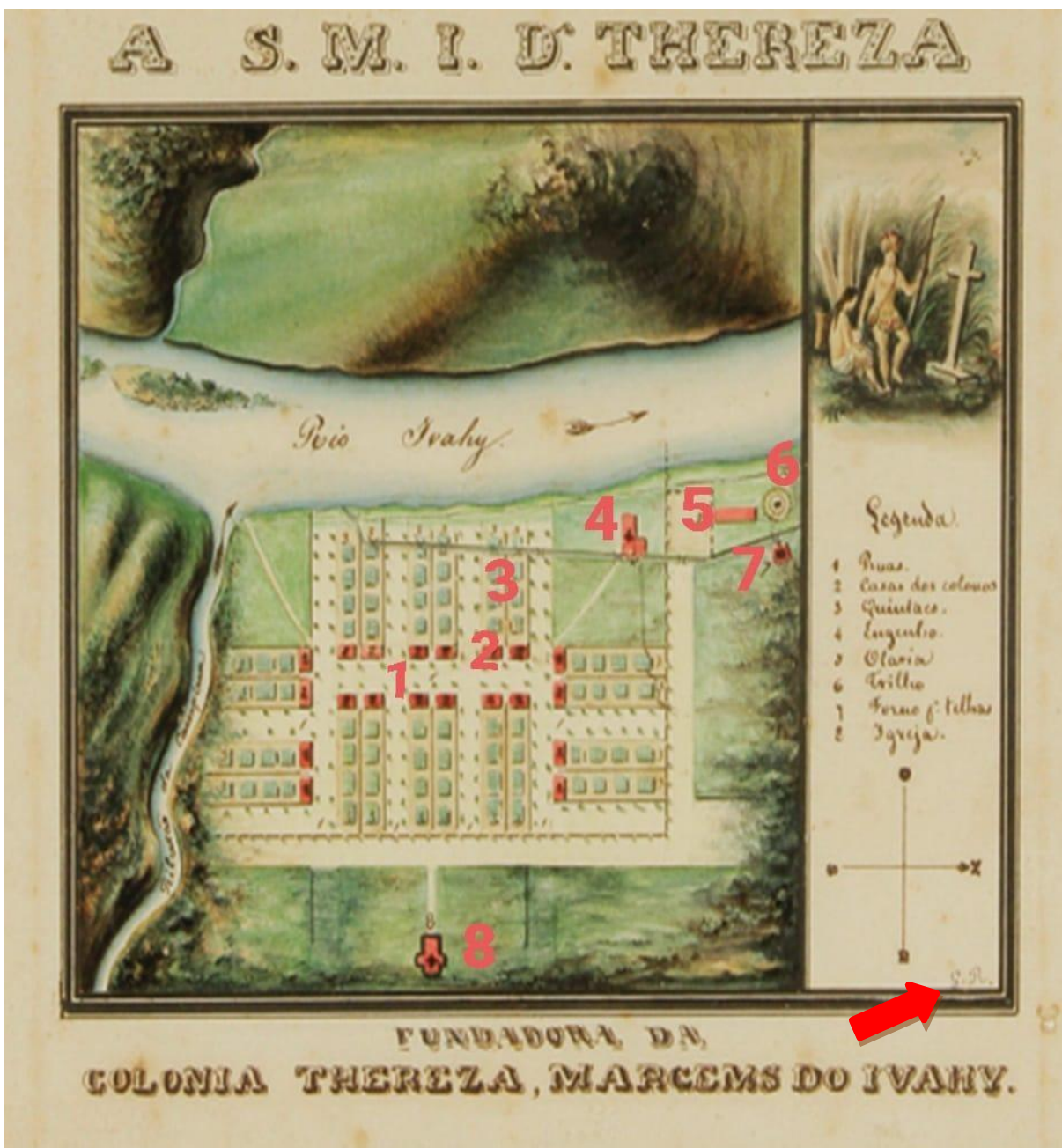
Em menos de um ano após o casamento, Faivre diretor da colônia faleceu, em face de todo o trabalho que Rumbelsperger vinha desenvolvendo na colônia, o presidente da província Francisco Liberato de Mattos nomeou o engenheiro francês como diretor da colônia.

Dentre os trabalhos do engenheiro francês, destaca-se a planta da colônia Thereza Christina, a qual pode ser observada na imagem 16. Na imagem podemos observar uma legenda com 8 pontos: 1 – As ruas da colônia; 2 – Casas dos colonos, em vermelho; 3 – Quintais; 4 – Engenho, destacado em vermelho próximo ao rio Ivaí; 5 – Olaria; 6 – Trilho; 7 – Fornos para trilhos; e 8 – Igreja. Todos os pontos foram destacados em vermelho, para facilitar a visualização. No fim da planta, mais especificamente do lado direito percebemos as siglas “G. R.”, abreviações de Gustavo Rumbelsperger.

Na imagem percebemos a localização geográfica, o curso do rio Ivaizinho e Ivaí, além de toda a organização da colônia agrícola. Cabe ressaltar que apesar de algumas diferenças com a idealização icnográfica de Faivre analisada anteriormente, no geral corresponde aos mesmos elementos e à estrutura planejada.

Outro fator a se destacar é a imagem no canto superior direito, qual ilustra a presença de indígenas próximos a uma cruz, reforçando o viés etnocêntrico daquele período, em que os indígenas eram vistos como “incivilizados”, sendo necessário “educa-los”, reforçando a ideia de que o europeu seria superior aos povos indígenas.

Imagem 16 – Planta da Colônia Thereza Christina



Fonte: SILVA (2019, p. 138), Gustavo Rumbelsperger Casa da Memória de Curitiba Colônia Thereza Christina. Grifos do autor (2022)

Além da planta sobre a colônia agrícola, o engenheiro francês produziu uma aquarela sobre o Salto do Ubá, no alto rio Ivaí, em 1850. Podemos observar a pintura em questão na imagem 17 abaixo, que ilustra um pouco da fauna e flora dos sertões paranaenses, além das corredeiras do rio Ivaí. Tal retrato também pode ser visualizado no livro *Pintores das Paisagens Paranaenses (2005)*, realizado pela Secretaria de Estado da Cultura, que expõe uma série de pinturas e representações históricas do estado do Paraná.

Imagem 17 – Aquarela Salto Ubá (1850)



RUMBELSPERGER, Gustavo. (1817-1892)
Salto do Ubá (Alto Ivaí). 1850. Aquarela. 26,5 x 16,5 cm.
Fonte: Coleção particular

Fonte: Pintores das Paisagens Paranaense, Secretaria de Estado da Cultura: Solar do Rosário, 2005.

Na imagem acima percebemos a representação de uma mata densa, com muita beleza e diversidade, além da presença de indivíduos que parecem ser viajantes explorando e analisando o Salto Ubá, possivelmente buscando a comprovação e os desafios da navegabilidade do rio Ivaí, conforme cobrava constantemente o Império. Apesar de não ter sido um artista, o engenheiro francês é tido como um zoólogo preparador que principiou as iconografias paranaenses,

a contribuição de Rumbelsperger à iconografia paranaense soma paisagens locais, em que se destacava a aquarela Salto de Ubá (1850), à ilustração de animais e plantas que enviava para a Corte, enquanto residia no Paraná, e das quais só se tem notícia pelas

referências que a elas fazia em sua correspondência (BENGHI, 1991b, apud Straube, 2013, p. 243).

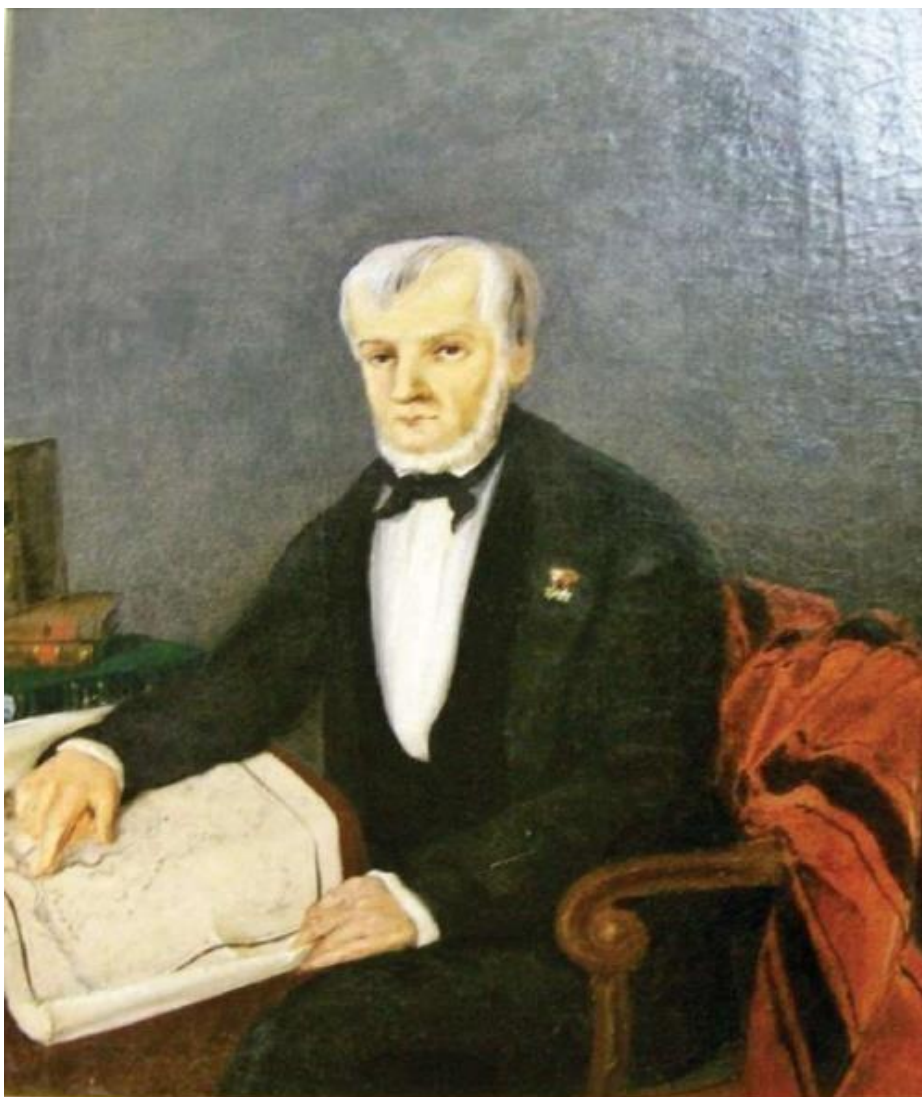
Rumbelsperger sofreu na administração da colônia, devido à falta de recursos e dificuldade de comunicação e admitiu o trabalho escravo no empreendimento, contrariando os princípios em que a colônia foi fundada. Esteve à frente da colônia entre 1858 à 1869, pedindo exoneração para trabalhar no Museu Nacional como naturalista. Foi incumbido de explorações arqueológicas na Amazônia (ilha de Marajó, Santarém e outros locais), as quais realizou na companhia de seu irmão Ernesto Rumbelsperger. Fez parte destes trabalhos científicos até seu falecimento em 1892. Com a deserção de Rumbelsperger, foi nomeado em 1870, como diretor da colônia agrícola Thereza Christina, Jocelyn Augusto Morocines Borba.

Como já ressaltado o engenheiro francês não era um artista, mas os elementos abordados acima denotam as primeiras representações geográficas e naturais criadas para a colônia agrícola Thereza Christina, que serviram de influência para outras representações não só da colônia, mas também do Paraná.

2.4.1.2 O pintor John Henry Elliott

O viajante norte americano John Henry Elliott, construiu uma base referencial para as descrições geográficas do futuro território paranaense, sua presença no estado data-se em 1830, antes da criação da política da província, que ocorreu em 1853. A pedido do coronel João da Silva Machado, barão de Antonina, Elliot trabalhou juntamente com o sertanista Joaquim Francisco Lopes, desenvolvendo a cartografia e explorando os rios Paraná, Paranapanema, Tibagi e Ivaí.

Sendo artista, produziu importantes obras que mensuraram as transformações ocorridas na geografia paranaense do século XIX, a colonização dos sertões e os aspectos socioculturais que englobavam a futura província. Conhecido como “O Pintor da Velha Curitiba”, produziu diversas imagens utilizando tinta à base d’água. Sua única pintura a óleo foi o retrato de Jean Maurice Faivre, disponível abaixo na imagem 18.

Imagem 18 – Retrato do Dr. Faivre. Óleo sobre Tela

Fonte: Pintura de John Henry Elliott. Museu Paranaense, Curitiba, PR.

Em suas viagens pelos sertões, passou pela colônia agrícola Thereza Cristina, conhecendo Jean Maurice Faivre, produzindo neste encontro um retrato do francês, no qual Faivre aparece bem vestido, com as roupas da corte: casaca, colete e uma gravata preta de laços. Em seu casaco pode-se notar suas duas insígnias eméritas das ordens de Cristo e Rosa. Na pequena mesa a frente de Faivre, um mapa da província do Paraná, mostrando com o dedo a localização da colônia agrícola Thereza Christina.

Tal representação enaltece Faivre enquanto uma figura erudita, com boas roupas, condecorações políticas por seus feitos, a presença de livros ao fundo da imagem, e o destaque ao seu empreendimento colonizatório no mapa da província do Paraná, o que propicia a memorialização do francês enquanto grande

personalidade brasileira. Podemos atestar esse fato, ao notar a presença deste retrato em específico em textos sobre Faivre ou associação a sua biografia.

Segundo Carvalho, Faivre e Elliott eram bons amigos, o escritor Arthur Barthelmess (2008) teria inclusive realizado uma ópera em homenagem à relação de amizade entre eles.

Dedicou ao fundador da Colônia Thereza Cristina uma ópera composta em homenagem à relação de amizade havida entre este e J. H. Elliott, chamada Dr. Faivre: ópera relâmpago em dois atos. Na análise dos roteiros das primeiras entradas realizadas na década de 1840 observa-se que o Rio Ivaí era rota geográfica das explorações, portanto a fundação da Colônia Thereza Cristina pelo Dr. Faivre em 1847 à montante deste rio, provavelmente, se deu em função das bandeiras e naturalmente tornar-se-ia lugar de passagem das expedições, do mesmo modo que a Fazenda Fortaleza, além de outros lugares próximos da Estrada Geral, a Estrada das Tropas (CARVALHO, 2018, p.82).

Segundo Carvalho (2018, p. 82 – 83) “Elliott provavelmente passou a visitar com frequência o mentor e fundador da colônia franco-suíça, já que cita passagens pelas imediações desta em seus relatos posteriores”.

Em síntese Elliott corroborou para a representação colonizadora dos “vazios demográficos”, com paisagens belas, mas rudes e incivilizadas, a representação de um sertão inculto. A colônia agrícola por sua vez representada através do retrato de Faivre, esboça a imagem social e culta, que corroborava com os interesses do império e da província do Paraná, para fundamentar a política de imigração.

2.4.1.3 Os Keller

Foram tecidas muitas críticas sobre a situação das estradas que ligavam a colônia agrícola às vilas de Ponta Grossa e Guarapuava, bem como a falta de uma exploração mais detalhada sobre a navegabilidade do rio Ivaí, percebemos que tanto o idealizador da colônia Faivre quanto seu sucessor Rumbelsperger, eram constantemente cobrados não conseguindo efetivar esse objetivo que inclusive fundamentou a fundação da colônia.

A fim de resolver esse problema, o presidente da província do Paraná Fleury nomeou em 1865, os engenheiros Joseph e seu filho Franz Keller, que já eram conhecidos por fazer análises de estradas e plantas hidrográficas. Os Keller,

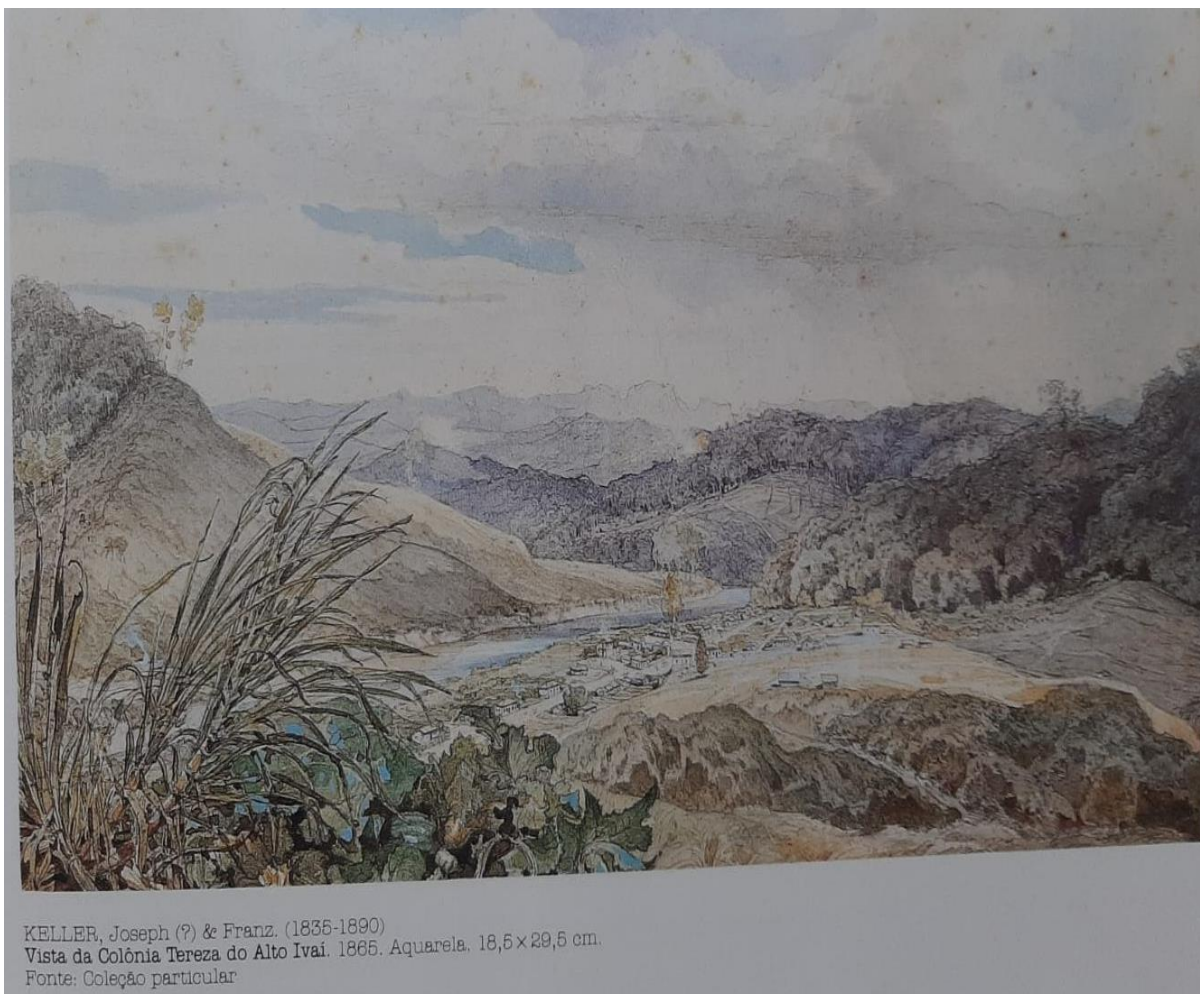
chegaram ao Brasil em 1856, contratados pela companhia União Indústria para a equipe técnica que construiu a estrada de Petrópolis à Juiz de Fora, posteriormente foram incumbidos de estudos hidrográficos na província de Minas Gerais, até 1864.

Chegaram no início de 1865 em Curitiba, se deslocando logo em seguida às margens do rio Ivaí. Além de analisarem todo o percurso que envolvia Curitiba à província de Mato Grosso, a fim de verificar a navegabilidade do rio Ivaí, também foram incumbidos de examinar o estado da colônia Thereza.

No relatório de 1867, o presidente de província Cezar Burlamaque expôs que “as explorações dos engenheiros Keller vieram confirmar o que já se sabia por informações de viajantes e sertanejos; isto é, que nenhum dos rios da província do Paraná presta-se a navegação senão em parte”. Os saltos, baixios e corredeiras são obstáculos naturais que impediam a navegação das margens do rio Ivaí até a província do Mato Grosso (BURLAMAQUE, 1867, p. 4).

Sobre a colônia Thereza, os Keller escreveram que se encontravam vestígios e ruínas, das casas feitas de taipas (terra socada) e cobertas de telhas, de uma igreja no canto da praça no centro da colônia e ainda indícios de uma fundição de ferro. Apesar de apresentarem uma representação de uma colônia abandonada, os engenheiros ressaltam pontos positivos naquele local, tais como a presença de humos que possibilitaria bons frutos na lavoura, riquezas de minerais e ferros nas rochas.

Além dos relatos, os Keller produziram pinturas sobre os seus trabalhos no Brasil, podemos observar diversas pinturas da província do Paraná representadas por eles no livro *Pintores das Paisagens Paranaense (2005)*. Seus trabalhos ilustrativos e iconográficos serviram de base documental para diversos trabalhos sobre a história do Paraná. Dentre estes trabalhos, destaca-se a pintura feita a partir da vista no alto da colônia, conforme podemos observar na imagem 19, a obra destaca a vegetação e o relevo da colônia Thereza.

Imagem 19 – Vista do Alto da colônia Thereza Christina

KELLER, Joseph (?) & Franz. (1835-1890)
Vista da Colônia Tereza do Alto Ivaí. 1865. Aquarela. 18,5 x 29,5 cm.
Fonte: Coleção particular

Fonte: Pintores das Paisagens Paranaense, Secretaria de Estado da Cultura: Solar do Rosário, 2005.

Apesar de terem como principal objetivo realizar a análise da topografia e hidrografia da província do Paraná, a fim de atestar a navegabilidade do rio Ivaí até a província de Mato Grosso, os engenheiros Keller produziram representações que marcam a imagem não só da colônia Thereza Christina, mas também paranaense. Retrataram paisagens, fauna e flora, além dos próprios indígenas. O historiador Lúcio Tadeu Mota, na obra *Os Xetá no Vale do Rio Ivaí 1840 – 1920*, aponta a representação dos indígenas Xetá feita pelos irmãos Keller.

Cabe ressaltar que tal representação se difere da realizada por Rumbelsperger ou Elliott, quais enalteciam a colônia Thereza e o próprio Faivre, Os Keller realizam uma representação da colônia Thereza como um lugar em ruínas, abandonada, de uma forma negativa, entretanto elucidou por meio de pintura e relato, a localização da colônia como um lugar que conta com terras férteis,

propícias para o desenvolvimento da agricultura, além da riqueza de minerais e ferro nas rochas, que poderiam levar ao progresso da colônia. Vale salientar que as noções de progresso e desenvolvimento dos engenheiros tem por base o modelo industrial.

2.4.1.4 O engenheiro William Lloyd

O britânico William Lloyd, foi um engenheiro ferroviário que ajudou a construir ferrovias e explorar territórios por toda a América, atuando no Chile, Peru, Argentina, México e no Brasil. Em terras brasileiras desenvolveu juntamente com outros engenheiros, a pedido do Barão de Mauá em 1872, uma exploração e pesquisa de quase 1.000 milhas, envolvendo o trecho de Curitiba ao Mato Grosso, que continha uma floresta densa e desconhecida. A expedição intitulada "*Paraná and Mato Grosso Survey Expedition*", tinha como objetivo mapear a região, observando a navegabilidade do rio Ivaí e a possibilidade de construção de uma estrada de Ferro que ligasse Curitiba ao Mato Grosso.

A partir deste mapeamento da região, Lloyd produziu um relatório em 1875, comentado pelo visconde de Mauá, no qual denotam as características geográficas da região, além das condições climáticas, povoações e um estudo dos rios Ivaí, Ivinhema, Paraná e Brilhante. Em meio a esse caminho o engenheiro passou pela colônia agrícola Thereza Christina e escreveu:

Foi o Dr. Jean Maurice Faivre quem primeiro tentou utilizar estas remotas regiões, agora somente habitadas por índios selvagens, fundado em 1847, nas margens do rio Ivaí a Colonia Thereza, assim denominada em honra de S. M. a Imperatriz (LLOYD, 1875, p. 12).

Lloyd também desenvolveu todo um projeto para o governo imperial visando a construção da estrada de ferro que ligasse Curitiba ao Mato Grosso, neste o inglês apontou as possíveis estações, todo o orçamento detalhado, os pontos de atenção e os pontos que favoreceriam a construção da ferrovia. A colônia Thereza Christina era tida como uma estação da ferrovia. Segundo o projeto do inglês a colônia fazia parte da primeira seção, que ligava Curitiba à colônia Thereza.

Na conclusão o inglês apontou que apesar de mais caro, seria preferível a construção de uma estrada de ferro na região, que serviria como uma linha de comunicação que desencadearia o desenvolvimento do império.

Além de seus trabalhos como engenheiro, o inglês realizou registros do Brasil através de pinturas. Segundo Fonseca (2019, p. 36) Lloyd “produziu mais de dez pinturas sobre as paisagens do Paraná”. Tais trabalhos circulam sem assinatura, o que dificultou a identificação da autoria, entretanto não apaga o fato de seus registros fazerem parte das primeiras representações do Paraná.

Dentre as pinturas realizadas, o inglês produziu uma em específico retratando a colônia Thereza, que pode ser vista na imagem 20 abaixo. Em suma, ele ilustra a colônia agrícola a partir da vista do Alto rio Ivaí. Na imagem podemos observar a representação dos colonos, dos animais, da vegetação e das casas. Há um enfoque na casa de dois andares, a qual foi moradia de Faivre e dos outros diretores da colônia que o sucederam. Tal retrato também pode ser visualizado no livro *Pintores das Paisagens Paranaenses (2005)*, realizado pela Secretaria de Estado da Cultura, que expõe uma série de pinturas e representações históricas do estado do Paraná.

Imagem 20 – Vista da Colônia Thereza



Fonte: Pintores das Paisagens Paranaense, Secretaria de Estado da Cultura: Solar do Rosário, 2005.

Depois que voltou para a Inglaterra, Lloyd publicou um livro em 1900, denominado *A Railway Pioneer: Notes by a Civil Engineer in Europe and America From 1838 to 1888*, em que o inglês expõe suas experiências de viagens pela França, Itália, Chile, Peru, Argentina, Brasil, Guatemala, México, Estados Unidos, Canadá e as Índias Ocidentais, entre os anos de 1838 à 1888.

Escreveu sobre sua experiência envolvendo a província do Paraná, com detalhes de toda sua travessia do porto de Antonina até Miranda no Mato Grosso. Em meio a este trecho narrou sua chegada na colônia Thereza Christina,

Mais algumas horas, e nossa trilha desceu para um pequeno riacho, além do qual entramos em uma clareira com algumas cabanas, que era a colônia de Teresina; e aqui, para nossa surpresa, fomos

colocados na posse de uma casa decente (LLOYD, 1900, p. 167, tradução nossa).⁹⁹

Sobre o empreendimento idealizado por Faivre, fez uma análise da colônia como uma tentativa de reestabelecer as missões jesuíticas que outrora tinham ocorrido naquela região, diferente de uma tentativa socialista.

A história deste povoado mais avançado do Brasil nesta direção é a seguinte. Um médico francês que tinha frequentado a família do Imperador ficou impressionado com a ideia de formar assentamentos neste rio, e de restabelecer as Missões Jesuíticas que existiam anteriormente no bairro do Paraná, e com a encorajamento do imperador que ele trouxe da França um grande número de imigrantes, e fez o seu caminho aqui depois de imensa labuta e dificuldade, e estabeleceu sua primeira colônia, que ele nomeou em homenagem à Imperatriz Tereza (LLOYD, 1900, p. 167, tradução nossa).¹⁰⁰

Depois, o engenheiro inglês ressaltou que o sonho de Faivre acabou naufragando, a debandada dos europeus culminou em dificuldades que só pioraram com a morte do idealizador.

Mas infelizmente! o esforço para povoar o deserto uivante foi um falha; foi abandonado por seus europeus, que se tornaram desanimados, e eles foram substituídos por “meio-índios nativos”. (...) Com a morte do pobre médico, terminou todas as suas esperanças e ambições, deixando para trás apenas esta casa infestada de cobras - construída por ele como residência — e uma sepultura na floresta. Desde então os colonos, com um solo maravilhosamente produtivo e um clima mais genial, não produziu nada. Eles nunca caçavam na floresta ou pescavam no rio; essas ocupações foram deixadas para os “selvagens” (LLOYD, 1900, p. 168, tradução nossa).¹⁰¹

⁹⁹ Traduzido de: *A few hours longer, and our track descended to a small stream, beyond which we entered a clearing with some huts, which was the colony of Teresina ; and here, to our surprise, we were put in possession of quite a decent house.*

¹⁰⁰ Traduzido de: *The story of this the most advanced settlement of Brazil in this direction is as follows. A French physician who had attended the Emperor's family became impressed Arith the idea of forming settlements on this river, and of re-establishing the Jesuit Missions that formerly existed in the neighbourhood of the Parana, and with the encouragement of the Emperor he brought from France a large number of immigrants, and made his way here after immense toil and difficulty, and established his first colony, which he named after the Empress Teresa.*

¹⁰¹ Traduzido de: *But alas ! the endeavour to people the howling wilderness was a failure ; he was deserted by his Europeans, who became disheartened, and they were replaced with half-Indian natives. (...) With the poor doctor's death, came to an end all his hopes and ambitions, leaving behind only this snake-infested house — built by him as a residence - and a grave in the forest. Since then the colonists, with a soil wonderfully productive and a climate most genial, produced nothing. They never hunted in the woods or fished in the river; these occupations were left to the savages, who were alone industrious.*

Segundo o relato aos poucos os nativos acabaram tomando conta dos arredores da colônia, não restando muitas coisas além da sepultura de Faivre e a boa casa onde eles estavam alojados, que também tinha sido moradia dos diretores da colônia. Esse relato, acaba por dar indícios do motivo do recorte realizado por Lloyd, em sua pintura sobre a colônia Thereza, a qual retrava a grande casa construída pelo diretor e utilizada como sua moradia, visível na imagem 20.

A representação de Lloyd corrobora com a realizada pelos irmãos Keller, de que a colônia agrícola estava em ruínas, sendo uma experiência fracassada. O engenheiro inglês teceu elogios a Faivre a seus feitos, expondo que a colônia só fracassou devido a debandada dos europeus e por conseguinte a ocupação de “meio – índios nativos”, referindo-se em vários momentos como “selvagens” e “preguiçosos”, tais representações revelam o caráter eurocêntrico e preconceituoso de Lloyd.

2.4.1.5 Thomas Bigg-Wither

O engenheiro inglês Thomas Plantagenet Bigg-Wither¹⁰² veio para o Brasil em 29 de maio de 1872, participou conjuntamente com outros engenheiros, como Willian Lloyd citado acima, da expedição intitulada “*Paraná and Mato Grosso Survey Expedition*”, solicitada pelo Barão de Mauá, visando a construção de uma estrada de ferro que ligasse as províncias do Paraná e Mato Grosso.

Findando o trabalho no Brasil, Bigg-Wither retornou à Inglaterra em 1875, lá produziu uma obra intitulada “*Pioneering in South Brazil, Three Years of forest and Prairie life in the Province of Paraná*”, publicada em Londres no ano de 1878, chegou ao Brasil apenas em 1974, com a tradução de Temistocles Linhares. A tradução “*Novo Caminho no Brasil Meridional: A Província do Paraná, três anos em suas florestas e campos*”, reúne as percepções do engenheiro inglês dos três anos que passou em terras brasileiras, dando ênfase a sua expedição na província do Paraná.

¹⁰² Nasceu em 1845 no castelo de Tangier Park. Engenheiro e escritor de formação naturalista, aos 26 anos embarca rumo ao Brasil. Durante três anos participa de expedições pelo interior do Paraná, retornando a Inglaterra em 1875. Bigg-Whither morre em 1890, aos 44 anos, em alto mar, quando retornava ao seu país natal depois de trabalhos feitos na Índia.

Dentre os espaços que o engenheiro analisou na província paranaense, a colônia Thereza Christina e os arredores da colônia tiveram grande destaque em dois anos da expedição.

As primeiras impressões do engenheiro inglês, destacaram que a “Colônia Teresa parecia, à primeira vista, lugar ideal para quem quisesse ficar entregue às próprias ruminções”. Continuando ele descreve “o que disseram, em diferentes ocasiões, acerca da pobreza e miséria de Colônia Teresa não foram exageros, aparentemente”, tais análises de um lugar abandonado rodeado pela miséria são acompanhados de mais argumentos. “Eu podia ver algumas casas de madeira, que não excediam a doze”, “entre o rio e a aldeia ficava um brejo que impressionava mal”, “alguns porcos magros e descarnados” (BIGG-WITHER, 1974, p.165 – 166).

Além das primeiras impressões negativas, o inglês também resumiu a história da colônia agrícola da mesma forma, como uma experiência melancólica e fracassada.

A história da Colônia Teresa era a melancólica e típica de muitas outras sertanejas desta parte do Brasil. Fundada em 1847 por um francês entusiasta, de nome Jean Maurice Faivre, sob os auspícios reais, ela foi chamada Teresa em homenagem a Imperatriz do Brasil. Depois de mandar buscar muitas famílias francesas e despender largas somas de dinheiro público e particular, o Dr. Faivre, segundo dizem, morreu de desgosto ao ver caírem por terra os seus esforços, sendo enterrado no palco de suas desilusões (BIGG-WITHER, 1974, p.166).

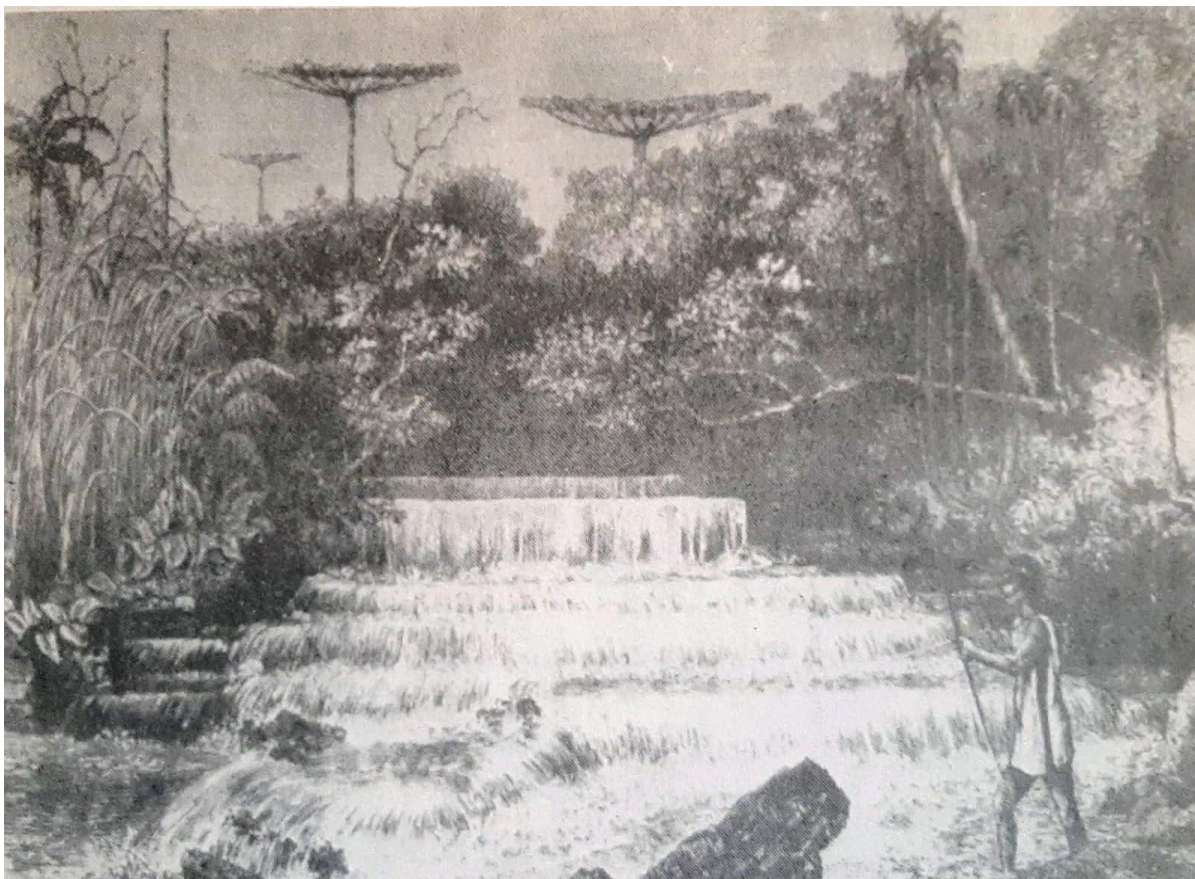
A colônia era dirigida naquele momento por Jocelyn Borba, apesar de pequena contava com 400 habitantes, sem mencionar os 40 indígenas que viviam próximos a aldeia, vistos pelo engenheiro inglês como mansos. Os visitantes da expedição foram alojados na “Casa-Grande”, assim como Lloyd, Bigg-Wither deu ênfase à casa que outrora tinha sido a habitação do fundador da colônia. “Comparada com as outras casas da colônia, era uma perfeita mansão, com andar superior e janelas com vidraças”, uma imagem que compactua com a pintura realizada por Lloyd analisada acima (BIGG-WITHER, 1974, p. 168).

Embora o solo fosse fértil e o clima propício para o cultivo, o inglês aponta que “a preguiça e a falta de iniciativa pareciam ser, realmente, o grande mal do povo da colônia, e isso era visível de todos os lados”. “Falando de um modo geral, pode-se dizer que a Colônia Teresa era muito pouco mais adiantada que a aldeia dos índios no lado oposto do rio”, continuou tecendo críticas ao ressaltar que para o

Estado a colônia foi mais do que infrutífera, pois desde a fundação custou enormes quantias em dinheiro. Entretanto em meio as críticas o engenheiro aponta que a culpa não era apenas do povo, pois a dificuldade de comunicação era uma grande barreira. Contudo “um ou dois homens, com pequeno capital e mais iniciativa, poderiam, creio, tornar Colônia Teresa comunidade vantajosa para o Estado” (BIGG-WITHER, 1974, p. 178).

Como naturalista fez uma descrição detalhada da fauna e da flora que rodeava a colônia agrícola, produzindo uma representação do rio Ivaizinho, local frequentado por indígenas para a caça e pesca. Tal ilustração pode ser observada na imagem 21, Cena do Ivaizinho: Índio pescando com arco e flecha, disponível abaixo. Acompanhado da ilustração o engenheiro descreve,

é um esboço colhido em um ponto de seu curso, não muito acima da Colônia Teresa, onde as montanhas tomaram o lugar da terra plana e rica de florestas e os saltos a prumo as suaves cascatas pitorescas. A cascata particular nela representada era o retiro preferido dos índios de Colônia Teresa, freqüentando com o objetivo de fazer pescarias com arco. As flechas usadas eram de extraordinário comprimento – sete pés, geralmente – todas feitas de bambu muito leve, com exceção da ponta, feita de um pedaço de pau d’arco de cerca de dez polegadas de comprimento, pontiagudo e farpado, de modo que, quando um peixe era atingido e furado de lado a lado, a tendência da flecha era ficar em cima d’água, sendo ele assim seguido mais facilmente, e, por fim, apanhado sem dificuldade (BIGG-WITHER, 1974, p.350).

Imagem 21 – Cena do Ivaizinho: Índio pescando com arco e flecha

Fonte: Novo Caminho no Brasil Meridional: A Província do Paraná, Thomas P. Bigg-Wither, 1974, p. 349.

Cabe ressaltar que dentre os objetivos da expedição, estava a verificação da navegabilidade do rio Ivaí. Visando cumprir essa tarefa Bigg-Wither foi conhecer o famoso Salto Ubá, representado por Gustavo Rumbelsperger na aquarela da imagem 17, disponível acima. Na aquarela o sucessor de Faivre representou o Salto como grande, quando comparamos o tamanho deste com as pessoas que aparecem na imagem, esse tamanho fica maior ainda, o que corrobora com relatos apresentados por Bigg-Wither,

a exploração deste salto provocava em mim desusada curiosidade, pelo fato de ter sido esse lugar até então considerado pelos camaradas como o verdadeiro fim do mundo, além do qual existia uma região desconhecida e estranha, onde nenhum homem de perfeito juízo, sonhara poder penetrar (BIGG-WITHER, 1974, p. 270).

Percebemos que os relatos sobre o salto eram de um local perigoso, temido por muitos, visto como o fim do mundo. Com a ajuda do caçador Hipólito, o inglês foi até o Salto.

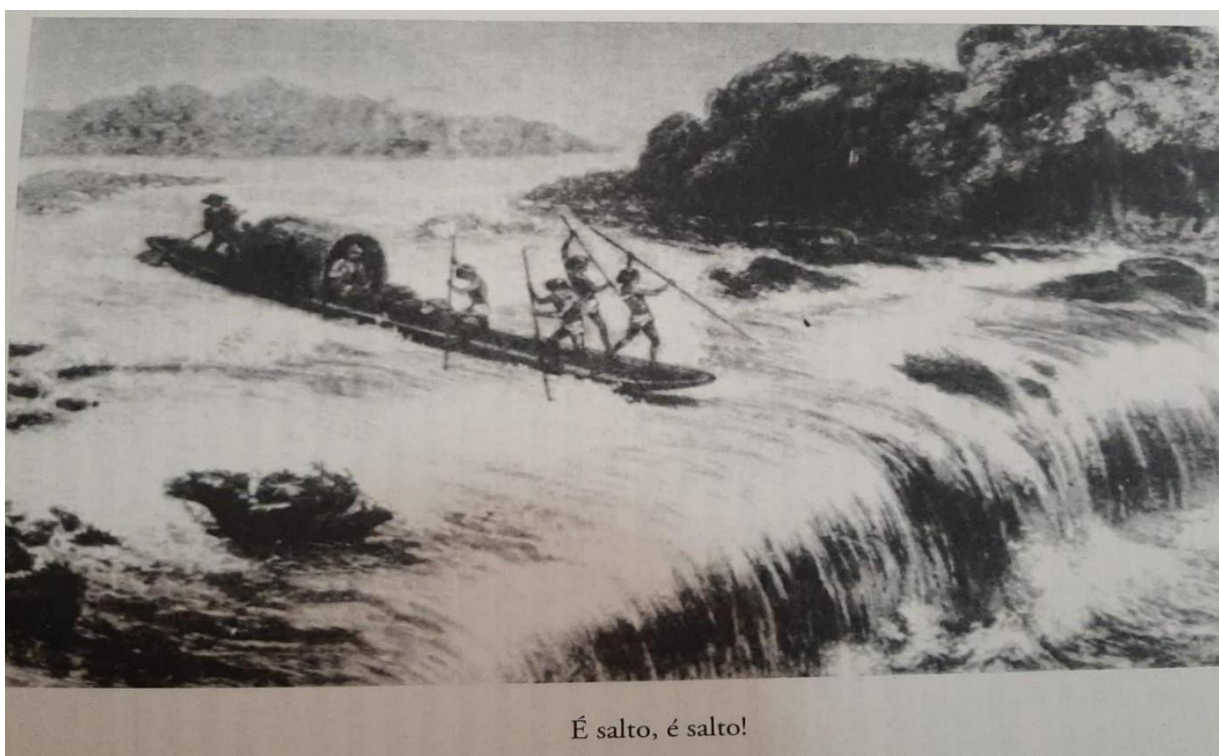
A partir desta experiência ressaltou que o volume de água do salto que iriam adentrar era de 16 pés numa distância de um quarto de milhas. “No papel não parecia nada alarmante. Talvez não tenha mesmo sido assim, pois na ocasião a água do rio estava baixa e o volume de água que formava a catarata comparativamente pequeno” (BIGG-WITHER, 1974, p. 275).

Apesar de ressaltar uma imagem de um salto bem menor do que representou Rumbelsperger, o inglês não descartou os perigos do Salto Ubá, “a longa inclinação do leito do rio, de águas encachoeiradas, é ainda mais extensa e mais agitada”, “alguma tática diferente do que estávamos habituadas a seguir tinha de ser adotada” (BIGG-WITHER, 1974, p. 275).

O inglês produziu uma representação desta travessia do Salto Ubá, que pode ser observada abaixo na imagem 22. A ilustração corrobora com os relatos do inglês no que tange à travessia:

Com varas ou varejões bem caídos para frente e derreando sobre eles o peso do corpo, a fim de evitar que perdêssemos o controle da canoa na correnteza forte, entramos vagarosamente no topo da catarata, espantando grande número de lontras que se aqueciam no sol, sobre as rochas (BIGG-WITHER, 1974, p. 275).

Imagem 22 – Travessia do Salto Ubá



Fonte: Novo Caminho no Brasil Meridional: A Província do Paraná, Thomas P. Bigg-Wither, 1974, p. 271.

Segundo Bigg-Whiter (1974, p. 276), “depois do Salto o rio se alargava novamente, aparecendo ilhotas cobertas de um junco alto e gracioso chamado de Ubá, que deu nome à cachoeira”.

Nesta análise, o engenheiro desmistifica rumores de que aquele local era o fim do mundo, descreveu ainda detalhadamente todas as belezas naturais que envolviam essa travessia. Bigg-Wither (1974, p. 307) relatou: “fiquei no Salto Ubá dez dias e foi este tempo mais agradável que vivi em todos os três aos que passei no Brasil”.

Em síntese, é notório que o engenheiro inglês faz importantes descrições acerca da fauna e flora da província do Paraná, além de descrever a organização político cultural das tribos indígenas e a situação de colônias. Percebemos que o relato de Bigg-Wither é semelhante às críticas apresentadas pelos irmãos Keller e por William Lloyd para a colônia Thereza Christina. Contudo, com mais ênfase e detalhes, rompendo com uma imagem criada na Europa no período das políticas de imigração, que apresentavam o Brasil e a província do Paraná como um lugar próspero, fértil, faltando apenas os conhecimentos e os exemplos dos europeus para o sucesso, como representou Elliott.

Muita gente fala e escreve sobre o Brasil como país de um só clima oferecendo ao imigrante ou colonizador uma só espécie de existência. Só a província do Paraná comporta três divisões de clima e de vidas bem definidas (BIGG-WITHER, 1974, p. 237).

O engenheiro inglês nesta citação apresenta três climas diferentes, as regiões quentes e insalubres do litoral, as regiões altas dos campos e as regiões rodeadas de florestas, contrariando a ideia criada de um clima único e fértil. Tal análise busca ser mais realista da conjuntura brasileira e da situação da província do Paraná, entretanto também revela muito de si nos seus escritos, tendo como parâmetro a cultura europeia.

Analisando o relato de Bigg-Wither, Chiaretto (2017, 32) aponta que, “esse esforço dele, como escritor, de tentar relacionar sempre que possível o que vê durante sua viagem com o que é conhecido na Inglaterra e em outros lugares”. De acordo com Magda Sarat (2001, p. 42), no século XIX “o viajante se posiciona como o civilizado, olhando para um povo atrasado, especialmente em momentos que exigem o enfrentamento de dificuldades”.

A Inglaterra foi o berço da revolução Industrial, quando analisamos que o relato de Bigg-Wither é um olhar carregado de uma bagagem pessoal, devemos compreender as suas representações como análises capitalistas. Segundo Schmidt (2010, p. 4), “as representações por ele construídas demonstram um contato entre dois mundos diferentes. O relato é construído a partir de uma hierarquização entre tais mundos, a qual subordina o Brasil, e não apenas o Paraná, à Inglaterra”.

Rudvaldt (2016, p. 35) ressalta que o inglês “é um representante típico do período Vitoriano: o mundo natural é apreendido enquanto recurso explorável, a indústria é considerada a peça chave para a evolução de uma nação”.

Cabe mencionar ainda o aspecto racializado do relato, à medida que inferioriza em vários momentos a cultura indígena, tratada como “selvagem”, imbuído de uma ideia urbano industrial de progresso o engenheiro ‘produz uma representação eurocêntrica e etnocêntrica.

As análises feitas sobre a partir das representações dos relatos e das pinturas dos viajantes não foram mais densas, pois nosso objetivo neste trabalho foi buscar uma correlação entre tais representações e o conceito de socialismo atribuído a colônia agrícola.

2.4.2 Romances históricos

Tais trabalhos realizados pelos viajantes, serviram de base para a construção das primeiras representações não só da colônia agrícola Thereza Christina, mas também do estado do Paraná. Observamos que estas primeiras representações enobrecem a imagem de Faivre, mesmo com o fracasso da colônia, lembrando que tal fracasso é associado à imagem de um progresso industrial e econômico. Neste sentido as primeiras pesquisas com vínculos institucionais foram muito influenciadas por estes trabalhos citados.

Dentre estes trabalhos, destacam-se os já mencionados ao decorrer do primeiro capítulo: sínteses biográficas realizadas por Joaquim Antunes Almeida (1934) e Lourival Ribeiro (1990), publicadas na revista Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB, instituição com a qual o próprio Faivre tinha vínculos. Além disso, destacam-se trabalhos publicados em revistas médicas, cujo conteúdo enobrece a trajetória de Faivre, como os trabalhos de Alfredo Nascimento (1937) e

Loureiro Fernandes (1945) que também possuem formação médica e vinculação ao IHGB.

Segundo Schwarcz (1993, p.100) as biografias realizadas pelos Institutos Históricos e Geográficos à época visavam glorificar seus próprios membros, “como sistema de classificação, balcões de nobilitações para a consagração dos sócios”. Neste sentido, “tratava-se de recriar o passado, solidificar mitos de fundação, ordenar fatos buscando a homogeneidade e eventos até então dispersos”, sistematizando em uma história oficial.

O IHGB funcionou como mecanismo de memorialização e consagração da imagem de diversos personagens, dentre eles Faivre, tratado como um herói nacional. Tais trabalhos são exemplos das biografias heroicas, que produzem padrões de comportamentos e modelos de conduta com objetivo de transmitir os valores dominantes às gerações futuras. Segundo Guérios (2021, p. 10) a biografia de Faivre escrita por Loureiro Fernandes, “nos coloca, assim, em contato com o modo como Loureiro compreendia o engajamento pessoal e moral de um intelectual, relacionando-o à necessidade de ação em prol do *progresso* de sua comunidade”.

Nesta linha de raciocínio percebemos que Fernandes partilhava de uma noção de intelectual associada à construção da nação, portador de uma identidade nacional e um viés ligado às leis da evolução histórica.

Tais trabalhos com grande vinculação ao IHGB, incorporados através de técnicas e escolas de artes como o Neoclassicismo, o Romantismo, o Realismo e o Impressionismo, desencadearam uma gama de publicações paranistas.¹⁰³ Autores interligados ao Movimento Paranista descreveram um Paraná idealizado e progressista. Nas palavras de Romário Martins:

Paranista é simbolicamente aquele que em terra do Paraná lavrou um campo, vadeou uma floresta, lançou uma ponte, construiu uma máquina, dirigiu uma fábrica, compôs uma estrofe, pintou um quadro, esculpiu uma estátua, redigiu uma lei liberal, praticou a bondade, iluminou um cérebro, evitou uma injustiça, educou um sentimento, reformou um perverso, escreveu um livro, plantou uma árvore (MARTINS, 1948, p. 38).

Martins, idealizador do movimento paranista, foi considerado um dos mais influentes intelectuais e artistas paranaenses. Ao longo de sua trajetória empenhou-

¹⁰³ Foi uma proposta estética regional, concebida para valorizar a identidade paranaense por meio de elementos que simbolizassem a singularidade do Paraná nas artes, durante os anos de 1920 e 1930.

se na divulgação da história e folclore do Estado do Paraná, sendo visto como grande intelectual, influenciou muitos livros cujo recorte é a história do Paraná.

Apesar de ter sido um movimento organizado no período de 1920 à 1930, reproduzia as bases de pensamentos do final do século XIX, ligadas à modernização e ao desenvolvimento. A República teve grande papel neste sentido, houve a necessidade de apresentar o país rumo à industrialização, além de criar uma identidade nacional, constituindo imagens de heróis nacionais com intuito de produzir um certo orgulho e o sentimento de pertença.

Contudo não podemos fazer uma análise meramente estruturalista, ligada às questões econômicas, mas sim levar em conta toda a produção cultural do movimento que tinha por base o imigrante europeu. Após formar essa identidade paranistas, houve a preocupação com o presente e a manutenção destas ideias visando o futuro. Deste modo o movimento enaltecia todas as belezas geográficas e demográficas do Paraná, criando símbolos e rituais no imaginário popular, tais como monumentos, obras de arte e festas, produções que são realizadas até hoje, cem anos depois.

Alguns trabalhos que estudam o paranismo na contemporaneidade, utilizam a denominação de neoparanismo, para a retomada de força que o movimento ganhou a partir de 1950. Na historiografia diversos trabalhos destacam-se por influências paranista, como a obra *Um Brasil Diferente (1955)* de Wilson Martins. Segundo Pereira (1996 p. 97) “Os paranistas vão elaborar um discurso histórico marcado pelas influências positivistas e historicistas. Uma história marcada por grandes heróis e pela ligação mecânica entre passado e presente”.

Deste modo os paranistas ou neoparanistas lutam para criarem tradições do Paraná, uma história de glórias do Estado, considerada hoje como história oficial. Utilizando documentos oficiais para tirar suas informações, sem uma devida crítica e problematização, acabam por produzir uma história em que as minorias, como os povos indígenas e africanos são colocados como “inferiores” num processo etnocêntrico em que o europeu é tido como “agente civilizador”.

A historiadora Pesavento problematiza a literatura como uma importante fonte histórica, pois

as representações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se

internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão (PESAVENTO, 2003, p. 41).

Neste sentido, o objetivo é desnaturalizar a literatura, para compreender suas representações. Segundo os historiadores Sidney Chalhoub e Leonardo Affonso de Miranda Pereira,

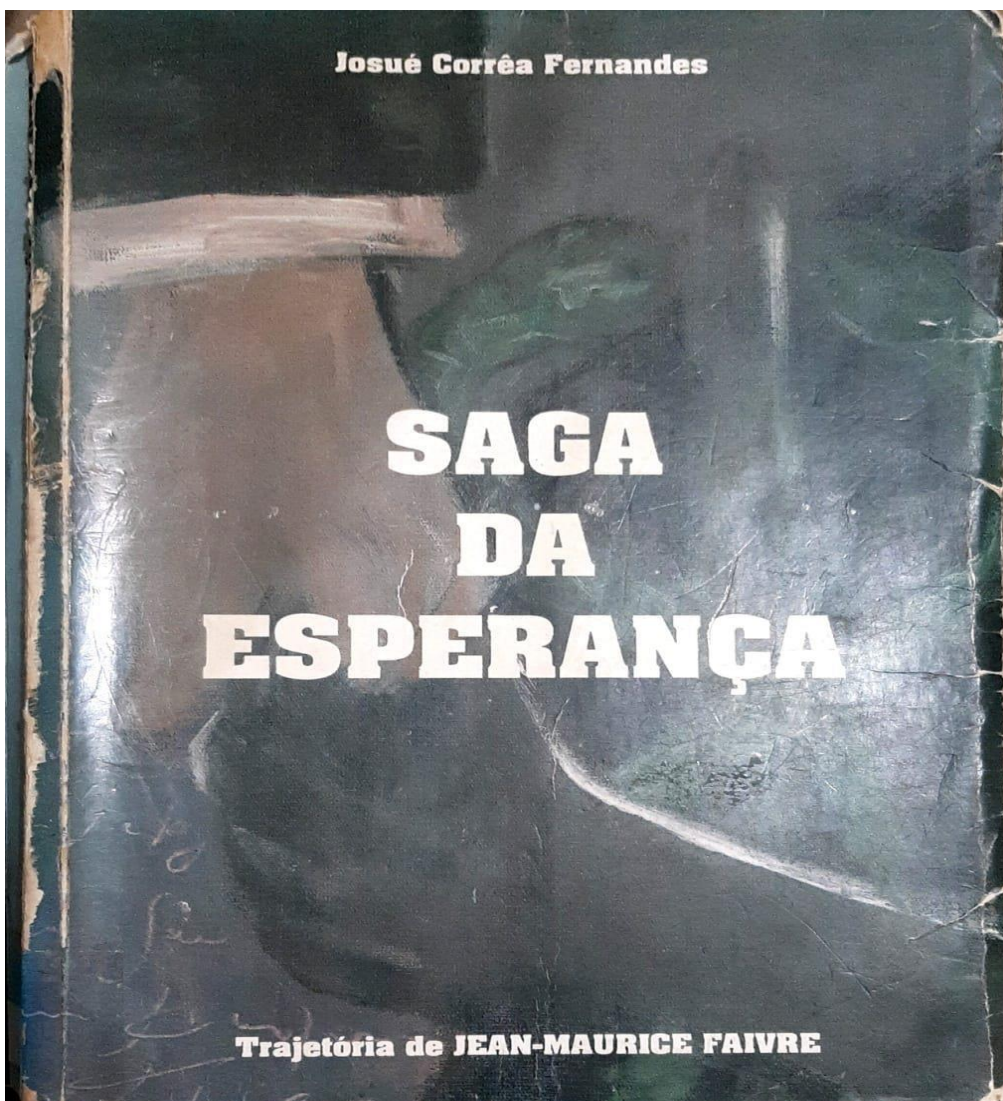
a proposta é historicizar a obra literária –seja ela conto, crônica, poesia ou romance -, inseri-la no movimento da sociedade, investigar as suas redes de interlocução social, destrinchar não a sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social–algo que faz mesmo ao negar fazê-lo (CHALHOUB E PEREIRA, 1998, p. 7).

Compreendendo o contexto das publicações paranistas e a literatura como fonte histórica, cabe historicizar as publicações que englobam a colônia agrícola Thereza Christina a fim de compreender suas respectivas representações. Tais obras são: *Saga da Esperança Trajetória de Jean-Maurice Faivre* (1996) e *Saga da Esperança Socialismo Utópico à Beira do Ivaí* (2006) do advogado Josué Corrêa Fernandes; *A Utópica Tereseville* (2016) do escritor André Jorge Catalan Casagrande; e *Retrato no Entardecer de Agosto* (2016) do jornalista Luiz Manfredini.

2.4.2.1 Saga da Esperança Trajetória de Jean Maurice Faivre

O primeiro livro dedicado a representar a trajetória de Faivre e a história da colônia agrícola Thereza Christina é intitulado *Saga da Esperança Trajetória de Jean Maurice Faivre*, publicado em 1996, pelo advogado e escritor Josué Corrêa Fernandes. Uma obra de 425 páginas, nela consta uma relação entre a biografia de Jean Maurice Faivre e a história da colônia Thereza Christina, acompanhada de gravuras e também fotos documentais, contudo tal obra é de difícil acesso, pois está fora de mercado, à medida que houve a republicação desta obra 10 anos depois, sendo comercializada hoje apenas a sua 2ª edição.

Na imagem 23 a seguir podemos observar a capa do livro em questão, publicado pela editora Gráfica Planeta de Ponta Grossa – PR. A ilustração da capa foi realizada por Maria Carolina F. Schlumberger, qual elucida o toque entre duas mãos distintas, possivelmente uma ilustração simbólica entre Faivre e os colonos/colônia.

Imagem 23 – Livro Saga da Esperança

Fonte: Livro Saga da Esperança: Trajetória de Jean-Maurice Faivre (1996). Foto do autor (2022)

O autor é graduado em Direito pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, foi subprocurador do Estado do Paraná e secretário de assuntos jurídicos da Prefeitura de Ponta Grossa. Fora do campo jurídico desenvolveu obras literárias, sendo autor de *História de Sangue e Luz* (1999); *Das colinas do Pitangui* (2003); *O Alfanje e o Centeio: Crônicas da Imigração Eslava* (2006); e *Ponta Grossa História Mínima* (2017).

Fernandes foi um dos fundadores da *Academia de Letras dos Campos Gerais* – *ALCG*.¹⁰⁴ Esta instituição fundada em 1999, na cidade de Ponta Grossa, tem como

¹⁰⁴ Segundo o site de virtual da Academia de Letras dos Campos Gerais, ela “foi fundada no dia 20 de março de 1999, na cidade de Ponta Grossa, Paraná, com a finalidade do cultivo, da preservação e da divulgação do vernáculo e da literatura, nos seus aspectos científico, histórico, literário e artístico. A Academia promove iniciativas na região dos Campos Gerais do Paraná, bem como participa de ações

objetivo a preservação e divulgação do vernáculo e da literatura nos aspectos científicos, históricos, literários e artísticos. Fernandes ocupou diversos cargos na academia, sendo inclusive presidente na gestão 2001-2003, neste período realizou em 20 de setembro de 2001, a inauguração da biblioteca da ALCG, que desde então também é a sede da Academia. A biblioteca foi batizada de Paranista Eno Teodoro Wanke,¹⁰⁵ em homenagem a um dos fundadores da ALCG, que faleceu em maio de 2001. Wanke também é considerado um expoente da literatura paranista.

Atualmente Fernandes é assessor dos estudos históricos na Academia e também é membro do *Instituto Histórico e Geográfico do Paraná – IHGPR*.¹⁰⁶ O Instituto foi fundado em maio de 1900, sendo um centro cultural de arquivos localizado em Curitiba, com objetivo de promover a intelectualidade paranaense. Tal instituição tem fortes vínculos com o movimento Paranista. Segundo Rosevics (2009, p. 8) “os documentos do Instituto foram produzidos ou coletados pelos mesmos intelectuais que desenvolveram o movimento paranista, demonstrando a relação intrínseca entre o Instituto, seus objetivos e o movimento”.

Compreendendo os espaços de sociabilidades de Fernandes, com fortes vínculos ao movimento paranista, percebemos essas influências no seu trabalho que trata da colônia agrícola Thereza Christina. Logo na introdução, Fernandes (1996, p. 19) escreveu: “mas ousou, agora pedir vênias a pessoas como David Carneiro, um dos maiores paranistas, intelectual que sempre insistiu em que se desvendasse a vida de Faivre, para trazer as informações que recolhi ao longo dos anos”.

O autor também tem vínculos pessoais com Thereza Christina, foi vereador e prefeito do município de Prudentópolis, que faz divisa com o hoje distrito de Tereza Cristina. Além disso, seus trisavós, Felisbino José da Roza e Maria Fortunata de Santa Anna, teriam vivido com Faivre no empreendimento colonizatório.

A obra realiza uma representação de toda a trajetória de Jean Maurice Faivre e a história da colônia Thereza Christina, o número de fontes utilizada ao decorrer

promovidas por outras entidades cujo interesse seja o desenvolvimento cultural do Paraná”.

Disponível

em

<https://www.academialetrascamposgerais.org/#:~:text=A%20Academia%20de%20Letras%20dos,%20C%20hist%C3%B3rico%20e%20liter%C3%A1rio%20e%20art%C3%ADstico.>, acesso em 24 de set de 2022.

¹⁰⁵ Foi um engenheiro e poeta brasileiro. Formou-se em engenharia civil na Universidade Federal do Paraná.

¹⁰⁶ O IHGPR ou IHGPR é um instituto cultural, arquivístico e científico localizado em Curitiba, capital do estado do Paraná, que tem como função a promoção da intelectualidade paranaense. Ele é fundado em contexto semelhante ao do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e dos outros institutos históricos e geográficos.

do escrito impressiona. Contudo ao historicizar a obra, compreendemos que a narrativa acompanha o viés paranista, que idealiza o progresso e apresenta a província do Paraná como um espaço sem preconceitos, no caminho da civilização por meio da colônia agrícola sob direção de Jean Maurice Faivre, visto como uma grande personalidade humanística.

Faivre foi um halo de permanente luz em meio ao egoísmo e à desesperança. A saga de sua vida, põe em relevo o homem merecedor da gratidão e do respeito daqueles que lhe vêm fruindo a obra humanística e civilizatória, mostrando, ao mesmo tempo, o antídoto contra a indiferença e o exclusivismo, na titânica empreitada a que todos se lançam, buscando o bem-estar e a verdadeira felicidade. Exemplo de trabalho e de fé, de retidão e de amor, Faivre é patrimônio alienável do Brasil e glória definitiva da Terra das Araucárias. Abençoado seja! (FERNANDES, 1996, p. 419).

Todavia, apesar de ser vinculado como uma personalidade humanística, não é associado a uma doutrina socialista, a não ser o prefácio escrito por Rubem David Azulay, que aponta Faivre como médico, educador, sociólogo e socialista, este último sendo atribuído pela premissa do francês não fazer distinção entre os homens, com a civilização dos indígenas sem passar pela escravidão.

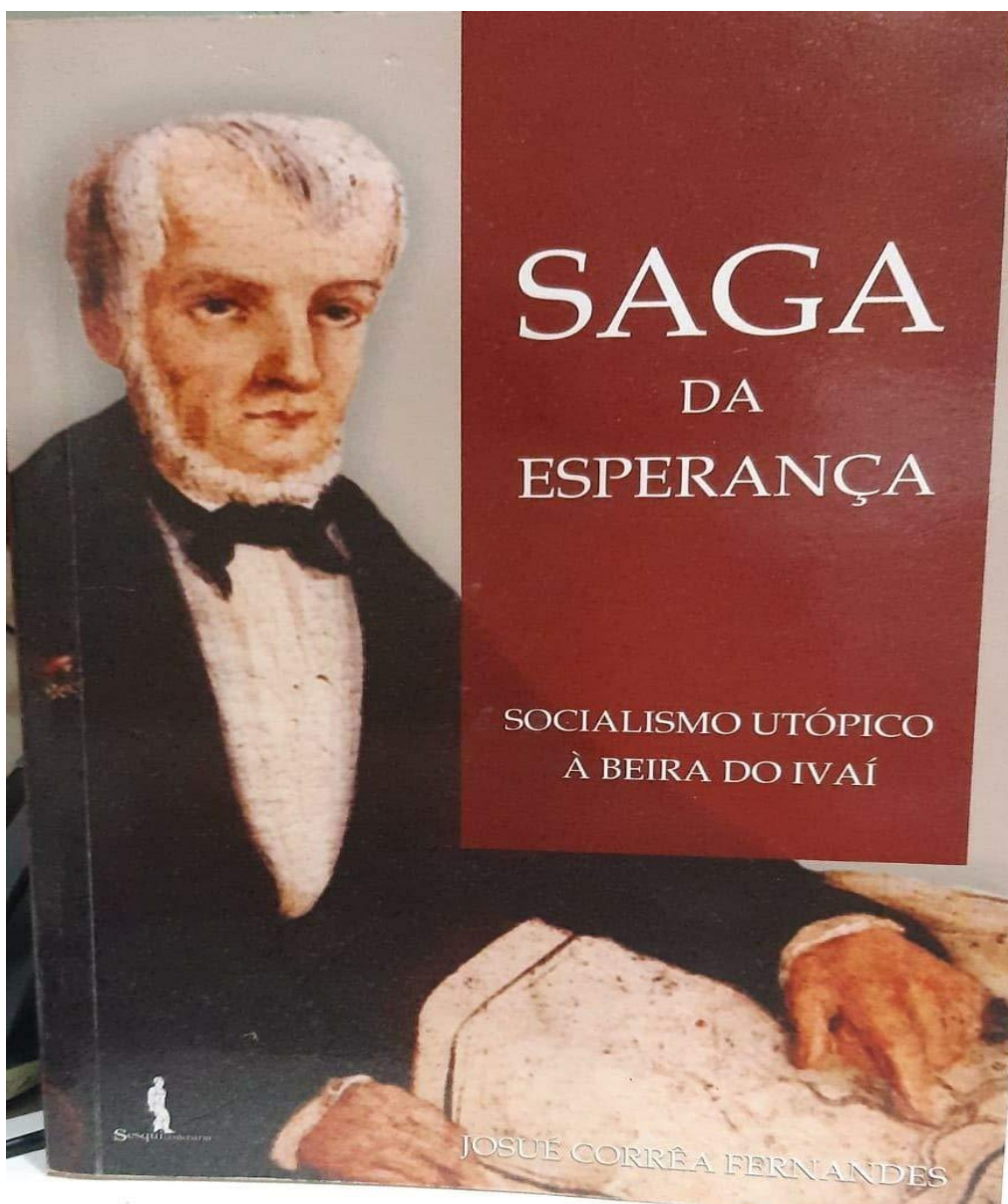
2.4.2.2 Saga da Esperança Socialismo Utópico à Beira do Ivaí

Fernandes (1996), não atribui especificamente a relação de Faivre com a doutrina socialista, considerando a fundação da colônia como sendo mais próxima à uma experiência idealista, como apresentou Thomas Morus na obra *Utopia* de 1516. Entretanto o escritor republica a obra em 2006, depois de quase 10 anos, com um novo título: *Saga da Esperança Socialismo Utópico à Beira do Ivaí*.

Nesta nova obra de 256 páginas, são realizadas novas análises, onde se fazem presentes notas de roda pé, referências documentais e diversas fotos. Tal obra foi publicada pela Imprensa oficial do Paraná, com prefácio escrito pelo vice-governador do Estado Orlando Pessuti. Este livro também é de difícil acesso, podemos encontrar alguns volumes sendo comercializados em cebs online por um custo médio de 90 reais.

Na imagem 24, podemos observar a capa do livro em questão, realizada por Lígia Maria Moreira, a capa traz a pintura realizada por John Henry Elliot, como já destacada anteriormente um retrato memorialístico de Faivre.

Imagem 24 – Livro Saga da Esperança



Fonte: Saga da Esperança: Socialismo Utópico à Beira do Ivaí. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Saga-Esperanca-Socialismo-Utopico-Beira/dp/8588190575>. Acesso em 24 de set de 2022.

Percebemos que o nome do livro muda, considerando o empreendimento como uma experiência socialista utópica, tal categorização é acompanhada de uma justificativa nas notas à segunda edição.

Aprendemos, porém, no correr das pesquisas que nunca pararam, que Faivre, sem se ligar especificamente a esta ou aquela doutrina, comungava dos princípios gerais que norteavam o chamado socialismo utópico, tão em voga na primeira metade do século XIX (FERNANDES, 2006).

O socialismo utópico é uma atribuição criada pelos filósofos Karl Marx e Friedrich Engels, que consideravam idealistas os pensadores do cooperativismo como Saint Simon, Robert Owen e Charles Fourier, por isso a atribuição de utópicos.

Já ressaltamos o surgimento do cooperativismo neste trabalho, sendo um contraponto às transformações econômicas da sociedade em paralelo às consequências do capitalismo. Pensando na situação que vivia a classe trabalhadora em detrimento da classe burguesa, estes intelectuais começaram a se preocupar com uma readaptação da estrutura social, baseada na cooperação e na equidade social, focando nas condições da classe trabalhadora, seja ela rural ou industrial.

Contudo as vias pensadas por esses teóricos não produziam sérias mudanças na sociedade, o que respaldava as críticas. Marx e Engels apontaram que os socialistas utópicos não levam em conta as estruturas do sistema capitalista, não produzindo mudanças concretas. Como contraponto os autores apresentam a teoria do socialismo científico, que diferente dos caracterizados como utópicos e idealistas, visavam transcender os problemas que desencadeavam os conflitos históricos entre burgueses e proletários. Nesse sentido ao examinar essa categorização idealista, devemos lembrar que não foi cunhada por Owen, Simon e Fourier, mas sim por seus “adversários ideológicos”.

Segundo Fernandes (2006, p. 101), “Faivre dizia que o dinheiro era o inimigo número um da felicidade humana e que esta somente seria conquistada quando se criasse um sodalício igualitário, sem escalas sociais criadas pelos bens da fortuna”. Tal posicionamento do médico francês é descrito pelo autor como uma vinculação aos ideais do cristianismo primitivo que antecedeu o socialismo utópico e do cooperativismo francês. Entretanto Fernandes (2006, p. 102) ressalta que “da breve síntese dos pensamentos desses que também foram chamados socialistas associacionistas, constata-se que Faivre, na verdade, não se perfilhou a nenhuma das respectivas doutrinas, procurando segui-las ao pé da letra”.

Apesar de não estar vinculado efetivamente com as ideias socialistas, o autor justifica a categorização com partes das ideias de Fourier e Owen, teóricos do socialismo utópico.

De Charles Fourier, Faivre adotou a ideia do retorno da agricultura, do trabalho comedido e espontâneo; da reunião de famílias em locais mais ou menos assemelhados aos falanstérios, onde avulta a ideia de associação e cooperação, ignorados os excessos dos tais costumes fanerogâmicos (...) as ideias de Faivre encontram ressonância no sistema cooperativista de Robert Owen, socialista utópico inglês que defendia o fim da propriedade privada, com a criação de uma sociedade comunista, auto-gerida, onde a educação, saúde e assistência social seriam organizadas de forma comunitária (FERNANDES, 2006, p. 103).

Em resumo percebemos que a primeira vez que a representação, mais substancial de socialismo empregada à colônia agrícola Thereza Christina, advém de Fernandes (2006), que por conseguinte serviu de parâmetro para muitos escritos entre artigos, matérias jornalísticas e até outros romances históricos.

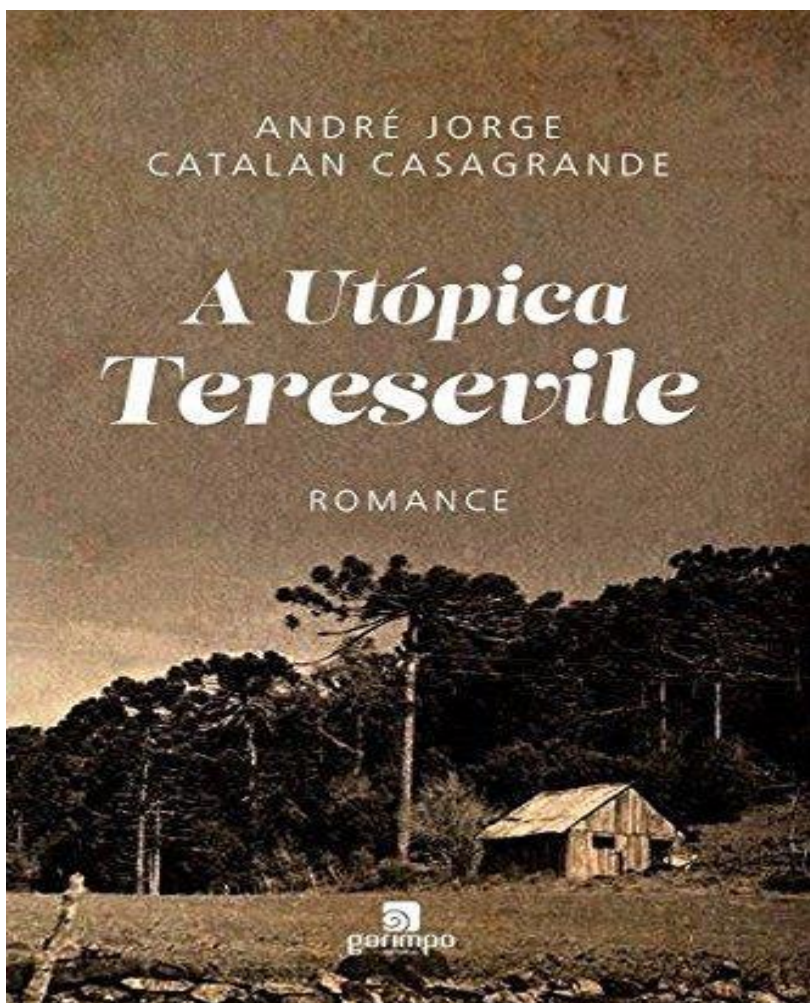
2.4.2.3 A Utópica Tereseville

A obra intitulada como *A Utópica Tereseville*, desenvolvida pelo escritor paranaense André Jorge Catalan Casagrande,¹⁰⁷ tem por base a história da colônia agrícola Thereza Christina, entrelaçando esse contexto histórico do século XIX, com a ficção de uma relação amorosa entre um escravo forro e uma jovem francesa.

O livro publicado pela editora Garimpo literário, em 2006, possui 118 páginas, sendo dividido em 22 seções, possui influência do escrito de Josué Corrêa Fernandes, atestada no prefácio da obra escrito pelo próprio autor. A obra é encontrada à venda por um custo médio de 50 reais. Na imagem 25 a seguir podemos observar a capa do livro desenvolvida por César de Oliveira, qual ilustra uma paisagem rural rodeada do pinheiro araucária, árvore símbolo do Paraná.

¹⁰⁷ Doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2019), mestre em Ciências da Religião (2011) pela mesma instituição, especialista em História das Religiões pela Universidade Estadual de Maringá (2008) e especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Gama Filho (2009). Possui graduação em Letras Português/Inglês e literaturas correspondentes pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jandaia do Sul, FAFIJAN (2005) e graduação em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Sul, SPS (2002), com validação pela Faculdade Teológica Sul Americana (2017).

Imagem 25 – Livro A Utópica Teresevile



Fonte: Livro A Utópica Teresevile. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Ut%C3%B3pica-Teresevile-Andr%C3%A9-Catalan-Casagrande/dp/8562877603>. Acesso em 24 de set de 2022.

Casagrande é teólogo, mestre em Ciências da Religião e doutor em Letras, culminou sua trajetória em estudos voltados para a área de teologia e literatura, além do livro analisado neste subtítulo é autor de *Jesus na Ótica Literária* (2011); *Uma Outra Herança Reformada: reflexões a partir de Sébastien Castellion* (2017); e *Sansão na Ótica da Literatura* (2021).

Em síntese, a obra elucida um romance proibido entre um escravo forro chamado de Raimundo e uma jovem francesa Alice, personagem que era professora na colônia agrícola Thereza Christina. A proibição advinha do pai de Alice, o francês Joseph. No enredo Raimundo havia sido alforriado por Faivre, que escolheu viver em um quilombo próximo à colônia, após confusões com o pai de Alice. O casal encontrava-se escondido, tendo Joseph surpreendido os dois nestes encontros secretos, como não conseguiu separa-los o pai de Alice teria amaldiçoado a relação.

Após estas dissidências, a jovem francesa casou-se e foi morar com Raimundo no quilombo próximo à colônia. O romance traz elementos de sentimentos racistas por parte dos integrantes da colônia em não aceitarem o escravo forro, e de magoas nutridas com Alice dentro do quilombo, visto que sua pele branca acarretava lembranças sofridas pelos negros quando eram escravizados. Na narrativa tais situações constrangedoras sofridas por Alice fizeram Raimundo pular de uma pedra alta, suicidando-se.

Após a morte de Raimundo, Alice descobre estar grávida, nesse momento já vivia na colônia agrícola novamente. Quando entrou em trabalho de parto, Faivre diretor da colônia e também médico, estava em uma viagem pelos arredores da colônia, quando chegou percebeu que a criança estava virada, tendo que optar por apenas uma vida, deste modo realizou o aborto da jovem criança.

O romance histórico que ressalta essa história de amor com um desfecho trágico, aborda no final a passagens de líderes religiosos pela colônia, tendo estes confortado o coração de Alice e explicado que a colônia era muito parecida com o sistema da igreja primitiva apresentada nos Atos dos Apóstolos, um sistema de vida pautado da solidariedade e pela generosidade, frutos do amor.

Não sendo um texto cronológico, Casagrande ressalta em meio a narrativa do romance diversos elementos históricos, tais como: a relação de Faivre com a ainda criança Pedro, filho de Dom Pedro I, expondo sob os olhos do jovem as falas de Faivre sobre seu empreendimento e as teorias do filósofo francês Charles Fourier; o apoio financeiro do império para a fundação da colônia agrícola Thereza Christina; a morte da filha e esposa de Faivre; a experiência de Faivre na província de Goiás, estudando os valores medicinais das águas termais; o contexto histórico do processo de abolição da escravatura; “recrutamento” e a vinda dos imigrantes franceses; e a morte de Faivre.

Elementos que foram explorados ao decorrer desta dissertação, entretanto esses fatos se misturam à narrativa romanesca, essas formas ficcionais que narram a história produzem a construção de uma narrativa envolvente e palatável ao leitor.

Naquele fim de tarde, ela se entregou a Raimundo Despiu-se, revelando seu corpo de menina recém-crescida, o ventre claro como o sol a pino no deserto, precipitando-se numa macega ruiva, bem aparada, escondendo um oásis ainda intocado onde Raimundo haveria de dessedentar-se. Aquela imagem mais se assemelhava a

uma miragem. Desejou-a mais do que nunca. E, enfim, conheceram-se bíblicamente (CASAGRANDE, 2016, p.71).

O trecho acima elucida o momento no qual Raimundo e Alice tiveram sua primeira relação sexual, entretanto é nítido que a escrita envolvente se utiliza da forma poética para narrar a cena.

O historiador Hayden White problematiza as ficções da representação factual na obra *Trópicos do Discurso*, ressaltando que tais produções não são menos importantes do que as produzidas pelos historiadores, sendo importante compreender seus espaços de representação.

O romancista pode apresentar sua noção de realidade de maneira indireta, isto é, mediante a técnicas figurativas, em vez de fazê-lo diretamente, ou seja, registrando uma série de proposições que supostamente devem corresponder detalhe com detalhe a algum domínio extra textual, de ocorrência ou acontecimentos, como o historiador afirma fazer. Mas a imagem assim construída pelo romancista pretende corresponder, em seu esquema geral, a algum domínio da experiência humana que não é menos “real” do que o referido pelo historiador (WHITE, 1994, p. 138).

O livro analisado configura-se como um importante elemento de resgate histórico da colônia Thereza Christina, principalmente por elucidar o viés antiescravagista da colônia em um país que tinha a escravidão institucionalizada. Cabe ressaltar que a obra também influenciada por Fernandes (2006), reforça um discurso que vai se institucionalizando na contemporaneidade.

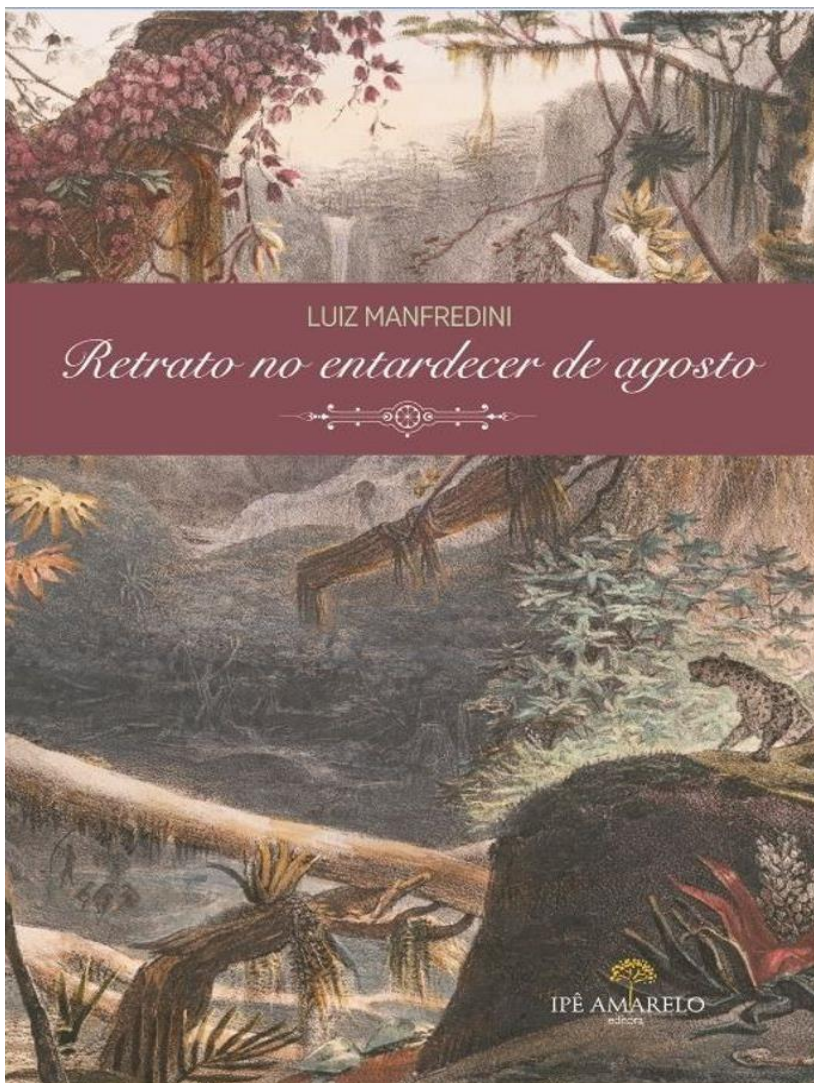
2.4.2.4 Retrato no Entardecer de Agosto

O romance intitulado “*Retrato no Entardecer de Agosto*”, escrito pelo jornalista Luiz Manfredini, publicado em 2016, é um trabalho que traz por base a biografia de Faivre e a história da colônia agrícola Thereza Christina. Como o próprio autor menciona, um trabalho que pulou de gênero em gênero, começando como uma reportagem, depois biografia, um ensaio e por fim um romance histórico.

Publicado pela editora Ipê Amarelo, a obra pode ser facilmente encontrada nas Livrarias Curitiba por um valor médio de 35 reais. Na imagem 26 a seguir podemos observar a capa do livro que ilustra uma pintura de Jean-Baptiste Debret,

intitulada *Valle da Serra do Mar*, disponível no acervo da biblioteca pública de Nova York.

Imagem 26 – Livro Retrato no Entardecer de Agosto



Fonte: Retrato no Entardecer de Agosto. Disponível em: <https://www.livrariascuritiba.com.br/retrato-no-entardecer-de-agosto-aut-paranaense-lv405604/p>. Acesso em 24 de set de 2022.

O *Retrato no Entardecer de Agosto* tem em suas 140 páginas diversas influências de outro romance histórico analisado acima, *Saga da Esperança: Trajetória de Jean-Maurice Faivre* (1996), o próprio autor cita a influência (2016, p.134), “vali-me também, entre outras fontes bibliográficas, da minuciosa biografia do Dr. Faivre (Saga da Esperança)”.

Luiz Manfredini é escritor e jornalista de Curitiba, trabalhou nos jornais *O Estado de São Paulo*, *Jornal do Brasil*, e na revista *ISTOÉ*, trabalha como colunista do Portal Vermelho e membro do Conselho Editorial da revista *Princípios*, editada

em São Paulo. Também é autor dos romances históricos “*As Moças de Minas*” (1989) e “*Memória de Neblina*” (2011); e da biografia “*Pulsão pela escrita*” (2020) do jornalista e escritor paranaense Wilson Bueno.

Em uma estratégia literária o autor apresenta o resgate histórico da trajetória de Jean Maurice Faivre, a partir do último mês de vida do francês, mais especificamente os dois últimos dias de vida, o qual tem relação direta ao título da obra, *Retrato do Entardecer de Agosto*.

No livro destaca-se a figura ficcional de Simão Sabrosa, um pesquisador que realizou os estudos sobre a trajetória do médico francês, através destes estudos a narrativa do romance é criada, revivendo as lembranças de Jean Maurice Faivre em conversas com o criado e amigo Balthazar e o visitante inglês Thomas Fox Eagleton. Entre estas lembranças e memórias podemos destacar: a vinda de Faivre para o Brasil em 1826, dirigindo-se ao Rio de Janeiro; a fundação da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro em 1829; a relação de Faivre com a maçonaria; a visita do cartógrafo inglês John Henry Elliot à colônia agrícola; os anos de trabalho médico no Hospital Militar da Corte, no Rio de Janeiro; a relação com os indígenas Coroados que viviam próximos a colônia Thereza; o “recrutamento” dos franceses e a travessia pelo oceano Atlântico; a travessia em terra firme até as margens do rio Ivaí; a influência de Charles Fourier na idealização dos moldes de colonização.

Tais escritores usufruem de uma liberdade poética própria de seu campo, através de seus estudos fazem interferências com seus personagens ficcionais e utilizam uma narrativa descritiva, buscando apresentar cada detalhe, criando o imaginário de uma cena sem as explicações dos limites que ocorrem entre a história e as interferências do autor.

Cabe-se ressaltar que as interferências que costuram a história também são realizadas pelos historiadores, entretanto o que diferencia as abordagens é no modo de expressar as interpretações. Cabe ao historiador tornar plausível suas interpretações, ou seja, através das referências o autor aponta ao leitor indícios e possibilidades, não afirmando, mas problematizando e criando possibilidades.

Nesta perspectiva o escritor projeta em seus personagens seus pensamentos, fantasias, sentimentos e aspirações. O historiador de ofício não pode afirmar, mas sim criar hipóteses, haja vista o compromisso com os sujeitos históricos, o historiador até pode forçar a imaginação do leitor, desde que sempre explicitada,

pois ele não usufrui da liberdade poética que outros escritores possuem, retornando a importância de compreender as representações dos discursos históricos.

Tendo em vista a categorização de socialista utópico, atribuída a Faivre, devemos refletir que os conceitos sociais ligados a uma palavra são sempre mais do que a palavra. O próprio Fernandes (2006) encontra dificuldades em categorizar Faivre em uma corrente do cooperativismo francês. Seria correta essa categorização? Para a história a categorização seria anacrônica, visto que os conceitos são dotados de sentidos, ao generalizar a experiência em apenas uma vertente ideológica, desconsideramos todas as outras influências que o indivíduo perpassa em sua vida.

As representações nos romances históricos apresentados, tem por base os romances históricos de Fernandes (1996) e Fernandes (2006), com fortes influências do movimento paranista e grupos institucionais fomentados pelos Estado, tais como o IHGB, IHGPR e a ALCG, que nutrem e fomentam a história desenvolvida pelos paranistas, compreendidos como intelectuais regionais.

O conceito Intelectual Regional advém de discussões realizadas no Núcleo de História Intelectual, do Programa de Pós Graduação em História – PPGH da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG. Um indivíduo que através de sua atividade desencadeou transformações políticas, econômicas e sociais em uma região, nesse sentido o regionalismo extrapola as dimensões meramente geográficas, os elementos simbólicos culturais são componentes que constituem a definição de região. Os historiadores Chaves e Karvat ressaltam aproximações entre campos de estudo de História Intelectual e História regional,

Neste sentido, ressalve-se, interessa-nos, sim, a própria constituição (fomentada via um processo de invenção de tradição) dessa noção (local, regional) e sua legitimidade (ou uso consensual, em dada época e espaço) – instauração e uso que passa pela produção intelectual, de indivíduos e/ou círculos intelectuais. Neste sentido, se (re)conhecer tais indivíduos e/ou círculos – e seus discursos – passa por uma possível história de intelectuais, a problematização em torno dessa invenção de tradição/tradições, seus usos, controles e instauração/institucionalização, diz respeito, prioritariamente, às possibilidades daquilo que estamos entendendo – e nomeando – de História Intelectual (CHAVES e KARVAT, 2013, p. 5).

As produções predominantes nos estudos biográficos e de trajetórias são construções de heróis nacionais, uma perspectiva que aborda o intelectual tradicional letrado. Entretanto, constantes debates no campo historiográfico buscam

problematizar tal prática. Falar de um intelectual regional não é colocá-lo em um espaço de inferioridade, ou ignorância, mas apresenta-lo em um espaço de complexibilidade histórica, política e cultural que o cerca.

Deste modo as representações de Thereza Christina, através dos romances históricos possibilitam a compreensão dos autores e dos espaços em que estão inseridos, que por sua vez dão sentido as suas representações.

CONCLUSÃO

Percebemos que o gênero biográfico sofreu diversas mudanças ao decorrer da história, entretanto a grande maioria dos trabalhos reproduziu o mesmo padrão, tendo como objeto de estudo a vida de grandes homens, personalidades públicas, cujas trajetórias foram enaltecidas como um exemplo a ser seguido. Nesta ótica, observamos que muitos trabalhos que tiveram como foco a trajetória de Jean Maurice Faivre, reproduziram uma imagem filantrópica do francês, como uma personalidade extremamente humanística, sendo um grande exemplo para a história do Brasil.

Contudo ao resgatarmos sua trajetória, com o viés metodológico da vida cotidiana, percebemos que Faivre é uma personalidade multifacetada, dotada de complexibilidade. Suas faces de filho, pai, intelectual e colonizador são dotadas de continuidades e rupturas, como muitas outras trajetórias. Ao esmiuçar o processo de socialização do francês e sua relação com as redes de sociabilidades, percebemos que suas ideias, pensamentos e ações estão interligadas as suas experiências de vida.

Como vimos Faivre nasceu em 21 de setembro de 1795, na Combe Raillard, pertencente à Comuna de Saint Maurice, Departamento de Jura, França. Local que contava com um solo montanhoso, com terras pouco agricultáveis, o que necessitava ações comunitárias e cooperativas para amenizar os problemas desencadeados pela terra infértil. Apesar das origens de Faivre não serem determinantes para suas ações, elas constituem as bases do ideário do indivíduo.

Em seu trabalho de conclusão de curso em Medicina, o francês ressaltou esses problemas de infertilidade do solo, a pobreza e a saída destas adversidades por meio da colaboração mútua. Tendo como foco a área da saúde, ressaltou problemas do serviço médico que vivenciou em Saint Maurice, embasando a importância de uma casa de saúde em cada cantão da França, o que acarretaria em progresso e desenvolvimento. Deste modo seu trabalho problematizou não apenas a medicina, mas também a economia, a política e a sociedade.

Estudando na Faculté de Médecine de Paris, sob a influência da Reforma de Cabanis, observamos a aproximação de Faivre com o viés de médico romântico, caracterizando a necessidade de tratar duas doenças, a do corpo e a do espírito. Desde seu trabalho de conclusão de curso, percebemos em diversos momentos que

ele considera o egoísmo e o individualismo como doenças que precisavam ser tratadas.

No Brasil o médico francês, conjuntamente com outros médicos que tinham influências francesas em suas formações acadêmicas, idealizaram e fundaram em 1929 a Sociedade de Medicina no Rio de Janeiro, com objetivo de promover o debate e a disseminação de pesquisas e conhecimentos da área médica. Tal instituição posteriormente, em 1835, tornou-se a Academia Imperial de Medicina, em 1889, Academia Nacional de Medicina, qual é atuante até os dias atuais. Cabe ressaltar que a formação deste núcleo de sociabilidade médica teve suas bases nos princípios da medicina francesa, inspirado na Real Academia de Medicina da França, formada em 1820.

Sua face de intelectual conta com diversas influências das redes de sociabilidade francesa. Contudo, como o ser humano não é composto apenas por elementos lógicos e contínuos, percebemos discontinuidades em sua face de intelectual ao abandonar os círculos médicos e todas as benesses da corte para iniciar um novo projeto, idealizar e fundar uma colônia agrícola às margens do rio Ivaí, na quinta Comarca da Província de São Paulo.

A historiografia tende a categorizar a colônia agrícola Thereza Christina, fundada em 1847, como socialista utópica e cooperativista, sendo a primeira experiência do cooperativismo no Brasil. Tal análise foi reproduzida superficialmente tantas vezes em diversos trabalhos jornalísticos e até acadêmicos, que acabou consolidando-se em uma verdade.

Seria Faivre um socialista então? Percebemos no estudo de sua trajetória que ele foi uma personalidade altruísta e humanitária, seria isso o socialismo? Os conceitos não são neutros, acompanham sentidos e interesses políticos envolvidos. Vivemos em uma época polarizada, “coxinhas”,¹⁰⁸ “mortadelas”¹⁰⁹ e outros conceitos generalizantes são aplicados a seres humanos demasiadamente. Entretanto pessoas não se limitam a um conceito genérico, são dotadas de complexibilidade e subjetividade.

¹⁰⁸ Estereótipo utilizado para se referir a uma pessoa certinha, no campo político passou a ser empregado para os conservadores.

¹⁰⁹ Estereótipo utilizado para se referir as pessoas pobres, no campo político passou a ser empregado a grupos revolucionários, visto que pão com mortadela é um alimento oferecido recorrentemente nas manifestações.

A possível resposta para esta pergunta encontra-se na própria trajetória de Faivre, nas instituições sociais e nos espaços de sociabilidade que fizeram parte de seu processo de socialização.

A idealização de uma colônia agrícola em um lugar pouco explorado, às margens do rio Ivaí com um relevo montanhoso, esteve associada ao cooperativismo ou as suas origens montanhosas, com sustento familiar originado da agricultura em Saint Maurice? Os moldes de uma vida comunitária seriam uma influência filosófica do socialismo ou uma reprodução do sistema comunitário que tinha vivenciado em Saint Maurice?

O fato de proibir o trabalho escravo na colônia 41 anos antes da abolição da escravatura no Brasil é decorrente do socialismo ou dos interesses internos da política imperial brasileira, a qual enfrentava pressão inglesa para cessar o tráfico negreiro em 1850?

No documento que trata da idealização da colônia agrícola Faivre expressou sua percepção sobre o falanstério de Charles Fourier, sendo as experiências com filiação a esta ideologia encorajadoras. Deste modo poderíamos pensar que Faivre seguiu sua idealização tendo como base o falanstério, todavia o próprio Faivre expõe que uma associação ao cooperativismo de Fourier no Brasil não seriam bem sucedidas. A exemplo disto o francês citou a experiência da colônia do Saí, fundada em Santa Catarina em 1841, como uma reprodução do falanstério, tendo sido fracassada. Faivre percebe que a teoria de Fourier é uma teoria futurista. Neste sentido seria errado filiar a colônia Thereza Christina ao falanstério de Fourier.

O trabalho no Brasil do século XIX era constituído, em maior parte, de mão de obra escrava, nesse sentido qual o interesse do império em criar todas as bases e fornecer suporte a um empreendimento caracterizado na atualidade como socialista? Percebemos neste trabalho que a colônia Thereza Christina não ocorreu isoladamente, mas fazia parte de um conjunto de medidas vinculadas a política de imigração do império.

Com a forte pressão inglesa para cessar o fim do tráfico negreiro e a abolição do trabalho escravo, o império visou como solução a vinda de imigrantes europeus, realizando uma propaganda exagerada e até enganosa na Europa com objetivo de atrair mão de obra, conhecimentos técnicos e capital financeiro para o Brasil. Faivre incluiu-se a estes propagandistas quando expôs sua idealização pela França,

elucidando o Brasil como um paraíso, com terras férteis que eram muito produtivas, um lugar próspero que apenas carecia de exemplos europeus para prosperar.

Outras colônias foram fundadas neste mesmo período: Rio Negro (1829) e Superaguy (1852), que assim como a colônia Thereza estavam ligadas aos interesses do império, ocupar uma região que era povoada por indígenas, fortalecer fronteiras e atrair imigrantes europeus. Com uma relação direta aos interesses da política de imigração imperial, a colônia Thereza não era uma experiência isolada. Foi inclusive associada à experiência da fazenda Ibicaba do Senador Vergueiro, com mão de obra livre e repartição de lucros.

Tais pontos ressaltados se reforçam ainda mais quando analisamos o transcorrer da colônia agrícola de 1847 até 1858, por meio de cartas e relatórios dos presidentes de província, à medida que percebemos a fundação da colônia e investimentos do império para manutenção atrelados ao interesse da exploração do rio Ivaí, para que por conseguinte pudessem escoar a produção da província do Paraná ao Paraguai e à província do Mato Grosso.

A colônia localizada no centro da província paranaense era vista como estratégica. Inicialmente ela era tida como a mais promissora colônia da província do Paraná, pelos bons resultados e boas colheitas nos primeiros anos. Contudo com a debandada dos imigrantes, a distância das vilas de Ponta Grossa e Guarapuava foram elementos que dificultaram o desenvolvimento da colônia, que cada vez precisava de mais investimento do império para manter-se. Tal conjuntura só piorou depois da morte de seu diretor e fundador, sendo representada posteriormente como uma experiência fracassada.

Apesar dos vários questionamentos apresentados, das várias incoerências que estão interligadas ao conceito socialista utópico empregado a Faivre e à colônia Thereza, percebemos que essa categorização persiste. Analisamos todas as representações realizadas, desde pinturas, relatos de viajantes e os trabalhos escritos.

As representações dos viajantes Gustavo Rumbelsperger, os irmãos Keller, John Henry Elliot, William Lloyd e Thomas Bigg-Wither produziram por meio de pinturas e relatos a imagem da colônia Thereza como um lugar com uma flora e fauna muito rica, uma terra próspera para a agricultura, que tinha abundância em minério e ferro. Também há diversos elogios a imagem do idealizador e diretor da colônia, contudo realizam a representação de um lugar que fracassou, restando

apenas ruínas de um projeto. Outro ponto que cabe mencionar é o aspecto racializado e eurocêntrico dos viajantes, a medida que representam a cultura indígena e os indígenas que viviam próximos a colônia como “selvagens”, “incivilizados”, faltando a presença de europeus para que o local pudesse prosperar.

Tais representações nos dão um panorama de como a colônia começou a ser elucidada, contudo observando os romances históricos, constatamos que a representação socialista está associada ao romance histórico *Saga da Esperança: Socialismo Utópico à Beira do Ivaí*, escrito por Josué Corrêa Fernandes, o qual associou a colônia às ideias de Charles Fourier e Robert Owen.

A partir da problematização entre história e literatura, percebemos que tal representação diz mais sobre Fernandes do que propriamente sobre Faivre e a colônia Thereza. O autor possui fortes vínculos institucionais ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB, ao Instituto Histórico e Geográfico Paranaense – IHGPR e à Academia de Letras dos Campos Gerais – ALCG, instituições que reforçam uma história oficial, sendo o IHGPR e a ALCG com associação direta ao movimento paranista. O escrito de Fernandes apresentou Faivre como um herói nacional e elucidou a colônia Thereza como sendo parte de uma história progressista do Paraná, sem preconceitos e escravidão, servindo assim de exemplo para o país.

Em virtude destas relações diretas do autor com estas instituições e grupos intelectuais que acabam por reforçar tradições e produções de sentidos oficiais, podemos aproximá-lo do que vem sendo chamado de Intelectual Regional.

Quando iniciei esse trabalho estava imbuído de uma imagem heroica de Faivre, enquanto uma personalidade humanitária, que doou sua vida em prol de uma pátria melhor, visto que é essa a imagem que predomina em quase todos os trabalhos que citam o francês. Contudo ser historiador é pesquisar a fundo visando compreender os eventos históricos desprendido de amores e desafetos, assim foi possível compreender que Faivre é um indivíduo multifacetado dotado de complexibilidade, sendo suas ações alinhadas com suas experiências de vida ao decorrer de seu processo de socialização e vínculos estabelecidos com núcleos de sociabilidade.

As descontinuidades na trajetória de Faivre nos levam a perceber que a imagem heroica e filantrópica é um tanto quanto ufanista, à medida que Faivre tinha sob posse escravos que vendeu juntamente com seus bens, aplicava multas para os

colonos que não seguiam as regras impostas, além é claro dos próprios interesses relacionados com as produções de sentidos que destacamos com a análise de representações. Todavia isso não apaga seu importante papel na colonização da província do Paraná e os diversos esforços empenhados para a colônia prosperar.

Cabe ressaltar que a verdade não é absoluta, este trabalho visa problematizar a história de Faivre e à colônia Thereza Christina, tida como já consolidada no que diz respeito à categorização socialista, contribuindo para pensar as continuidades e descontinuidades na trajetória de Faivre e as relações estabelecidas no seu processo de socialização e núcleos de sociabilidade.

O local onde foi fundada a colônia Thereza Christina é hoje o distrito Tereza Cristina, o qual segundo o censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia – IBGE, tem uma população de 1.737 habitantes. O distrito pertence ao município de Cândido de Abreu – PR, ficando a uma distância de 50,4 quilômetros da zona urbana, tal distância faz com que os habitantes façam suas compras e supram suas necessidades no município de Reserva – PR, que fica a 48,8 quilômetros. A realidade rural do distrito acompanhada de muita pobreza e dificuldade, o descaso político econômico e social de Tereza Cristina são evidenciados pelo seu esquecimento, diretamente interligada com a história do Paraná e o início da própria história do município de Cândido de Abreu, pouco se produziu e se problematizou acerca desta história, sendo o romance histórico Saga da Esperança: Socialismo Utópico à Beira do Ivaí o principal trabalho, que influencia na percepção da memória dos munícipes e dos próprios habitantes do distrito Tereza Cristina.

Espero que esse trabalho seja um ponto de partida para novas questões, indagações e problematizações acerca da história de Jean Maurice Faivre e à colônia agrícola Thereza Christina.

REFERÊNCIAS

- ACADÉMIE NATIONALE DE MÉDECINE. **Missions et statuts**. Disponível em: <<https://www.academie-medecine.fr/missions-et-statuts/missions/>>. Acesso em: 10 de nov. de 2021.
- ALMEIDA-FILHO, Naomar. **A Reforma Cabanis como pauta da idéologie**: faculdades imperiais em vez de universidades góticas. In: Revista Lusófona de Educação, vol. 42, n. 42, p. 27 – 43, 2018.
- ANDREAZZA, Maria Luiza; NADALIN, Sérgio Odilon. **O cenário da colonização no Brasil Meridional e a família imigrante**. Revista Brasileira de Estudos de População. Campinas: ABEP, v.11, n.1, 1994.
- ANDRIOLI, Antônio. **Trabalho Coletivo e Educação**. Rio Grande do Sul: Editora Unijui, 2007.
- ARAUJO, Heráclito César de Souza. **História da Lepra no Brasil**: período colonial e monárquico (1500 – 1889), v. 1, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.
- ARBIGAU, Leonardo. **Centenário da Colonização Alemã Rio Negro – Mafra (1829 – 1929)**. Curitiba: editora Oliveiro, 1929.
- ARENDE, Hannah. **Sobre a Revolução**. trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- ARIÈS, Philippe. **História social da infância e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.
- ARRIADA, Eduardo. **AS REFORMAS NAPOLEÔNICAS E A LEI DO 11 FLOREAL ANO 10 (1º DE MAIO DE 1802)**. In: Revista Histórica da Educação, vol. 16, n. 37, p. 189 – 196, 2012.
- AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco**: o negro no imaginário das elites — século XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- BARROS, José D'Assunção. **Os Falanstérios e a crítica da sociedade industrial**: revisitando Charles Fourier. In: Mediações, Londrina: v. 16, n. 1, p. 239-255, Jan./Jun. 2011.
- BARTHES, Roland. **Sade, Fourier, Loyola**. Translated by Richard Miller. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1989.
- BARTHELMESS, Arthur. **Dr. Faivre: ópera relâmpago em 2 Atos**. Curitiba: Edição do Autor, 2008.
- BARTHELMESS, Arthur. **Ivay: saga e lenda, vida e lida**. Curitiba: Editora Kingraf, 1993.
- BELOTO, Divonzir Lopes. **A criação da Província do Paraná**: a emancipação conservadora. Dissertação (Mestrado em Economia). Departamento de Economia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1990.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A sociedade como realidade**. In: A construção social da realidade tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 24ª edição, Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

BLOCH, Marc; BLOCH, Étienne. Crítica histórica e crítica do testemunho. In: **História e Historiadores**: textos reunidos por Etienne. Lisboa: Editora Teorema, 1998.

BORN, Claudia. **Gênero, Trajetória de Vida e Biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos**. Revista eletrônica Sociologias, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: nº 3, p. 240 – 265, jan./jun. 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BOUX, Dominique Marie Phillippe Geneviève. **A França no século XIX: História, Literatura e Arte**. Uma contribuição para os estudos em literatura comparada no Brasil. In: Revista A PALO SECO, Escritos em Filosofia e Literatura, Universidade Federal do Sergipe – UFS, nº 2, 2010.

CARVALHO, Joaquim de. **Esboço de uma história da educação**. Disponível em: <<http://www.joaquimdecarvalho.org/artigos/artigo/190-I.-As-Universidades.-Significado-e-modalidade-das-origens>>. Acesso em: 11 out. 2021.

CARVALHO, José Luiz de. **TERRA À VISTA: A OBRA DO VIAJANTE-ARTISTA JOHN HENRY ELLIOTT E A FORMAÇÃO DA PROVÍNCIA DO PARANÁ NO SEGUNDO REINADO**. 2018. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, 2018. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/58640?show=full>>. Acesso em: 10 out. 2021.

CASA GRANDE, André Jorge Catalan. **A Utópica Teresevile**. São Paulo: Editora Garimpo, 2016.

CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (org.) **A história contada**: capítulos de História social da Literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural** – entre práticas e representações, Lisboa: DIFEL, 2002.

CHAVES, Niltonci Batista. KARVAT, Erivan Cassiano. **Intelectuais, Discursos e Instituições**: as relações entre a História Intelectual (e/ou de Intelectuais) e a História Local (reflexões sobre possibilidades de pesquisa) In: VI Congresso Internacional de História. Maringá, 2013, Maringá. Anais do VI Congresso Internacional de História. Maringá: UEM, 2013. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/482_trabalho.pdf>. Acesso em 11 out. 2021.

CHIARETTO, Marcelo Henrique. **O olhar civilizador europeu em terras paranaenses no século XIX: o relato de viagem de Thomas P. Bigg-Wither.** 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

CONRAD, Robert. **Tumbeiros: o tráfico escravista para o Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

CORRÊA, Amélia Siegel. **IMPrensa E POLÍTICA NO PARANÁ:** Prosopografia dos redatores e pensamento republicano no final do século XIX. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/6053/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20Am%c3%a9lia%20Corr%c3%aaa.pdf?sequence=2&isAllowed=y>>. Acesso em 15 jun. 2020.

COSMACINI, Giorgio. **O médico.** In: FURET, François, (org). O homem romântico. Tradução Miguel Serras Pereira, Lisboa: Ed. Presença, 1999.

DAVATZ, Thomas. **Memórias de um colono de Brasil (1850).** São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1980.

DESTEFANI, Edilaine Valéria. **Regime Hidrológico do Rio Ivaí – PR.** 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Maringá – UEM. Maringá, 2005. Disponível em: <<http://www.pge.uem.br/documentos-para-publicacao/dissertacoes-1/dissertacoes-2005-pdfs/EdilaineValeria.pdf>>. Acesso em 15 jun. 2020.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida.** Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

DYSARZ, Caiubi Martins. **De Ibicaba a Superagui: aproximações entre a imigração dedicada à grande lavoura e a colonização havida no Paraná.** Ponta Grossa, 2018. Revista de História Regional, Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, v. 23, n.1, p. 169-191, 2018. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/10631>>. Acesso em: 20 out. 2020.

DYSARZ, Caiubi Martins. **Superagui: uma colônia do Paraná Provincial que deitou raízes na experiência da lavoura paulista.** In: XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, jul. 2011. Disponível em: <https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300641319_ARQUIVO_Superagui_SimpósioHistoria.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2021.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia.** Tradução Stephania Matousek. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

ENGELS, Frederich. **Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra.** Tradução Bernhardt A. Schumann. São Paulo: Boitempo, 2010.

FERNANDES, Josué Corrêa. **Saga da esperança: socialismo utópico à beira do Ivaí.** Curitiba: Imprensa Oficial, 2006.

FERNANDES, Josué Corrêa. **Saga da esperança**: trajetória de Jean-Maurice Faivre. Ponta Grossa: Editora Planeta, 1996.

FERNANDES, Tânia Maria. **Vacina antivariólica**: visões da Academia de Medicina no Brasil Imperial. Revista História, Ciências, Saúde Manguinhos, vol. 11, suplemento 1, p. 141-63, 2004.

FILHO, Alcides Goularti. **A Estrada da Mata e a Integração Regional pelo Interior do Brasil Meridional**. Revista TEC textos de economia, Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, Santa Catarina, v. 15, n. 2, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/economia/article/view/2175-8085.2012v15n2p111>>. Acesso em 12 de mar. 2020.

FONSECA, Barbara. **Paranismo, neo-paranismo e as mídias sociais**: um estudo dos símbolos paranaenses na gestão Greca a partir do Facebook (2016 – 2021). Revista Temática Temáticas, Campinas, São Paulo, v. 29, n. 58, p. 192–222, 2021. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/15616>>. Acesso em 21 jul. 2022.

FONSECA, Poliana Teixeira da. **Ruínas de São Francisco: paisagens de resistência**. 2019. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, 2019. Disponível em: <<https://siga.ufpr.br/siga/visitante/trabalhoConclusaoWS?idpessoal=58111&idprograma=40001016035P1&anobase=2019&idtc=1386>>. Acesso em: 18 nov. 2021.

FURET, François, (org). **O homem romântico**. Tradução Miguel Serras Pereira. Lisboa: Editora Presença, 1999.

GALLO, Ivone Cecília d'Avila. **“A aurora do socialismo: fourierismo e o Falanstério do Saí (1839- 1850)”**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2002. Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/226475>>. Acesso em 21 out. 2021.

GENTIL, Carlos Perret. **A Colonia Senador Vergueiro – Considerações**. Santos: Typographia Imparcial de F. M. R. de Almeida, 1851.

GIDE, Charles; LAVERGNE, Bernard. **Revue des études coopératives**. Paris: Institut Français de la Cooperation, 1980.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Tradução Maria Célia Santos Raposo. 10ª edição, Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

GOMES, Saúl Antônio. **Hagiografia, arte e cultura no Outono da Idade Média**. In: Revista Diálogos Mediterrânicos, n. 6, p. 29 – 55, Jun. 2014.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere Antonio Gramsci**: introdução ao estudo da filosofia. Vol. 1, edição e tradução de Carlos N. Coutinho. Co-edição de Luiz S. Henriques e Marco A. Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GUÉRIOS, Paulo. **Antropologia, Ciência, Engajamento: José Loureiro Fernandes e os sentidos da atividade intelectual**. Revista Brasileira de Ciências Sociais - vol. 36 n. 107, 2021.

GÜTTLER, Antonio Carlos. **A Colonização do Saí (1842-1844): esperança de falansterianos, expectativa de um governo**. 1994. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/112089/99058.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 21 out. 2021.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. tradução Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 11ª edição, São Paulo: Editora Paz e Terra, 2016.

HOBBSAWM, Eric. **A Era das Revoluções: 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

IOTTI, Luiza Horn. **Imigração e Colonização**. Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, v. 3, n. 5, p. 175–208, 2003. Disponível em: <https://www.tjrs.jus.br/export/poder_judiciario/historia/memorial_do_poder_judiciario/memorial_judiciario_gaucha/revista_justica_e_historia/issn_1676-5834/v3n5/doc/07-Luiza_Iotti.pdf>. Acesso em: 15 jun. de 2022.

KEULLER, Adriana Tavares do Amaral Martins. **Os estudos físicos de Antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro: cientistas, objetos, ideias e instrumentos (1876-1939)**. 2008. Tese (Doutorado em História Social) Universidade de São Paulo, curso de pós-graduação em História Social, São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-18092008-161852/pt-br.php>>. Acesso em: 20 de jul. 2020.

KURY, Lorelai Brilhante. **O império dos miasmas: a Academia Imperial de Medicina (1830- 1850)**. 1990. Dissertação (Mestrado em História), Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 1990.

LAMOUNIER, Maria Lúcia. **Agricultura e Mercado de Trabalho: Trabalhadores Brasileiros Livres nas Fazendas de Café e na Construção de Ferrovias em São Paulo, 1850-1890**. Revista Estudos Econômicos. São Paulo: v. 37, n. 2, p. 353-372, Abr./Jun. 2007.

LAZZARI, Beatriz Maria. **Imigração e ideologia: reação do parlamento brasileiro à política de colonização e imigração (1850-1875)**. Porto Alegre: Editoras EST Edições e UCS, 1980.

LOURENÇO, Clediane. **Arcádia obstinada: a paisagem nas artes visuais do Paraná**. 2017. Tese (Doutorado em Artes), Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes, Florianópolis, 2017. Disponível em: <<https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000058/0000580e.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2022.

LÖWY, Michael. **Redenção e utopia: o judaísmo libertário na Europa Central: um estudo de afinidade eletiva**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

LLOYD, William. **A Railway Pioneer: Notes by a Civil Engineer in Europe and America From 1838 to 1888**. London, Baines and Scarsbrook, Printers, Fairfax Road. N W, 1900.

LLOYD, William. **Caminho de Ferro de D. Isabel da Província do Paraná à de Mato Grosso**: Considerações sobre a Empreza pelo Visconde de Mauá. Rio de Janeiro: Typografia De G & Filhos, 1875.

MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. **A proibição do tráfico atlântico e a manutenção da escravidão**. In GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (orgs.). O Brasil Imperial, v. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

MANFREDINI, Luiz. **Retrato no Entardecer de Agosto**. Autores Paranaenses, Curitiba: Editora Ipê Amarelo, 2016.

MARTINS, Romário. Paraná. **A divulgação**. Curitiba: Ano I, n. 3-4, p. 37-39, fev./mar. 1948.

MARTINS, Wilson. **Um Brasil Diferente**. 2ª edição, São Paulo: Editora T. A. Queiroz, 1989.

MARX, Karl. ENGELS, Frederich. **Manifesto do Partido Comunista**. 1ª edi. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.

MOTA, Lúcio Tadeu. **Os Kaingang do vale do Rio Ivaí – PR**, história e relações interculturais. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá – EDUEM, 2008.

MUSEU PARANAENSE. **Exposição Arte no Paraná**: fases itinerante e infra- estrutura (11 de maio a 08 de julho de 1990). Curitiba: Biblioteca do Museu Paranaense, 1991.

NASCIMENTO, Alfredo. **João Mauricio Faivre médecin et colonisateur**: in Revista Syniátrica, 1937. In: Revue d'histoire de la pharmacie, 26^e année, n°102, p. 312-313, 1938.

NASCIMENTO, Alfredo. **O centenário da Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro (1829- 1929)**: primórdios e evolução da medicina no Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1929.

PEREIRA, Luiz Fernando Lopes. **Paranismo: cultura e imaginário no Paraná da la república**. 1996. Dissertação (Mestrado em História), Departamento de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/26993?show=full>>. Acesso em: 16 ago. 2022.

PESAVENTO, Sandra Jathay. **O corpo e a alma do mundo**. A micro-história e a construção do passado. Revista Unisinos, São Leopoldo, v. 8, n. 10, p. 179-189, jul./dez. 2004.

PESAVENTO, Sandra Jathay. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PRADO, Danda. **O que é família**. 11ª Edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

PRIORI, Angelo. **História do Paraná**: Séculos XIX e XX. Maringá: Eduem, 2012.

PROST, Antoine. **Douze leçons sur l'histoire**. Paris: Seuil, 1996.

REIS, José Roberto Tozoni. **Família, Emoção e Ideologia**. In: Psicologia Social o homem em movimento. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

REIS, Nilson Júnior. **Aspectos Societários das Cooperativas**. Belo Horizonte: Mandamentos, 2006.

REZENDE, Joffre Marcondes de. **À sombra do plátano: crônicas de história da medicina**. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.

ROSEVICS, Larissa. **O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PARANAENSE E A CONSTRUÇÃO DE UM IMAGINÁRIO REGIONAL**. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Setor Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná – UFPR, 2009. Disponível em: < <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/20195?show=full>>. Acesso em: 21 ago. 2022.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Confissões**. 2ª edição, tradução de Fernando Lopes Graça, Lisboa: Editora Portugália, 1964.

RUDVALT, Darcio. **PARA ALÉM DO CENÁRIO, DO PALCO OU DO PITORESCO: a paisagem dos Campos Gerais no Paraná nos relatos de viagem no século XIX – Auguste de Saint-Hilare, Thomas P. Bigg-Wither e Visconde de Taunay**. 2016. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2016. Disponível em: < <https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/378>>. Acesso em 20 jul. 2022.

SARAT, Magda. **Literatura de viagem: olhares sobre o Brasil nos registros dos viajantes estrangeiros**. Revista eletrônica Patrimônio e Memória, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 33-54, dez. 2011. Disponível em: < <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/89> >. Acesso em: 13 jul. 2022.

SARTORI, Carina. **Entre a França e o Brasil: o itinerário atlântico de Michel- Marie Derrion (1803-1850)**. 2019. Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Assis, 2019. Disponível em: < https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7712625>. Acesso em: 21 out. 2021.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Construindo biografias...Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 3-22, jul. 1997. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2040>>. Acesso em: 31 de out de 2021.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Biografia e regimes de historicidade**. Revista MÉTIS: história & cultura – v. 2, n. 3, p. 57-72, jan./jun. 2003.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Trajetórias e vivências: as biografias na historiografia do movimento operário brasileiro**. Revista Projeto História PUC/SP, São Paulo, n. 16, fev. 1998.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Uma reflexão sobre o gênero biográfico: a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868-1945)**. 1996. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/109241>. Acesso em: 15 jun. 2021.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Um Socialista no Rio Grande do Sul - Antônio Guedes Coutinho (1868-1945)**. 1ª Edição, Rio Grande do Sul: Editora Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

SCHMIDT, Diná. **NARRATIVAS DE ESPAÇO: relatos de viajantes e representações sobre ocupação territorial, agricultura e meio ambiente**. In: XIX Congresso Nacional de Iniciação Científica. Anais do XIX EAIC – 28 a 30 de out. UNICENTRO, Guarapuava, 2010. Disponível em: <https://anais.unicentro.br/xixeaic/pdf/1271.pdf>. Acesso em: 18 set. 2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Alef Guilherme Zangari da. PRIORI, Ângelo Aparecido. **A trajetória de Jean-Maurice Faivre: a fundação da academia nacional de medicina e da colônia Thereza Christina no período imperial (1829/1847)**. In: Congresso Internacional de História, VIII, 2017, UEM, Paraná. Anais eletrônicos: VIII CHI UEM p. 2420 -2427. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2017/trabalhos/3539.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2021.

SILVA, Alef Guilherme Zangari da. **Política de imigração e colonização no Brasil Imperial: um estudo sobre a Colônia Thereza Christina-PR (1847-1875)**. 2019. Dissertação (mestrado em História), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2019. Disponível em: < <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/5616>>. Acesso em: 4 nov. 2021.

SIRINELLI, Jean François. **“Os Intelectuais”**. In: RÉMOND, René. Por uma história política. 2ª edição, p. 231-269, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SIRINELLI, Jean François. **Le hasard ou la necessite? Une histoire em chantier: l'histoire des intellectuels**. In: Vingtième Siècle. Revue d'histoire, no. 9, p. 97 – 108, jan./mar. 1986.

SOARES FILHO, José. **A negociação coletiva em face das relações de trabalho**. Revista eletrônica [do] Tribunal Regional do Trabalho da 9ª Região, Curitiba, PR, v.5, n. 51, p. 103-119, jun. 2016. Disponível em: <https://juslaboris.tst.jus.br/handle/20.500.12178/94656>. Acesso em: 19 jan. 2020.

SOUSA. Ailton Elisiário. **Memorial Maçônico de Campina Grande – 8 décadas e mais de Regeneração Campinense**. Campina Grande: Gráfica da UEPB, 2006.

STRAUBE, Fernando Costa. **Ruínas e urubus: história da ornitologia no Paraná**. Período de Natterer, 2 (1835 a 1865), Curitiba, Hori Consultoria Ambiental, 2013.

TSCHUDI, Johann Jakob Von. **Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo**. Biblioteca Histórica Paulista. São Paulo: Livraria Martins Editora S. A., 1953.

STECA, Lucinéia Cunha; FLORES, Mariléia das. **História do Paraná do Século XVI à década de 1950**. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, Eduel, 2002.

VAITSMAN, Jeni. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, coleção Brasil Diferente, 2002.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. Curitiba: Editora Gráfica Vicentina Ltda, caixa postal, 1972.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Imigração. História do Paraná**. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1988.

WEB ARTIGOS. **O cooperativismo em suas raízes: "A formação da Colônia Agrícola Tereza Cristina no Paraná do século XIX."** Arlindo Aparecido Madoenho. Paraná: 22 de junho de 2011. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/o-cooperativismo-em-suas-raizes-a-formacao-da-colonia-agricola-tereza-cristina-no-parana-do-seculo-xix/69459/#ixzz4vmM1g9Hi>>. Acessado em 19 de janeiro de 2020.

WESTPHAL, Jaine. **Colônia Tereza Cristina: um sonho socialista a beira do Ivaí**. 2016. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/redacoes/5619319?fbclid=IwAR1NZGJIrrshG90fHWx>>. Acesso em 31 de outubro de 2020.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**. São Paulo: EDUSP, 1994.

APÊNDICE A: FONTES CONSULTADAS

ALMEIDA, Joaquim Antunes de. **Jean-Maurice Faivre – Síntese biográfica**. Do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. vol.169, p.211, 1934.

BRASIL. **Anuario Politico, Historico e Estatistico do Brasil**. p. 46 - 47, 1846.

DEZENOVE DE DEZEMBRO. **Parte oficial**. Anno IV, edição 28, sábado, 1 de agosto de 1857.

DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. **Leilões**. Rio de Janeiro, v. I, n. 123, 125, 127, 128, 129, 137, 138, 139, 140 e 141 Tipografia do diário, 1841.

FAIVRE, Jean Maurice. **Dissertation sur le projet d'établir Une Maison de Santé dans chaque canton de la France**. Faculté de Médecine de Paris, le 27 juillet 1825.

FAIVRE, Jean-Maurice. **Princípios para um modo de colonização para o Brasil**. Paris, Biblioteca Nacional da França, 1844-1846.

FAIVRE, Jean-Maurice. **Relatório encaminhado ao Presidente da Província Zacarias de Góes e Vasconcellos**, Arquivo Público do Paraná, 1858.

GOVERNO IMPERIAL. **Decisões do Governo do Imperio do Brasil**. Rio de Janeiro, tomo XVI, n 24, p. 6, Tipografia Nacional, 1853.

GUARAPUAVA. **Relatório do Vigário da Catedral de Nossa Senhora do Belém**. Vigário Antônio Braga D' Araújo. Livro de Casamentos n° 1-b, 1857.

GUARAPUAVA. **Relatório do Vigário da Catedral de Nossa Senhora do Belém**. Vigário Antônio Braga D' Araújo. Livro de Óbito n° 1-b, 1858.

JORNAL DO COMMERCIO. **Annuncios**. Rio de Janeiro, v. I n. 178, Tipografia imperial e constitucional de J. Villeneuve, 1845.

JORNAL DO COMMERCIO. **Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, v. I n. 31, Tipografia imperial e constitucional de J. Villeneuve, 1847.

PARANÁ. **Relatório do Presidente da Província do Paraná**. Presidente Zacarias de Góes e Vasconcellos na Assembleia provincial em 15 de julho de 1854. Curitiba: Tipografia paranaense de Cândido Martins Lopes, 1854.

PARANÁ. **Relatório do Presidente da Província do Paraná**. Presidente Zacarias de Góes e Vasconcellos na Assembleia provincial em 8 de fevereiro de 1854. Curitiba: Tipografia paranaense de Cândido Martins Lopes, 1855.

PARANÁ. **Relatório do Vice-Presidente da Província do Paraná**. Vice presidente Henrique de Beaurepaire Rohan na Assembleia provincial em 1 de março de 1856. Curitiba: Tipografia de Cândido Martins Lopes, 1856.

PARANÁ. **Relatório do Vice-Presidente da Província do Paraná**. Vice presidente Jose Antonio Vaz de Carvalhaes, apresentado na Assembleia provincial em 7 de janeiro de 1857. Curitiba: Tipografia de Cândido Martins Lopes, 1857.

PARANÁ. **Relatório do Presidente da Província do Paraná.** Presidente Francisco Liberato de Mattos na Assembleia provincial em 7 de janeiro de 1858. Curitiba: Tipografia paranaense de Cândido Martins Lopes, 1858.

PARANÁ. **Relatório do Presidente da Província do Paraná.** Presidente Francisco Liberato de Mattos na Assembleia provincial em 7 de janeiro de 1859. Curitiba: Tipografia paranaense de Cândido Martins Lopes, 1859.

PARANÁ. **Relatório do Presidente da Província do Paraná.** Presidente André Augusto Padua Fleury na Assembleia provincial em 21 de março de 1865. Curitiba: Tipografia paranaense de Cândido Martins Lopes, 1865.

PARANÁ. **Relatório do Presidente da Província do Paraná.** Presidente Poliodro Cezar Burlamaque na Assembleia provincial em 15 de março de 1867. Curitiba: Tipografia paranaense de Cândido Martins Lopes, 1867.

PARANÁ. **Relatório do Presidente da Província do Paraná.** Presidente Venancio José de Oliveira Lisboa na Assembleia provincial em 19 de março de 1872. Curitiba: Tipografia paranaense de Cândido Martins Lopes, 1872.

RIBEIRO, Lourival. **Jean Maurice Faivre.** In: Revista do Instituto Histórico Brasileiro. Rio de Janeiro: Volume 151, nº 367, 1990.

RIO DE JANEIRO. **Semana de Saude Publica pela Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, 03 de Janeiro de 1831. Typographia Imperial, 1831.

SÃO PAULO. **Discurso na Assembleia Legislativa de São Paulo.** Presidente Dr. José Thomas Nabuco d'Araujo, em 1 de maio de 1852. São Paulo: Tipografia do governo arrendada por Antonio Louzada Antunes, 1852.